

**O CLÍTICO *SE* E A VARIAÇÃO ÊNCLISE/PRÓCLISE DO
PORTUGUÊS MÉDIO AO PORTUGUÊS EUROPEU
MODERNO**

André Luis Antonelli

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

Departamento de Lingüística
Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas

Campinas, 17 de janeiro de 2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

An88c	<p>Antonelli, André Luis. O clítico se e a variação ênclise/próclise do Português Médio ao Português Europeu Moderno / André Luis Antonelli. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.</p> <p>Orientador : Charlotte Marie Chambelland Galves. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Língua portuguesa. 2. Mudanças Lingüísticas. 3. Sintaxe (Gramática). 4. Gramática Comparada e Geral - Clíticos. 5. Gramática Gerativa. I. Galves, Charlotte Marie Chambelland. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

Título em inglês: The clitic se and the enclisis/proclisis variation from Middle Portuguese to Modern European Portuguese.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Portuguese Language; Linguistic change; Syntax (Grammar); Grammar, Comparative and general - Clitic; Generative Grammar.

Área de concentração: Lingüística.

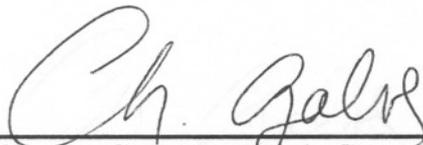
Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (orientadora), Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa e Profa. Dra. Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais.

Data da defesa: 17/01/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

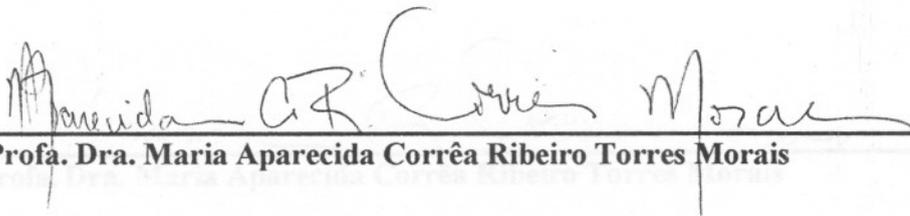
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves



Prof. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa



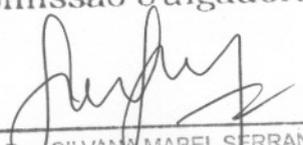
Prof. Dra. Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais

Este exemplar e a redação final da tese defendida por André Luis

Antonelli

e aprovada pela Comissão Julgadora em

08/05/07



Prof. Dra. SILVANA MABEL SERRANI
Coordenadora Geral de Pós-Graduação
IEL/UNICAMP
Matr. 06440-8

200723571

Agradecimentos

Durante o período de realização desta dissertação, tive a oportunidade de entrar em contato com pessoas que foram decisivas para o encaminhamento do trabalho. Tem sido um prazer enorme desfrutar do convívio delas. Aqui, enfatizo o meu agradecimento a essas pessoas brilhantes, que têm enriquecido, de maneira incalculável, a minha jornada acadêmica, social e espiritual.

De uma maneira especial gostaria de deixar o meu agradecimento à professora Charlotte Galves. Desde os tempos da graduação, quando recebi o seu convite para participar do projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*, a professora Charlotte tem se mostrado atenta e disposta para discutir as questões que lhe apresentei. Além disso, a sua maneira de analisar criteriosamente aquilo que lhe é submetido tem me ensinado muito, ao longo desses anos em contato com ela, da postura que se espera de um pesquisador diante de seu objeto de estudo.

Tenho sido um admirador do trabalho das professoras Maria Clara Paixão de Sousa e Sonia Cyrino. Aprendi muito com suas aulas e com seu espírito científico. A ambas, portanto, o meu muito obrigado. Agradeço ainda à Maria Clara por ter aceitado participar tanto do meu exame de qualificação quanto da banca examinadora da defesa da dissertação. Nessas duas ocasiões, suas orientações foram de enorme valor.

De outras universidades, agradeço à professora Maria Aparecida Torres Morais (USP), que gentilmente aceitou participar da banca examinadora desta dissertação, e à

professora Ilza Ribeiro (UFBA), que, por ocasião do exame de qualificação, deu sugestões muito importantes para o desenvolvimento do trabalho.

Muito obrigado aos meus colegas de Unicamp, e de um modo muito especial aos participantes do projeto *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística* com os quais tive a oportunidade de me relacionar.

O corpo de funcionários do IEL é marcado por um espírito de grande prestatividade. A eles a minha gratidão também.

O meu obrigado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pela bolsa de estudos outorgada.

Minha família também teve um papel importante durante o tempo de realização deste trabalho. Agradeço imensamente aos meus pais, João e Lucinha, que sempre me apoiaram nas atividades acadêmicas que empreendi. Não posso me esquecer do Rafa, que é um irmão bastante compreensivo comigo.

Agradecimentos especiais vão para os amigos Cleiva, César e Ricardo Palmeira.

À Ellen também expressei a minha enorme gratidão. Por meio dela, conheci pessoas muito simpáticas, tais como Elcio, Lene, Felipe e Evelyn. Não me esqueço das inúmeras vezes em que ela, procurando me ajudar a esclarecer questões da pesquisa que ainda eram um tanto obscuras, mostrou o maior interesse possível em me ouvir e me questionar. Além disso, a sua simpatia e ternura têm se constituído num profundo apoio emocional para mim.

E, por fim, registro o meu agradecimento a Deus. Primeiro, pelos conselhos de vida recebidos durante o período deste trabalho. Segundo, pelas muitas oportunidades inimagináveis que se abriram.

“Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil?”
(Gênesis 18:14)

A
meus pais.

Sumário

Resumo	ix
Abstract	x
Apresentação	1
1. A Alternância Ênclise/Próclise e o Clítico <i>SE</i>: Estado da Arte	5
1.1. Introdução	6
1.2. A história da alternância	7
1.2.1. Os contextos de alternância	7
1.2.2. A dinâmica da alternância ênclise/próclise e as gramáticas envolvidas	11
1.2.3. A correlação entre a ênclise e <i>se</i>	13
1.2.4. Uma explicação para a correlação: a hipótese de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005)	18
1.2.4.1. A derivação de clíticos no PM e no PE	19
1.2.4.2. <i>Se</i> passivo e a derivação da ênclise	24
2. A Documentação para Análise	33
2.1. Introdução	34
2.2. O contexto da pesquisa	34
2.3. O corpus de análise	35
2.4. A periodização dos textos	43
2.5. Contextos sintáticos de investigação	44
3. Construções com <i>Se</i>: Descrição do Percorso Diacrônico da Alternância Ênclise/Próclise	53
3.1. Introdução	54
3.2. Os padrões de evolução da alternância ênclise/próclise	55
3.2.1. O quadro geral	55
3.2.2. A ênclise versus a próclise com <i>se</i> e os diferentes constituintes pré-verbais	62
3.2.3. Conclusões preliminares	68
4. A Ênclise e a Próclise com <i>Se</i>: uma Análise Alternativa	70
4.1. Introdução	71

4.2. Uma revisão da hipótese de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005)	72
4.2.1. A ordem “sujeito da passiva + verbo”: um contexto relevante para o desencadeamento da ênclise?	72
4.2.2. Periferia à esquerda da oração: a posição do sujeito de passiva com <i>se</i>	79
4.3. A ênclise e o efeito de contrastividade	94
4.3.1. O clítico <i>se</i> e o uso de tópicos contrastivos	95
4.3.2. A passagem para o século 18 e o fim da correlação entre a ênclise e <i>se</i>	107
Considerações Finais	113
Referências Bibliográficas	115
Apêndices	118
Apêndice I. Sentenças do corpus analisado	118
Apêndice II. Tabelas	181

Resumo

No Português Europeu, do século 16 ao 19, é atestado em textos escritos que a ênclise e a próclise podem co-ocorrer no contexto sintático das orações afirmativas finitas não-dependentes *XP-V*, sendo *XP* um sintagma de natureza [+ referencial]. Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) já observaram que, até por volta de 1700, o uso da próclise é quantitativamente maior que o da ênclise. No entanto, a partir do início do século 18, começa a haver uma inversão nessa proporção, de tal modo que, no Português Europeu Moderno, os mesmos contextos que outrora admitiam a colocação proclítica apresentam agora a ênclise de maneira categórica.

Em textos escritos antes do século 18, Galves, Britto & Paixão de Sousa já notaram que a opção pela ênclise está fortemente associada ao uso do clítico *se*. Elas mostram que, em textos dos séculos 16 e 17, um alto percentual de ênclise em sentenças sujeito-iniciais tipicamente traduz-se em uma alta proporção da ordem “sujeito + verbo + clítico *se*”. Esse mesmo paradigma, porém, não é observado para os textos dos séculos 18 e 19, já que, nos textos escritos por autores nascidos após 1700, a distribuição da ênclise com *se* e com os outros clíticos é muito mais balanceada.

Dada essa particularidade no fenômeno da colocação de clíticos do Português Europeu envolvendo o pronome *se*, procuro investigar, dentro do quadro teórico da gramática gerativa, a dinâmica da alternância ênclise/próclise especificamente em sentenças com esse clítico entre os séculos 16 e 19, buscando entender melhor em que circunstâncias a ênclise aparece e como isso se relaciona com o clítico *se*.

Abstract

In European Portuguese, from the 16th to the 19th century, it is noticed that, in written texts, enclisis and proclisis may co-occur in non-dependent affirmative sentences *XP-V*, *XP* being a [+referential] phrase. Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) already observed that, up to about 1750, the use of proclisis is quantitatively higher than that of enclisis. However, from the beginning of the 18th century on, an inversion of this proportion started to occur in such a way that, in Modern European Portuguese, enclisis is categorical in all those contexts where the proclitic placement was allowed earlier.

In texts written before the 18th century, Galves, Britto & Paixão de Sousa already noticed that the enclitic choice is strongly correlated with the use of the clitic *se*. They show that, in 16th and 17th century texts, a high rate of enclisis in subject-initial sentences typically translates into a high proportion of the word order “subject + verb + clitic *se*”. However this same paradigm is not observed in relation to the 18th-19th century texts since, in the texts written by authors born after 1700, the distribution of enclisis with *se* and with other clitics is much more balanced.

Given such particularity of the clitic-placement phenomenon in European Portuguese involving the clitic *se*, I try to investigate, within the theoretical framework of the generative grammar, the dynamics of enclisis/proclisis variation specifically in this kind of sentence between the 16th and 19th century, trying to improve the understanding about the circumstances in which enclisis arises and how it relates to the clitic *se*.

Apresentação

O objetivo deste trabalho é, dentro do quadro teórico da gramática gerativa, realizar uma investigação diacrônica sobre o uso de *se* no fenômeno da colocação de pronomes clíticos ao longo de duas variedades do Português Europeu: o Português Médio (PM), entendido como a gramática instanciada até o fim do século 17, e o Português Europeu Moderno (PE), que vem a ser a gramática do Português Europeu a partir do século 18. Mais precisamente, pretende-se estudar o comportamento do clítico *se* no âmbito da alternância ênclise/próclise registrada até a segunda metade do século 19 em construções com verbo não-inicial, focalizando especialmente o período de tempo que se estende do século 16 ao 19.

Como tem sido registrado na literatura sobre a história do Português Europeu, há, entre os séculos 13 e 19, uma variação empírica quanto ao posicionamento de pronomes clíticos junto ao verbo no contexto das orações afirmativas não-dependentes *XP-V*, sendo *XP* um sintagma de natureza [+ referencial].¹ Ou seja, em tais ambientes sintáticos, atesta-se tanto o clítico em posição pós-verbal, configurando uma construção com ênclise

(V-cl), bem como em posição pré-verbal, configurando uma construção com próclise (clV). No que diz respeito particularmente ao espaço de tempo que vai do século 16 ao 19, a predominância da próclise que é típica até o fim do século 17 cede espaço à generalização da ênclise — opção esta que se torna a ordem obrigatória no PE. Dentro desse contexto, o trabalho de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), de maneira pioneira, apresenta evidências que demonstram haver, em textos de escritores nascidos antes do século 18, uma forte relação empírica entre a colocação enclítica e o uso do pronome clítico *se*. Os resultados das autoras mostram que, em textos dos séculos 16 e 17, um alto índice percentual da ênclise se traduz em uma alta proporção da ordem linear “V-SE”, paradigma este que não é verdadeiro para os textos de escritores nascidos durante os séculos 18 e 19. Por conta disso, é feita a sugestão de que, caso a natureza das construções com *se* de alguma maneira afete a colocação de clíticos em favor da ênclise, isto deixa de ser um fator importante nos textos do século 18 em diante, quando a ênclise passa a ser superficializada como a opção favorita com qualquer tipo de clítico.

À luz desses fatos, é natural que se levante a seguinte questão: por que razão, até fins do século 17, a ênclise parece estar correlacionada ao uso de construções com o clítico *se*, ao passo que, de 1700 em diante, tal correlação não se mostra mais visível nos textos? Em outros termos, essa mesma questão poderia ser colocada da seguinte forma: em que medida a estrutura de sentenças com *se*, em contraste com a estrutura de sentenças com outros clíticos, favoreceria a superficialização da ênclise no PM, enquanto que no PE a natureza do clítico é irrelevante para a escolha enclítica, já que esta vem a se tornar a colocação categórica nos ambientes sintáticos que outrora admitiam a alternância?

¹ Cf., entre outros, Martins (1994), Ribeiro (1995), Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005).

Em seu trabalho, Galves, Britto & Paixão de Sousa formulam que a correlação entre a ênclise e *se* durante o PM pode ser explicada por conta de uma eventual especificidade relacionada à localização da posição pré-verbal reservada para o objeto lógico² de sentenças com o clítico *se* de valor passivo. Nesta dissertação, trabalharei com a hipótese de que a correlação entre a ênclise e o clítico *se* não é motivada por qualquer especificidade da estrutura de sentenças com *se*, particularmente daquelas que envolvem o clítico *se* de natureza passiva. Na realidade, o objetivo é mostrar que, dada a estrutura oracional do PM que será aqui assumida, a correlação entre a ênclise e *se* registrada nos textos produzidos por essa gramática pode ser melhor compreendida como o resultado de um uso mais intenso de tópicos contrastivos em construções com o clítico *se*. Nesse sentido, o fato de se ter o favorecimento da ênclise em construções com *se* estaria relacionado a fatores discursivos e textuais, ocorrendo independentemente do valor que é atribuído ao pronome clítico *se* e sem necessidade de advogar uma estrutura particular para as sentenças com *se* passivo em oposição à estrutura tanto de sentenças com outros clíticos bem como à de sentenças com o próprio clítico *se* de valor não-passivo.

Esta dissertação terá a seguinte organização: no capítulo 1, coloco-me a abordar três pontos. Num primeiro instante, a idéia é sistematizar em que contextos específicos a alternância empírica entre a ênclise e a próclise é registrada ao longo da história do Português Europeu. Em seguida, pensando exclusivamente no período de tempo que se estende do século 16 ao 19, apresento os argumentos que Galves, Britto & Paixão de Sousa levantam em favor da existência de uma correlação entre a ênclise e o clítico *se* na gramática do PM. E, por fim, apresento qual é a hipótese que as autoras formulam para explicar tal correlação.

² Em termos tradicionais, o objeto lógico de sentenças desse tipo também é designado de *sujeito da passiva*.

No capítulo 2, trato de apresentar informações sobre o contexto de formação desta pesquisa bem como sobre a amostra de dados que contemplo aqui.

Em seguida, no capítulo 3, o objetivo é realizar uma descrição dos resultados obtidos a partir do tratamento estatístico aplicado aos dados da pesquisa.

E, por fim, o capítulo 4 é dedicado, inicialmente, a uma detalhada discussão, a partir do meu corpus de investigação, em torno da proposta que Galves, Britto & Paixão de Sousa sugerem para explicar a correlação entre a colocação enclítica e o clítico *se* na fase média do Português Europeu, mostrando em que aspectos essa proposta é insatisfatória diante dos dados com os quais trabalho. Na seqüência, apresento uma hipótese alternativa, mostrando como a relação entre a ênclise e *se* está intimamente relacionada a aspectos discursivos e textuais de um período histórico específico do Português Europeu.

CAPÍTULO 1

A ALTERNÂNCIA ENCLISE/PRÓCLISE E O CLÍTICO *SE*:

ESTADO DA ARTE

1.1. Introdução

Neste capítulo, pretendo abordar três pontos considerados por mim fundamentais para o desenvolvimento da dissertação nos capítulos seguintes. Primeiramente, a idéia aqui é sistematizar, de maneira mais detalhada, em que contextos sintáticos específicos a alternância empírica entre a ênclise e a próclise é registrada na história do Português Europeu dentro do período de tempo que o presente trabalho tem por objetivo investigar, procurando apontar quais gramáticas se encontram envolvidas na dinâmica de tal fenômeno. Esse aspecto inicial é relevante na medida em que tornará possível acompanhar de maneira mais clara, logo na seqüência, o conjunto de argumentos que será apresentado em favor da existência de uma correlação entre a ênclise e *se* no período de tempo anterior ao século 18. E, por fim, pretendo mostrar qual é a hipótese que Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) sugerem para explicar tal correlação. Esse último ponto é importante ao menos por duas razões. Primeiro, pois permitirá observar como o problema tem sido abordado na literatura. Segundo, porque se trata do único trabalho que, até o momento, chegou a propor uma explicação teórica para a relação empírica

entre a ênclise e o clítico *se* durante o período em questão da história do Português Europeu.

1.2. A história da alternância

1.2.1. Os contextos de alternância

O fenômeno da colocação de clíticos seguramente se constitui em um dos mais interessantes da história do Português Europeu, o que tem motivado a realização de diversos estudos que enfocam momentos históricos distintos dessa língua.³ Atentando-se especificamente para o período de tempo que se estende do século 16 ao 19, dois aspectos singulares têm sido registrados. Um deles tem a ver com o fato de que, em certas configurações sintáticas, a ênclise e a próclise se apresentam como superficializações categóricas ao longo de todo o tempo. A colocação enclítica, por exemplo, é obrigatória em orações independentes cujo verbo é instanciado como o primeiro constituinte absoluto da sentença, conforme exemplificado em (1).

(1) Orações independentes verbo-iniciais

- a. *Defendeu-o, emparou-o* (bem sabe Vossa Paternidade a história) e como verdadeiro amigo escreveu-lhe... (Luis de Sousa, 1556)

(Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, ex. 2c)

³ Dentro do quadro teórico da gramática gerativa simplesmente, cf. Ribeiro (1995) e Martins (1994), que investigam o período medieval do Português. Para o período pós-século 16, tem-se, por exemplo, os trabalhos de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), Paixão de Sousa (2004) e Torres Morais (1995). Quanto ao período moderno, cf. Galves & Sândalo (2004) e Barbosa (2000), entre outros.

- b. *Julga-vos* as obras, *julga-vos* as palavras. (Antonio Vieira, 1608)

(Galves & Paixão Sousa 2004, ex. 12)

A próclise, por sua vez, é registrada como a colocação categórica sempre que o verbo é imediatamente precedido por constituintes quantificados, focalizados ou certos advérbios modais, como ilustrado em (2).

(2) Verbo precedido por constituintes quantificados, focalizados ou advérbios modais

- a. Todos **me** *tratam* como a desfavorecido. (Francisco Manuel de Melo, 1608)

(Galves & Paixão de Sousa 2004, ex. 11c)

- b. Elas mesmas **lhe** *contaram* que os turcos, quando lhes vinha vontade de copular, se iam ter com elas com a mesma facilidade com que iam beber água quando tinham sede; suponho que não lhe fariam sangue, visto o que madrugam os portugueses para circuncidarem as suas pequenitas. (Antonio da Costa, 1714)

(Paixão de Sousa 2004, ex. 11a)

- c. Bem **me** *importava* entender ao certo o que se passa... (Francisco Manuel de Melo, 1608)

(Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, ex. 2a)

O segundo aspecto singular da sintaxe de posição dos clíticos na história do Português Europeu está relacionado ao fato de que, nesse mesmo período de tempo que vai do século 16 ao 19, a ênclise e a próclise podem co-ocorrer em certos ambientes

sintáticos. Basicamente, essa alternância empírica se manifesta em sentenças afirmativas finitas não-dependentes nas quais o verbo ocupa a segunda posição superficial da oração, sendo imediatamente precedido por um dos seguintes constituintes: um sujeito referencial não-focalizado (3), um sintagma preposicional (PP) (4), um elemento adverbial não-modal (5) ou uma oração dependente fronteada (6). Essa alternância é atestada também em orações coordenadas V1 (7).

(3) Verbo precedido por sujeito referencial não-focalizado

- a. Os cortesãos *chamam-lhe* replexão por haver comido muito... (J. Cunha Brochado, 1651)

(Galves & Paixão de Sousa 2004, ex. 13b)

- b. Ruy Lopes de Villa-Lobos *o recebeo* com muita honra. (Diogo do Couto, 1542)

(Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, ex. 1d)

(4) Verbo precedido por um PP

- a. A respeito de Prado *diz-me* Queiroz: “Não sei se Você já o viu depois de casado”. (Ramalho Ortigão, 1836)

(Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, ex. 1j)

- b. Por esta razão *lhe pareceu* ao senhor Embaixador que o dinheiro, que aqui está e vem chegando de Veneza, se não remeta até novo aviso de Vossa Excelência, esperando que, pois cá está, se conforme Vossa Excelência com que ele seja parte dos vinte mil cruzados que Sua Majestade manda dar para este negócio, visto estarmos no ponto em que se há-de concluir por uma ou por outra parte; (Antonio Vieira, 1608)

(Paixão de Sousa 2004, ex. 16h)

(5) Verbo precedido por um elemento adverbial não-modal

- a. Finalmente, *promete-me* que as minhas cartas não sairão da sua mão, ao menos em meu nome. (Antonio Verney, 1713)

(Paixão de Sousa 2004, ex. 17d)

- b. Sábado passado **vos mandei** um papel de engaços. (Francisco Manuel de Melo, 1608)

(Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, ex. 1h)

(6) Verbo precedido por uma oração dependente fronteada

- a. Se alegais o nome que tendes de cristãos, *digo-vos* que nada vos deve Deus por isso, porque que ídolos ou heresias deixastes vós, por seguir a Cristo? (Manuel, Bernardes, 1644)

(Paixão de Sousa, 2004, ex. 21a)

- b. Vendo-o um Cónego no adro daquela antiga Sé **lhe disse**: De quem sois meu menino? (André de Barros, 1675)

(Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, ex. 3d)

(7) Orações coordenadas V1

- a. Deus julga os pensamentos, mas conhece-os. (Antonio Vieira, 1608)

(Galves & Paixão de Sousa 2004, nota 3, exemplo iv)

- b. Durando as persuasões do padre, chegou preparada uma mezinha, e **lhe pediram** se retirasse. (Manuel Bernardes, 1644)

(Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, ex. 3b)

Bastante interessante é que, nesses ambientes onde se verificava a alternância entre a colocação enclítica e a próclítica, a ênclise veio a se constituir, a partir da segunda metade do século 19, como a ordem obrigatória, fato este confirmado pelas sentenças do PE em (8).

(8) a. O Paulo falou-me / *O Paulo me falou

(Galves & Sândalo 2004, ex. 3)

b. Geralmente vejo-a de manhã / *Geralmente a vejo de manhã

(Barbosa 2000, ex. 17)

c. Na semana passada, encontrei-me com os meus amigos colegas de escola. / * Na semana passada, me encontrei com os meus amigos colegas de escola.

(Galves 2001, exs. 7 e 8)

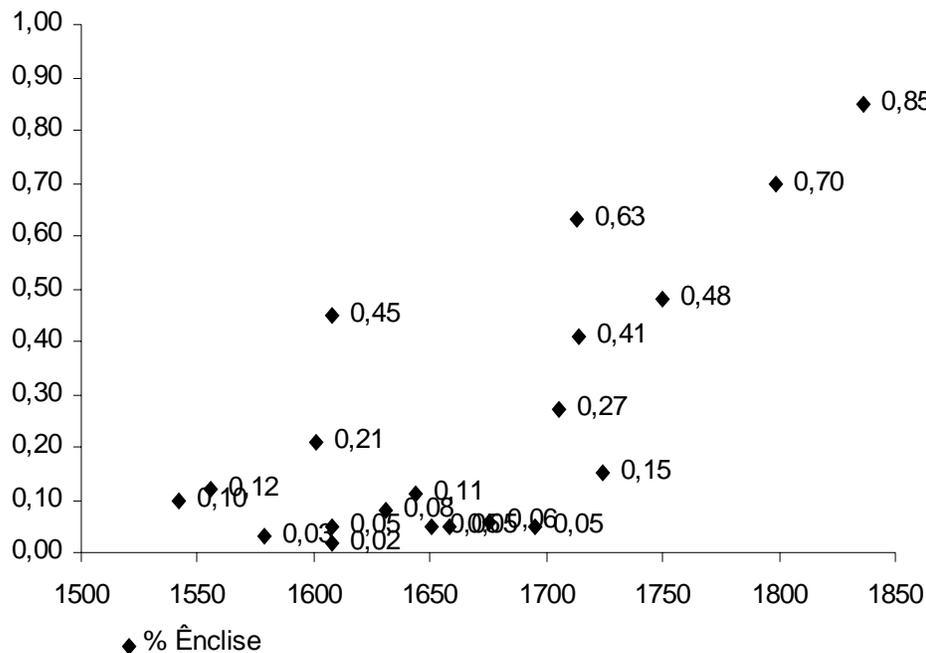
1.2.2. A dinâmica da alternância ênclise/próclise e as gramáticas envolvidas

Estudando exatamente a colocação de clíticos nos contextos que admitiam a alternância ênclise/próclise, Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) chegam a um quadro bastante interessante de como se dá a evolução da ênclise desde o século 16 até a primeira metade do século 19, conforme se observa no gráfico 1.⁴ A localização de cada autor na linha do tempo se dá pela data de nascimento.

⁴ Nesse gráfico, são computadas apenas orações afirmativas finitas não dependentes com verbo em segunda posição superficial, cujo constituinte pré-verbal seja um sujeito referencial não-focalizado (1233 sentenças), um constituinte adverbial não-modal (365 sentenças) ou um PP que não seja um argumento frontado (935 sentenças).

Gráfico 1: a distribuição da ênclise versus a próclise nos contextos de variação XP-V

(Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005)



Como ressaltam Galves, Britto & Paixão de Sousa, este gráfico evidencia dois momentos distintos. Um primeiro, que se estende até o fim do século 17, quando o índice da ênclise nos textos gira em torno de 10% ou menos, com apenas duas exceções: *A Arte de Furtar* de Manuel da Costa, com 21% de ênclise, e os *Sermões* de Vieira, com 45% de ênclise. Um segundo momento pode ser delimitado a partir de 1700, quando começa a ocorrer um aumento gradativo no percentual de utilização da ênclise, que salta de 27% em *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens* (obra de Matias Aires, nascido em 1705) para 85% nas cartas de Ramalho Ortigão (nascido em 1836).

Os padrões registrados no gráfico 1, articulados a uma análise qualitativa, são interpretados pelas autoras como indicativos de que os textos escritos por autores

nascidos nos séculos 16 e 17 representam uma gramática na qual a ênclise e a próclise correspondem a estruturas distintas: a próclise é neutra e a ênclise é uma estrutura marcada. Em contraste, com relação aos textos escritos por autores nascidos a partir de 1700, Galves, Britto & Paixão de Sousa defendem que esta opcionalidade não é mais ativa, e que a ênclise deixa de corresponder a uma construção marcada. Nessa nova gramática, a ênclise passa a ser a forma categórica nos contextos *XP-V*. Quanto à variação empírica entre a ênclise e a próclise que ainda é observada nos textos, argumenta-se que tal alternância não seja produzida mais por uma única gramática, mas sim que seja o resultado de competição de gramáticas (no sentido de Kroch 1994, 2001). Dentro dessa perspectiva, a mudança gramatical já teria ocorrido na passagem do século 17 para o 18, e a alternância que continua a ser empiricamente atestada é a tensão, no desempenho escrito dos falantes, entre a gramática nova e a gramática antiga.

Sem me deter aqui nos argumentos sintáticos que Galves, Britto & Paixão de Sousa apresentam para a delimitação no tempo dessas duas gramáticas, apenas ressalto que a gramática anterior ao século 18 é a gramática do Português Clássico, ou, como sugere Galves (2004), Português Médio (PM), ao passo que a partir do século 18 já seria instanciada nos textos a gramática do PE.

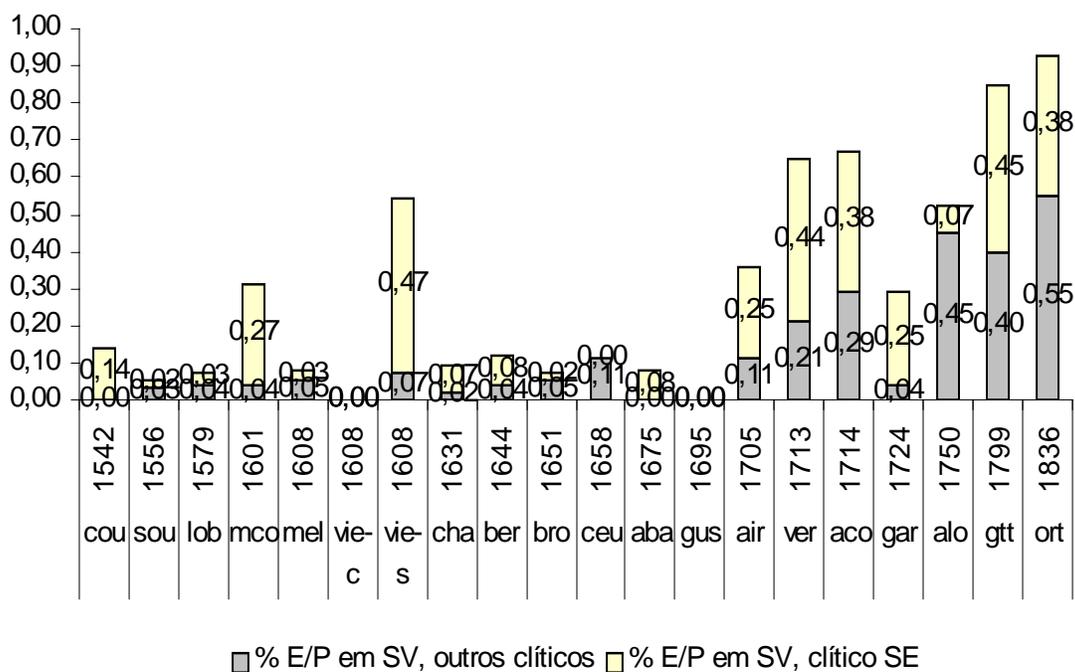
1.2.3. A correlação entre a ênclise e *se*

Diante desse quadro geral da alternância ênclise/próclise na história do Português Europeu, tal como se acabou de apresentar, e tendo em mente a delimitação no tempo das

gramáticas envolvidas, uma forte evidência do comportamento diferenciado de *se* em relação a outros pronomes complementos vem da observação da dinâmica da alternância empírica entre a ênclise e a próclise especificamente no âmbito das sentenças com sujeito pré-verbal (SV).

De maneira geral, Galves, Britto & Paixão de Sousa notam que os padrões de ênclise nessa configuração específica são bastante próximos daqueles que se registram quando são computados todos os contextos onde era possível a alternância ênclise/próclise. Entretanto, de um modo particular na configuração SV, é observado que a colocação enclítica em textos de escritores nascidos antes do século 18 está fortemente relacionada com o uso do clítico *se*. Na verdade, quando levado em consideração o fator tipo de clítico no índice geral da ênclise em cada texto, os resultados de Galves, Britto & Paixão de Sousa apontam para o seguinte fato: um alto índice percentual da ênclise em textos dos séculos 16 e 17 se traduz em uma alta proporção da construção “V-SE”, paradigma este que não é verdadeiro para os textos de escritores nascidos durante os séculos 18 e 19. Isso que se acabou de dizer é ilustrado no gráfico 2, onde os índices de SV com a ênclise são decompostos entre as ordens de palavras “SV-SE” e “SV-CL” (em que *CL* faz referência a todos os clíticos com a exceção do pronome *se*).

Gráfico 2: a ênclise versus a próclise com sujeitos pré-verbais — o clítico *se* em comparação a outros clíticos (Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005).

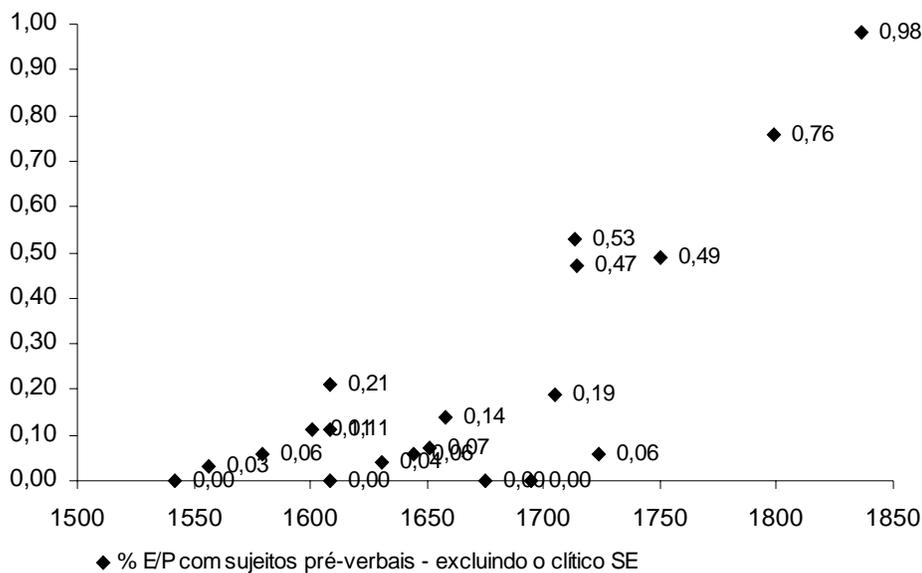


Galves, Britto & Paixão de Sousa notam que, nos textos dos três autores mais enclíticos dos séculos 16 e 17 (Couto, nascido em 1542; Costa, nascido em 1601; e Vieira — *Sermões* — nascido em 1608), isto é, obras de autores representativos da gramática do PM, a ênclise com *se* tem um efeito considerável sobre o percentual geral da ênclise no ambiente SV. Em outros termos: a maioria dos casos de ênclise nesses textos é representada pela seqüência “V-SE” (no caso de Couto, isso equivale a 100%). Por outro lado, nos textos escritos por autores nascidos depois de 1700, que já seriam representantes da gramática do PE, a distribuição da ênclise com *se* e com outros clíticos é significativamente mais balanceada, e não necessariamente pendendo para o lado do clítico *se*. Tal contraste entre o que ocorre antes de 1700 e depois dessa data pode ser melhor observado por meio de uma comparação entre as cartas da Marquesa de Alorna (nascida em 1750) e os *Sermões* de Vieira (nascido em 1608). No texto de Alorna, o

índice geral da ênclise em sentenças SV é de 51%, bastante próximo do que é verificado nos *Sermões* de Vieira (54%). Entretanto, o gráfico 2 mostra que o percentual de 54% de Vieira é composto por um índice de 47% de ênclise com *se* mais 7% de ênclise com outros clíticos. Ou seja, uma grande proporção das sentenças SV enclíticas envolve o clítico *se*. Em contraste, o percentual de 51% de ênclise no texto de Alorna é composto por 7% de ênclise com o clítico *se* mais um índice de 45% de ênclise com outros clíticos. Neste caso, a proporção de sentenças SV enclíticas que envolvem o pronome *se* é muito mais baixa. O mesmo pode ser dito para os outros dois autores nascidos depois de 1750: Almeida Garrett (nascido em 1799) e Ramalho Ortigão (nascido em 1836). No primeiro, o índice geral de 85% de ênclise é composto por 45% com *se* e 40% com outros clíticos. No caso do texto do segundo autor, a proporção de 93% de ênclise é decomposta em 38% com *se* e 55% com outros clíticos. Ou seja, em nenhum deles se percebe uma correlação quantitativa entre um emprego elevado de ênclise e concomitante índice elevado da seqüência “V-SE” em comparação à “V-CL”.

Galves, Britto & Paixão de Sousa ainda mostram esses mesmos fatos em torno do clítico *se* a partir de uma perspectiva ligeiramente diferente. Excluindo o clítico *se*, as autoras mostram o panorama da alternância ênclise/próclise em sentenças SV apenas com outros clíticos, tal como ilustrado no gráfico 3.

Gráfico 3: a ênclise versus a próclise com sujeitos pré-verbais — excluindo o pronome clítico *se* (Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005).



As autoras destacam do gráfico 3 que, nos textos escritos por autores nascidos antes do século 18, o índice de ênclise não ultrapassa 14%, com a exceção dos *Sermões* de Vieira, onde se tem 21% de ênclise. Porém, dentro dessa perspectiva, mesmo o texto de Vieira já não se mostra tão contrastante em relação ao dos seus contemporâneos. Quanto ao período de tempo posterior a 1700, a exclusão do clítico *se* no cálculo da proporção da ênclise em relação à próclise não altera a tendência em favor da categorização da ênclise, tal como é constatado quando também são computadas as orações com o pronome clítico *se* (cf. gráfico 2).

Diante de tais resultados, Galves, Britto & Paixão de Sousa sugerem a possibilidade de haver, no PM, algum tipo de singularidade sintática em torno das orações com o clítico *se*, em contraposição às orações com outros clíticos. Além disso, assinalam também que, se realmente a natureza das construções com *se* afeta a colocação de clíticos em favor da ênclise neste período, isto deixa de ser um fator importante nos

textos do século 18 em diante, já que, em tais textos, a ênclise será superficializada como a opção favorita com qualquer tipo de clítico.

1.2.4. Uma explicação para a correlação: a hipótese de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005)

O trabalho de Galves, Britto & Paixão de Sousa é pioneiro não apenas por apresentar evidências quanto ao fato de haver uma relação entre a ênclise e o clítico *se* no PM, mas também por apresentar uma hipótese que explique teoricamente essa relação. A proposta sugerida pelas autoras é que o efeito de *se* em favor do desencadeamento da ênclise no período da gramática do PM possa ser devido a uma especificidade relacionada à localização da posição pré-verbal reservada para os constituintes tradicionalmente designados de sujeito de passiva com *se*, e que, numa terminologia mais técnica, são chamados de objeto lógico (ou argumento interno) do verbo lexical da sentença. Nas palavras das próprias autoras:

“Preliminary work shows that the effect of SE is due to passive SE. This is expected if pre-verbal subjects with SE⁵ occupy an external position, as argued by Raposo and Uriagereka (1996) for EP.” (Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005: 48)⁶

⁵ Isto é, apenas o sujeito de sentenças com *se* passivo, e não o sujeito de sentenças com *se* de qualquer outro valor (impessoal, inerente, reflexivo etc).

⁶ *“Trabalho preliminar mostra que o efeito de SE é devido ao SE passivo. Isso é esperado se os sujeitos pré-verbais com SE ocupam uma posição externa, como argumentado por Raposo e Uriagereka (1996).”* [minha tradução]

A fim de compreender em que termos essa hipótese se constrói, dois aspectos precisarão ser apresentados antes. O primeiro deles diz respeito a como as autoras analisam o desencadeamento da ênclise e da próclise tanto no PM como no PE. O segundo tem a ver com o tipo de estrutura assumida para as construções que apresentem a ordem linear superficial “sujeito da passiva + verbo”, estrutura esta que, articulada à proposta de derivação de clíticos no PM, favoreceria o desencadeamento da ênclise nesse período gramatical do Português Europeu.

1.2.4.1. A derivação de clíticos no PM e no PE

Para a gramática do PM, a proposta de Galves, Britto & Paixão de Sousa é de que a derivação da ênclise e da próclise seja regida pela aplicação da seguinte restrição no nível morfológico de uma sentença:

(9) Não-inicial (1 *XP*)

um clítico não pode ser o primeiro elemento do primeiro *XP* da oração⁷

A regra em (9), de uma certa forma, assemelha-se à condição conhecida como *Lei de Tobler-Mussafia* (T-M). Como se sabe, no Português Medieval bem como em outras línguas românicas relacionadas, a ênclise é esperada apenas em sentenças verbo-iniciais, em consonância com a lei de TM, que prescreve que um clítico não pode ser o primeiro elemento de uma oração. Nas línguas em que essa generalização se aplica, a próclise é a

⁷ Para as autoras, o limite sintático da oração é CP.

ordenação padrão para o clítico, enquanto que a ênclise é restrita a orações com o verbo na primeira posição. No entanto, é importante destacar que, em relação à fase do PM, para que se mantenha a aplicação da generalização de T-M como formulada em (9), sem desconsiderar o fato de que a ênclise também é atestada em sentenças com o verbo em segunda posição superficial, deve-se entender a restrição de T-M em termos estruturais e não apenas em termos de ordenação superficial dos constituintes. Para isso, Galves, Britto & Paixão de Sousa propõem, como já defendido em outros trabalhos (cf., por exemplo, Galves & Galves 1995 e Torres Morais 1995) que haja duas posições pré-verbais disponíveis na estrutura sintática da gramática do PM, a saber: uma interna e outra externa à oração. Em (10), tem-se um esquema de como seria tal estrutura.

(10) _____#_____V⁸

Dentro dessa perspectiva, a derivação da ênclise e da próclise nos contextos XV obedeceria às seguintes condições. Estando o constituinte pré-verbal localizado na posição pré-verbal externa à oração, conseqüentemente a posição interna estaria vazia. Nessa situação, caso o clítico seja posicionado em posição pré-verbal, isto é, na sua posição padrão, ele seria o primeiro elemento do primeiro XP da oração, violando a restrição em (9). Assim, em função da aplicação no nível morfológico da regra estipulada em (9), o clítico é fixado em posição pós-verbal, ocorrendo então a derivação da ênclise. Por outro lado, caso o constituinte que imediatamente precede o verbo esteja localizado na posição interna à oração, tem-se a condição necessária para que a fixação do clítico seja feita em sua posição padrão, isto é, na posição pré-verbal, já que a restrição em (9)

⁸ O sinal de diferente indica a fronteira sintática da oração.

não seria violada em razão do fato de que o clítico não é mais o primeiro elemento do primeiro XP da oração. Na realidade, o primeiro constituinte do primeiro XP da oração seria o sintagma pré-verbal localizado dentro da fronteira sintática da sentença, de tal forma que apenas a próclise poderia ser a ordem desencadeada para o clítico. Esquemáticamente, então, a ênclise e a próclise seriam o resultado das seguintes condições estruturais.

- (11) a. Ênclise X # ___ V-cl
b. Próclise ___# X cl V

Para o PE, Galves, Britto & Paixão de Sousa seguem a proposta de Galves & Sândalo (2004). Na variedade moderna do Português Europeu, a ênclise deixaria de ser condicionada a estruturas verbo-iniciais. A proposta é que, nessa nova gramática, haveria também a aplicação de uma restrição no nível morfológico, porém diferente da que é vigente no PM, e que receberia a seguinte formulação:

- (12) Não-inicial (1 X-barra)

um clítico não pode ser o primeiro elemento do primeiro X-barra da oração.

Nessa proposta para a derivação de clíticos na fase moderna do Português Europeu, a superficialização da ênclise e da próclise dependeria das seguintes condições. Numa sentença *XV* em que o elemento pré-verbal se encontra numa posição externa a CP, isto é, fora dos limites sintáticos da oração, o verbo será o primeiro constituinte do

primeiro X-barra interno à oração.⁹ Caso o clítico se fixe à esquerda do verbo, haveria a violação da restrição em (12), que proíbe que um clítico seja o primeiro elemento do primeiro X-barra da oração. Assim, a ênclise deve ser obrigatoriamente desencadeada nessas circunstâncias, como pode ser visualizado na estrutura em (13a), em oposição à (13b).

- (13) a. $X \# [IP \ [I \ V-cl]$
b. $* X \# [IP \ [I \ cl \ V]$

Estando o constituinte pré-verbal dentro dos limites da oração, têm-se duas possibilidades para a superficialização do clítico. Caso o elemento em posição superficial imediatamente anterior ao verbo seja o sujeito da sentença, ele estará localizado em [Spec, Infl] (cf. Duarte 1987, Âmbar 1992, Martins 1994 e Costa 1998).¹⁰ Nessa configuração, note-se que, como a regra em (12) se aplica ao nível X-barra (e não ao nível XP), a presença de um constituinte em [Spec, Infl] é irrelevante para a restrição. Ou seja, o clítico, caso seja fixado à esquerda do verbo no núcleo de Infl, continuará sendo o primeiro elemento do primeiro X-barra da oração, em violação a (12), dado que o sujeito da sentença, por estar na posição de especificador, encontra-se acima do nível X-barra, neste caso específico, I-barra. Por conta disso, a ênclise é produzida, no PE, independentemente da presença de um sujeito interno ao domínio de IP (cf. (14)).

⁹ É assumido que sentenças não introduzidas por complementizadores realizados foneticamente são IP (e não CP), em consonância com princípios de economia, tal como formulados por Bošković (1997), por exemplo. Além disso, as autoras assumem que o verbo se encontra dentro do domínio de IP.

¹⁰ Para propostas alternativas quanto à localização do sujeito pré-verbal no PE, cf. Barbosa (1995).

(14) # [IP *sujeito* [I V cl

Por sua vez, caso o constituinte pré-verbal também esteja dentro do domínio sintático da oração, porém acima de IP, isto é, entre CP e IP, a próclise será superficializada. A explicação para isso é que o constituinte pré-verbal interno à oração, por não estar localizado dentro do domínio de IP, obrigaria a projeção de um outro X-barra além de I-barra, onde se encontra o verbo flexionado. Nesse caso, a fixação do clítico à esquerda do verbo no núcleo de Infl de forma alguma o deixaria na posição de primeiro constituinte do primeiro X-barra da oração, dado que, devido à presença de um constituinte numa projeção acima de IP, um outro X-barra terá sido projetado, X-barra este que seria o primeiro da oração, e não aquele dentro do domínio de IP. Tome-se, por exemplo, o caso das sentenças XV em que o constituinte pré-verbal é um sintagma focalizado, um contexto de próclise categórica no PE. Diversos estudos têm defendido que elementos dessa natureza ocupariam o especificador de uma projeção intermediária localizada entre CP e IP¹¹, que aqui denomino de Σ , tal como proposto em Martins (1994). Numa configuração desse tipo, o sintagma focalizado estará em [Spec, Σ]. Ou seja, I-barra não será o primeiro X-barra da oração, o que significa que o clítico poderá ser fixado à esquerda do verbo sem que a restrição em (12) seja violada, como se percebe do esquema em (15).

(15) # [Σ P X [Σ [IP [I cl V

1.2.4.2. *Se* passivo e a derivação da ênclise

A hipótese de Galves, Britto & Paixão de Sousa de que o uso de sentenças com *se* passivo seria o fator responsável pela correlação registrada entre a ênclise e *se* no PM constrói-se, especificamente, sobre o pressuposto de que o sujeito pré-verbal de sentenças dessa natureza ocuparia uma posição externa à oração, como é defendido em Raposo & Uriagereka (1996) para o PE. No que se segue, será apresentado um resumo da discussão realizada no artigo de Raposo & Uriagereka e como suas conclusões referentes ao posicionamento do sujeito de sentenças com *se* passivo em posição pré-verbal poderiam explicar o efeito do clítico *se* na gramática do período anterior ao do PE, como assim é sugerido no trabalho de Galves, Britto & Paixão de Sousa.

Tradicionalmente nos estudos gerativistas, construções envolvendo o pronome clítico *se* como as que são apresentadas em (16) logo a seguir, com concordância entre o verbo transitivo e o argumento interno plural (AI), são classificadas de passivas, e tecnicamente designadas de *passivas pronominais*.

- (16) a. Ontem compraram-se [AI *demasiadas salsichas*].
b. [AI *Essas salsichas*] compraram-se ontem.

(Raposo & Uriagereka 1996, ex. 1)

O *se* é considerado passivo, pois se comporta como um morfema passivo: absorve Caso Acusativo, detematiza a posição de sujeito e o DP argumento interno recebe

¹¹ Cf., entre outros, Cardinaletti & Roberts (1991), Rouveret (1993), Uriagereka (1994), Martins (1994) e

Nominativo ou porque está ligado à posição de sujeito (16a) ou porque ocupa a posição de sujeito como em (16b). Por conta disso também, o DP argumento interno desse tipo de construção é chamado de *sujeito da passiva*.

Diferentemente desse tipo de abordagem, Raposo & Uriagereka propõem que as construções de *se* com verbos transitivos que apresentam concordância entre o verbo e o argumento interno plural, como se vê em (16), são na realidade estruturas ativas e não se trata, neste caso, de *se* passivo. O cerne de sua argumentação de que a estrutura não é passiva está baseado na hipótese de que o DP argumento interno não ocupa a posição gramatical de sujeito [Spec, Infl], tampouco se encontra ligado a uma categoria vazia nessa posição, como é postulado na literatura gerativista sobre o tema (cf., entre outros, Mateus *et al.* 1989 e Nunes 1990). Ao contrário, a idéia de Raposo & Uriagereka é que o DP, quando movido da posição de objeto, ocupa, na realidade, uma posição mais à esquerda na periferia da sentença, especificamente uma posição de tópico. Listo a seguir alguns dos argumentos levantados por Raposo & Uriagereka em favor desse tipo de análise.

Primeiro Argumento

No PE, orações infinitivas flexionadas com sujeitos lexicais são licenciadas quando desempenham o papel de sujeito oracional posposto. Isto é ilustrado na sentença (17), na qual o constituinte entre colchetes corresponde à oração infinitiva flexionada.

(17) Vai ser difícil [os tribunais aceitarem os documentos].

(Raposo & Uriagereka 1996, ex. 6)

Os autores mostram que tanto uma passiva perifrástica (com verbo *ser* mais morfema de particípio) quanto uma passiva pronominal podem ocorrer com o DP objeto lógico¹² em posição pós-verbal, conforme se vê por meio dos exemplos (18) e (19).

(18) Vai ser difícil [serem aceites [DP os documentos]].

(*ibid.*, ex. 7a)

(19) Vai ser difícil [aceitarem-se [DP os documentos]].

(*ibid.*, ex. 7b)

Por outro lado, se o sujeito da oração infinitiva flexionada precede o verbo, uma passiva perifrástica é licenciada, como (20), mas não uma oração passiva pronominal, como (21).

(20) Vai ser difícil [[DP os documentos]_i] serem aceites t_i].

(*ibid.*, ex. 8a)

(21) *Vai ser difícil [[DP os documentos]_i] aceitarem-se t_i].

(*ibid.*, ex. 8b)

Particularmente interessante é o fato de que, no contexto de orações finitas, não se manifesta esse tipo de contraste entre passivas perifrásticas e passivas pronominais, tal como visto na comparação de (20) com (21). Esse paradigma diferente para as orações finitas é atestado em (22) e (23), logo a seguir.

¹² Entenda-se *argumento interno*.

(22) Vai ser difícil [que [DP OS documentos]i sejam aceites ti].

(*ibid.*, ex. 10a)

(23) Vai ser difícil [que [DP OS documentos]i se aceitem ti]

(*ibid.*, ex. 10b)

Um dado interessante relativo ao PE é que, nessa língua, constituintes topicalizados no contexto de orações encaixadas apresentam um padrão de distribuição análogo ao que é observado para o DP objeto lógico de sentenças passivas pronominais. Em outras palavras, elementos topicalizados podem ocupar uma posição que precede o verbo em orações subordinadas finitas, ao passo que em orações encaixadas infinitivas com flexão verbal é vedada a topicalização de constituintes à esquerda do verbo. O contraste entre (24) e (25) mostra exatamente isso.

(24) Vai ser difícil [que [DP esses documentos], o tribunal (os) possa aceitar cv].

(*ibid.*, ex. 11)

(25) *Vai ser difícil [[DP esses documentos], os tribunais aceitarem(-nos) cv].

(*ibid.*, ex. 12)

A conclusão a que se chega é bastante contundente: em posição pré-verbal, o argumento interno de passivas pronominais não se comporta como o argumento interno de passivas perifrásticas, diferentemente do que em geral se tem admitido, ao invés disso, assemelha-se a um tópico. Isso faz com que Raposo & Uriagereka assumam que o

argumento interno das passivas pronominais, nos casos em que precede o verbo, ocupa uma posição de tópico e não a posição canônica de sujeito.

Segundo Argumento

A partir das sentenças (26) a (28), pode-se observar que *NPs nus*, isto é, sintagmas nominais que não integram determinantes, são licenciados como objeto direto, mas não como sujeito. Isso é válido tanto para orações ativas como para as passivas perifrásticas, em que o sintagma em negrito corresponde a um *NP nu*.

(26) O Nestor compra **salsichas** no talho Sanzot.

(*ibid.*, ex. 17a)

(27) ***Salsichas** custam caro no talho Sanzot.

(*ibid.*, ex. 17c)

(28) ***Salsichas** são compradas *t* no talho Sanzot.

(*ibid.*, ex. 17b)

Por outro lado, *NPs nus* gerados como objeto direto podem ser topicalizados, desde que nessa operação de movimento não passem pela posição de sujeito. As sentenças (29) a (31) ilustram exatamente isso.

(29) **Salsichas**, o Nestor compra *t* no talho Sanzot.

(*ibid.*, ex. 18a)

(30) ***Salsichas**, *t*' são compradas *t* no talho Sanzot.

(*ibid.*, ex. 18b)

(31) ***Salsichas**, *t* custam caro no talho Sanzot.

(*ibid.*, ex. 18c)

Bastante interessante é o fato de que *NPs nus* em posição pré-verbal podem ocorrer nas construções que são chamadas de passivas pronominais, como fica evidenciado em (32).

(32) **Salsichas**, vendem-se no talho Sanzot.

(*ibid.*, ex. 19b)

Dado que *NPs nus* não estão associados à posição canônica de sujeito [Spec, Infl], Raposo & Uriagereka argumentam que o argumento interno em (32) não ocupa esta posição nem se moveu através dela.

Terceiro Argumento

No PE, sintagmas *wh*, à semelhança de elementos topicalizados, ocorrem na periferia à esquerda da oração. No contexto de orações principais, tópicos necessariamente precedem sintagmas *wh*, como a sentença (33) exemplifica, enquanto que a ordem “sintagma *wh* + tópico” deriva uma sentença agramatical, como o exemplo (34) mostra.

(33) [Esses livros]_i, [a quem]_k entregaste *cvi cvk*?

(*ibid.*, ex. 24a)

(34) *[A quem]k [esses livros]i, entregaste *cvi cvk*?

(*ibid.*, ex. 24b)

Por outro lado, constituintes que de fato ocupam a posição [Spec, Infl] podem ocorrer à direita de sintagmas *wh*. Isso é ilustrado na sentença (35), em que se vê o sintagma *wh* precedendo o sujeito da oração passiva perifrástica.

(35) [Em que loja] [esses livros] foram comprados?

(*ibid.*, ex. 29a)

A partir desse conjunto de dados, a hipótese de que o DP objeto lógico pré-verbal de passivas pronominais é um tópico e não um sujeito prediz que tal constituinte não pode ocorrer à direita de um sintagma *wh*, mas apenas à sua esquerda. As sentenças (36) e (37) confirmam exatamente esta predição.

(36) [Esses livros]i [em que loja]k se compraram *cvi cvk*?

(*ibid.*, ex. 26a)

(37) *[Em que loja]k [esses livros]i se compraram *cvi cvk*?

(*ibid.*, ex. 26b)

Após essa apresentação dos resultados a que chegaram Raposo & Uriagereka, torna-se mais claro por que Galves, Britto & Paixão de Sousa sugerem que o uso de sentenças com *se* passivo seria o fator responsável pela correlação existente entre a ênclise e *se* no

PM. Se o sujeito pré-verbal de sentenças desse tipo ocupa uma posição de tópico também nessa fase gramatical (ou, adaptando-se para a terminologia das autoras, uma posição externa), como defendido por Raposo & Uriagereka para o PE, a correlação entre a ênclise e *se*, especificamente o de valor passivo, seria algo esperado, pois, uma vez que a ênclise no PM é derivada sempre que o verbo é o primeiro constituinte dentro do limite sintático da oração, a ordem de palavras “sujeito da passiva + verbo” seria uma configuração em que restaria ao clítico apenas a colocação pós-verbal, como procuro ilustrar no esquema em (38).

(38) *Sujeito da passiva (Z) + verbo*

a. Z # ___ V *se*

b. * # Z *se* V

A agramaticalidade de (38b) derivaria do fato de que o sujeito da sentença com *se* passivo estaria ocupando uma posição interna à oração, o que, por hipótese, seria vedado a esse tipo de sintagma. Assim, como lhe restaria apenas a posição pré-verbal externa à oração, a fixação do clítico *se* passivo poderia ocorrer apenas à direita do verbo, dado que pronomes clíticos, conforme a restrição morfológica em (9), não são licenciados como o primeiro constituinte do primeiro *XP* da oração.

No capítulo 4, com base na descrição e análise dos dados que compõem o meu corpus de investigação, discuto a hipótese de Galves, Britto & Paixão de Sousa em favor da idéia de que a relação entre a ênclise e *se* seria explicada com base no tipo particular de estrutura assumida para as sentenças com sujeito de passiva pronominal em posição

pré-verbal. Nessa discussão, mostrarei que a hipótese é insatisfatória diante de alguns aspectos empíricos e teóricos, o que me leva a sugerir uma proposta alternativa para explicar tal correlação.

CAPÍTULO 2

A DOCUMENTAÇÃO PARA ANÁLISE

2.1. Introdução

Neste capítulo, inicialmente apresento algumas questões relativas ao contexto de formação do presente trabalho. Na seqüência, faço alguns apontamentos sobre o corpus de trabalho que será aqui considerado, destacando aspectos concernentes aos critérios de seleção das obras, à forma como organizá-las no eixo temporal e ao tipo de sentença que comporá o universo básico de análise deste trabalho.

2.2. O contexto da pesquisa

O desenvolvimento desta pesquisa, que procura investigar o comportamento do clítico *se* no fenômeno da colocação de clíticos na história do Português Europeu, está intimamente relacionado à formação da base de dados do projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*.¹³ Essa base de dados foi

¹³ O endereço eletrônico do projeto é http://www.ime.usp.br/~tycho/prfpml/index_2.html

elaborada a partir da construção do *Corpus Tycho Brahe* (CTB), um corpus eletrônico centrado em textos escritos por autores portugueses nascidos entre os séculos 15 e 19.

¹⁴ No âmbito do projeto temático acima referido, a base de dados é o resultado de um extenso trabalho que envolveu, entre outros aspectos, a seleção e classificação de sentenças sobre a variação da posição dos clíticos nos textos do CTB.¹⁵ Nesse estágio inicial da pesquisa, foram selecionadas, a partir dos textos, todas as sentenças com clíticos fixados junto a verbos finitos, totalizando um universo de 25.000 itens de análise. Os itens foram então separados entre próclises e ênclises, e a partir daí classificados conforme o constituinte que precedia imediatamente o verbo. O objetivo primordial por trás da organização dessa base de dados foi constituir, dada a quantidade e relevância do material disponível no corpus, um ponto de partida que proporcionasse a oportunidade de serem desenvolvidas pesquisas que abordassem os dados sob óticas diferentes. Nesse contexto, análises sobre diversos aspectos da variação ênclise/próclise já foram produzidas,¹⁶ sendo que o presente trabalho procura contribuir, a partir de um recorte particular, com mais um estudo sobre os dados que foram organizados inicialmente pela equipe do projeto.

2.3. O corpus de análise

¹⁴ O acesso a todo o material do CTB é gratuito, encontrando-se disponível na seguinte página da web: <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/index.html>.

¹⁵ Na equipe inicial do projeto, sob a coordenação de Charlotte Galves, trabalharam Maria Clara Paixão de Sousa, Helena Britto, Cristiane Namiuti, Silvia Cavalcante e Luciane Chociay.

¹⁶ Cf. entre outros, Cavalcante (2006), Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), Paixão de Sousa (2004), Antonelli (2004), Menezes (2003), Chociay (2003) e Namiuti (em curso).

No âmbito deste meu trabalho, o corpus de análise é constituído de dados extraídos de 20 textos que foram produzidos por escritores nascidos entre 1542 e 1836, tratando-se de um conjunto de obras em prosa, que incluem diferentes gêneros textuais. A escolha por essas obras específicas está ligada ao fato de que uma das motivações para a realização desta pesquisa foi a necessidade de investigar a colocação de clíticos apenas em sentenças com *se*, em complementação ao trabalho de Paixão de Sousa (2004), no qual é realizado um minucioso estudo de como se dá a dinâmica da alternância ênclise/próclise em sentenças com pronomes complementos outros que não sejam o clítico *se*, focalizando desde o século 16 até o século 19. Assim, dado o caráter de complementaridade deste meu trabalho, achei interessante investigar o mesmo conjunto de textos que foram selecionados por Paixão de Sousa, apenas com o acréscimo da obra *Cartas* de Alexandre de Gusmão. No que se segue, apresento um quadro que procura resumir as informações principais de cada texto escolhido para este estudo.¹⁷

1. Diogo do Couto: *Décadas* (cou)¹⁸

nasc-falec	1542-1616
1 ^a . publicação	1602
	Divididas em 12 décadas, apenas a 4 ^a ., 5 ^a . e 7 ^a . foram integralmente publicadas em vida.
Edição utilizada	1947
	Ortografia original.
	Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora (seleção, prefácio e notas de António Baião).

¹⁷ As informações sobre os textos se baseiam em dados fornecidos na página eletrônica do CTB e no trabalho de Paixão de Sousa (2004).

¹⁸ A indicação entre parênteses ao lado do nome de cada autor corresponde à sigla que será utilizada ao longo de todo o trabalho para a identificação do escritor nas tabelas e gráficos que serão apresentados posteriormente.

O Corpus inclui apenas a 4.^a década (publicada em 1602 em vida).

2. Luis de Sousa: *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Mártires* (sou)

nasc-falec 1556-1632

1.^a publicação 1619 (publicado sob a supervisão do autor)

Edição utilizada 1984

Ortografia modernizada.

Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (edição de Aníbal Pinto de Castro & Gladstone Chaves de Melo).

3. Francisco Rodrigues Lobo: *Corte na Aldeia e Noites de Inverno* (lob)

nasc-falec 1579-1621

1.^a publicação 1619 (impresso sob a supervisão do autor)

Edição utilizada 1927

Ortografia original.

Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora (prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira).

4. Manuel da Costa: *A Arte de Furtar* (mco)

nasc-falec 1601-1667

1.^a publicação 1652-1744?

Obra apócrifa; há dúvidas quanto à sua autoria e à data exata de sua publicação.

Edição utilizada 1991

Ortografia original.

Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (edição crítica, com introdução e notas de Roger Bismut).

5. e 6. António Vieira: *Sermões, Cartas* (vie-s; vie-c)

nasc-falec	1608-1697
Obra 1	<i>Sermões</i> (15 tomos)
1 ^a . publicação	1679, 1699
Edição utilizada	1907 Ortografia modernizada. Porto, Livraria Chardon, de Lello & Irmão Editores (edição prefaciada e revista pelo Rev. Padre Gonçalo Alves). O Corpus inclui uma seleção com sermões dos diversos tomos.
Obra 2	<i>Cartas</i>
1 ^a . publicação	1735 (reunidas e publicadas postumamente)
Edição utilizada	1925 Ortografia modernizada. Coimbra, Imprensa da Universidade (edição de Lúcio d’Azevedo). O Corpus inclui uma seleção com a correspondência datada até a década de 1640.

7. Francisco Manuel de Melo: *Cartas Familiares* (mel)

nasc-falec	1608-1666
1 ^a . publicação	1664 (reunidas, editadas e publicadas sob a supervisão do autor)
Edição utilizada	1937 Ortografia modernizada. Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora (seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa).

8. António das Chagas: *Cartas Espirituais* (cha)

nasc-falec	1631-1682
1 ^a . publicação	1662
Edição utilizada	1939 Ortografia modernizada.

Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora (seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa).

9. Manuel Bernardes: *Nova Floresta ou Silva de Vários Apotegemas* (ber)

nasc-falec 1644-1710
1ª. publicação 1706, 1708, 1711, 1726, 1728
Cinco tomos, sendo três deles publicados postumamente.
Edição utilizada 1949
Ortografia modernizada.
Volume 1. Porto, Livraria Lello & Irmão Editores (preâmbulo de J. Pereira de Sampaio).
O Corpus inclui o primeiro tomo, publicado originalmente em 1706.

10. José da Cunha Brochado: *Cartas* (bro)

nasc-falec 1651-1735
1ª. publicação 1735
Edição utilizada 1944
Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora (seleção, prefácio e notas de Antonio Álvaro Dória).

11. Maria do Ceu: *Rellacao da Vida e Morte da Serva de Deos a Veneravel Madre Elenna da Crus* (ceu)

nasc-falec 1658-1753
1ª. publicação 1721
Edição utilizada 1993
Ortografia original.
Lisboa, Quimera (edição de Filomena Belo).

12. André de Barros: *A Vida do Padre António Vieira* (aba)

nasc-falec 1675-1754
1ª. publicação 1746
Edição utilizada 1746
Edição original.
Lisboa, Officina Sylviana.

13. Alexandre de Gusmão: *Cartas* (gus)

nasc-falec 1695-1753
1ª. publicação 1841 (publicação póstuma)
Edição utilizada 1982
Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (introdução e
atualização de texto por André Rocha)

14. Matias Aires: *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Moraes* (air)

nasc-falec 1705-1763
1ª. publicação 1752
Edição utilizada 1980
Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

15. Luis António Verney: *Verdadeiro Método de Estudar* (ver)

nasc-falec 1713-1792
1ª. publicação 1746
Edição utilizada 1949
Ortografia modernizada.
Edição de António Salgado Filho – 2 volumes.
O texto do Corpus é composto das quatro primeiras cartas do
volume 1.

16. Antonio da Costa: *Cartas do Abade António da Costa* (aco)

nasc-falec 1714-1780?

1ª. publicação 1878
Edição utilizada 1946
Lisboa, Cadernos da Seara Nova (edição de Fernando Lopes Graça).

17. Correia Garção: *Dissertações* (gar)

nasc-falec 1724-1772
1ª. publicação 1778
Edição utilizada 1982
Volume II, Prosas e Teatro.
Lisboa, Livraria Sá da Costa (texto fixado, prefácio e notas por António José Saraiva).

18. Marquesa D'Alorna: *Inéditos, Cartas e Outros Escritos* (alo)

nasc-falec 1750-1839
1ª. publicação 1839
Edição utilizada 1941
Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora (edição de Hernani Cidade).

19. Almeida Garrett: *Viagens na Minha Terra* (gtt)

nasc-falec 1799-1854
1ª. publicação 1846
Edição utilizada 1998
Edição eletrônica – CD-ROM – Biblioteca Virtual de Autores Portugueses.
Lisboa, Imprensa Nacional – Biblioteca Nacional.

20. Ramalho Ortigão: *Cartas a Emília* (ort)

nasc-falec 1836-1915
1ª. publicação 1914

Edição utilizada 1993
Lisboa, Lisóptima Edições – Biblioteca nacional (introdução,
fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini).

Até mesmo por conta do caráter de complementaridade desta dissertação em relação ao trabalho de Paixão de Sousa, considero pertinente destacar alguns pontos discutidos pela autora em sua tese de doutorado quanto aos critérios de seleção das obras. Paixão de Sousa discorre que, no que tange à verificação dos padrões de colocação de clíticos e sua evolução, o corpus escolhido parece demonstrar um desequilíbrio entre as suas “pontas” e o período intermediário no eixo temporal, dado que, para representar a primeira metade do século 16, tem-se apenas uma obra (as *Décadas*, de Diogo do Couto, nascido em 1542), e também apenas uma para representar o século 19 (*Cartas a Emília*, de Ramalho Ortigão, nascido em 1836). Contudo, Paixão de Sousa argumenta que, quanto ao século 19, isto não constitui um problema — a obra de Ortigão funciona basicamente como um item de controle, visto que as mudanças relacionadas à colocação de clíticos que são tomadas como importantes já estão bem estabelecidas em sua escrita. Além disso, o autor anterior — Almeida Garrett — é nascido em 1799, e, portanto, mais próximo do século 19 que do 18. Quanto à obra de Diogo do Couto, o único autor nascido na primeira metade do século 16, Paixão de Sousa defende que o aparente desequilíbrio no eixo temporal levantado por seu texto pode receber, em parte, um tratamento semelhante ao que foi sugerido para a obra de Ortigão. Em primeiro lugar, porque, em termos contínuos, Diogo do Couto não está tão distante do próximo autor, nascido em 1556. Em segundo lugar, se for considerado como critério classificatório no eixo temporal o fator que é concernente à data de publicação, a obra de Couto constitui-se

um texto fronteiro do século 17, uma vez que sua publicação data de 1602, o que vem a minimizar eventuais problemas de natureza temporal para a ponta inicial do corpus escolhido.

2.4. A periodização dos textos

A maneira de organizar a seqüência dos textos no eixo temporal poderia ser empreendida basicamente a partir de dois critérios, a depender de como são datados os textos: pelo nascimento do autor ou pela data de produção da obra. Nessa pesquisa, optei por organizar com base no critério de data de nascimento dos autores, e isto é coerente com a concepção gerativista de gramática como uma *Língua-Interna* (Chomsky 1985). Especialmente dentro do quadro da teoria de Princípios e Parâmetros, entende-se que os valores paramétricos de uma gramática específica são fixados na mente de uma criança a partir de um estado inicial (a *Gramática Universal*), com base nos dados aos quais é exposto o falante. Essa gramática nunca muda após o fim do processo de aquisição. A partir dessa perspectiva, trabalho com a hipótese de que, mesmo em textos escritos, seja possível detectar aspectos da fixação gramatical realizada durante a infância, independentemente do tempo que possa ter havido entre a escrita da obra e o processo de aquisição da linguagem pelo qual passou o seu autor.

É claro que, mesmo assumindo uma orientação gerativista tal como faço nesta dissertação, seria também interessante ordenar os textos de acordo com o período em que foram escritos, já que se trata de um fato que a linguagem escrita não é um produto puro

da gramática internalizada, pelo contrário, em geral inclui estágios anteriores da língua, produzindo o que Kroch (1994, 2001) chama de competição de gramáticas. Entretanto, no âmbito desta minha pesquisa, é bastante difícil definir com precisão a data de produção de alguns textos, de modo que a localização temporal com base na data de nascimento dos autores acaba sendo, em certos casos, o único critério seguro no qual se pode confiar.¹⁹

2.5. Contextos sintáticos de investigação

Neste trabalho, enfoco especificamente sentenças com o clítico *se*. No âmbito do projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*, o pronome clítico *se* já foi o objeto de estudo em Cavalcante (2006), onde se faz uma investigação diacrônica de como se dá o uso de *se* com infinitivo na história tanto do Português Europeu quanto do Português Brasileiro. Aqui nesta dissertação, abordo um aspecto diferente com relação a esse pronome complemento, na medida em que me coloco a investigar unicamente sentenças matrizes afirmativas finitas com o verbo em segunda posição superficial, nas quais o constituinte pré-verbal venha a ser ou um sujeito referencial, ou um advérbio não-modal, ou ainda um PP. Estes contextos específicos representam configurações sintáticas onde se tem a alternância ênclise/próclise até a

¹⁹ Cf. Paixão de Sousa (2004) para uma discussão mais detalhada sobre as dificuldades de organização dos textos desse período com base no critério de data de nascimento do autor ou data de produção de sua obra.

segunda metade do século 19, mas que, desse momento em diante, tornaram-se contextos de ênclise categórica.²⁰ Ao todo, trabalhei com um número de 733 dados.²¹

É importante ressaltar que os meus dados compõem um subgrupo daqueles que são selecionados por Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005). Em seu trabalho, essas autoras se debruçam sobre os mesmos textos que formam o meu corpus de análise, investigando a dinâmica da alternância ênclise/próclise num determinado número de configurações sintáticas, dentre as quais aquelas por mim escolhidas para serem investigadas. Porém, diferentemente da presente dissertação, na qual a atenção é dirigida apenas para as sentenças com *se*, no artigo de Galves, Britto & Paixão de Sousa não apenas as sentenças com *se* são computadas, mas também as que envolvem outros clíticos.

Para a ordem *Sujeito-Verbo*, foram computadas 332 sentenças, incluindo os casos de ênclise e próclise. No que diz respeito a esse subgrupo de sentenças, tomei a decisão de operar com uma distinção adicional, beneficiando-me do trabalho já empreendido por duas colaboradoras do projeto *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*, Maria Clara Paixão de Sousa e Silvia Cavalcante, trabalho este que consistiu na classificação do sujeito pré-verbal de sentenças com *se* em sujeito de sentença passiva pronominal e sujeito de sentença não-passiva. No primeiro subgrupo, encontram-se as sentenças em que o sujeito, enquanto elemento desencadeador da concordância verbal, é

²⁰ De fato, esses não são os únicos contextos onde é registrada a alternância ênclise/próclise na história do Português Europeu. Como se sabe, sentenças que apresentam o verbo finito imediatamente precedido ou por uma oração dependente ou por uma conjunção coordenativa também são configurações sintáticas de variação (cf. os exemplos em (5) e (6) a seguir). Porém, no âmbito do PM, tem sido mostrado que a causa da alternância nesses dois ambientes sintáticos é diferente da que é observada nos contextos *XP-V*, sendo *XP* um sujeito, um advérbio ou um PP. Aqui, não abordarei as questões relacionadas a essas duas possíveis subdivisões de contextos de alternância ênclise/próclise. Para uma discussão detalhada em torno desse tópico, cf. Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005).

²¹ Todos os dados podem ser consultados no apêndice I.

o objeto lógico de um verbo transitivo. No outro subgrupo, estariam os demais tipos de sujeito.²² A motivação para seguir tal subclassificação é que, a partir dela, será possível discutir de forma mais detalhada a sugestão de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) para explicar a relação entre a ênclise e o pronome clítico *se* na gramática do PM. Como dito anteriormente, para as autoras essa relação poderia ser explicada em função do uso de sentenças passivas pronominais com sujeito em posição pré-verbal. Embora não assumo tal proposta na presente dissertação, para que eu possa debatê-la de maneira apropriada no capítulo 4 e contrapor uma análise alternativa, é imprescindível ter um detalhamento do percurso diacrônico desse tipo de construção. Em vista dessa subdivisão, foram contadas 150 sentenças com sujeito da passiva em posição pré-verbal e 182 sentenças com sujeito não-passivo imediatamente precedendo o verbo. Exemplos dos dois tipos de construção são apresentados em (1) e (2).

(1) *Sujeito da Passiva – Verbo (Z-V)*²³

- (a) A nobreza das ciencias **colhe-se** de tres principios: o primeiro he objecto, ou materia, em que se occupa. (Manuel da Costa, 1601)

- (b) As coisas **definem-se** pela essencia: o Baptista definiu-se pelas acções; porque as acções de cada um, são a sua essencia. (Antonio Vieira, *Sermões*, 1608)

²² Isto é, o sujeito de sentenças com *se* reflexivo, com *se* inerente, com *se* enfático, entre outros usos que podem ser atribuídos a esse pronome clítico.

²³ O uso da letra “Z”, para representar o sujeito de passiva com *se*, e da letra “S”, para representar o sujeito de sentenças com *se* não-passivo, trata-se de um empréstimo que fiz da terminologia adotada por Maria Clara Paixão de Sousa e Silvia Cavalcante na classificação das sentenças com *se* da base de dados do CTB.

- (c) A Arcádia **fundou-se** para adiantamento das Belas Letras, e não para fazer ostentação de talentos, para divertir o público, ou para dar que fazer aos prelos. (Correia Garção, 1724)
- (d) Esta oração **se repetia** todas as vezes que os Padres se ajuntavam pera celebração de algum acto público de matérias do Concílio; (Luis de Sousa, 1556)
- (e) A declaração do novo Rei **se fêz** com grande cerimónia. (José da Cunha Brochado, 1651)
- (f) As idades **se renovam**, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente se sucedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba. (Matias Aires, 1705)

(2) *Sujeito não-passivo – Verbo (S-V)*

- (a) O Magor **salvou-se** com muito trabalho, e quasi afogado em uma azemala por ordem de um seu azemeleiro, e sua mulher, que estava prenhe, e em dias de parir, escapou em um alifante, com parte de suas mulheres em outros. (Diogo do Couto, 1542)
- (b) Cneio Domício **portou-se** mais humanamente, contentando-se com privar do dote a criminosa. (Manuel Bernardes, 1644)
- (c) O frade **levantou-se**, e sem dizer palavra, tomou o caminho de Santarém. (Almeida Garrett, 1799)

- (d) E a de Gneo Sílvio, escrevendo as novas da Farsália, que dizia: "César venceu; Pompeio morreu; Rufo fugiu; Catão se matou; acabou a ditadura e perdeu-se a liberdade". (Francisco Rodrigues Lobo, 1579)
- (e) El-Rei se diverte de quinta em quinta, governando e dispendo igualmente os seus vassallos e as suas plantas, com que êle é tão bom Monarca como agricultor. (José Brochado, 1651)
- (f) Inglaterra se obriga a defender tôdas as suas Colónias e a socorrê-lo com o excedente das fôrças e dinheiro que é preciso para a sua própria defesa. (Marquesa de Alorna, 1750)

Quanto à seqüência linear *Advérbio-Verbo*, foram computadas 106 sentenças. Em (3), são apresentados alguns exemplos.

(3) Advérbio – Verbo (Adv-V)

- (a) finalmente **considere-se** um cadáver agonizante, e convulsivo, e donde as feridas umas sobre as outras, apenas mostram lugar livre de golpe; (Matias Aires, 1705)
- (b) Antes **riem-se** muito, se acaso lhe dizem que é um estudo necessário. (Antonio Verney, 1713)
- (c) Afinal **sabe-se** por rectificação do ministro em Berne que com o governo suíço não há convenção para troca de condecorações. (Ramalho Ortigão, 1836)
- (d) Esta casa foi antigamente da invocação de Nossa Senhora; despois se chamou Santo António; (Luis de Sousa, 1556)

(e) Aqui se diz que El-rei está livre na Ilha, e que nós não estamos seguros de seus parciais em Portugal. (Antonio Vieira, *Cartas*, 1608)

(f) Aí se acharam os três Cardeais, os dois Secretários, Sua Reverendíssima e eu; (Alexandre de Gusmão, 1695)

Por fim, para a ordem de palavras *Sintagma Preposicional-Verbo* foram consideradas 295 sentenças, das quais mostramos alguns exemplos em (4).

(4) *Sintagma Preposicional – Verbo (PP-V)*

(a) Pelo temporal do convento **matava-se** pouco, inda que não tinha descuido. (Luis de Sousa, 1556)

(b) Nestes termos, **acha-se** Sua Alteza Real armado a um tempo contra os franceses e contra quaisquer inimigos, (Marquesa D’Alorna, 1750)

(c) Sobre a fatia de pão **estende-se** primeiro o mel e põe-se por cima a manteiga. (Ramalho Ortigão, 1836)

(d) Com esta razão **se alegraram** muito, assim Ariano como os do povo que a ouviram, parecendo a todos que já dava esperanças de se reduzir. (Manuel Bernardes, 1644)

(e) Nas famílias **se notam** feições determinadas, pelas quais são conhecidos os que vêm da mesma parte; (Matias Aires, 1705)

(f) Nesta significação **se entende** este termo; (Correia Garção, 1724)

A título de ilustração, apresento a seguir exemplos dos outros dois contextos onde também é atestada a alternância ênclise/próclise, a saber, sentenças matrizes finitas com o verbo em segunda posição superficial imediatamente precedido por uma oração dependente (5) e sentenças coordenadas V1 (6). Porém, como já dito em momento anterior, nesta dissertação não abordarei as particularidades da alternância nessas duas configurações sintáticas (cf. a nota 8).

(5) *Oração Dependente Fronteada - Verbo*

- (a) Concluída de manhã com aplauso nunca ali ouvido a solenidade, **seguiu-se** de tarde outra. (André de Barros, 1675)

- (b) Quando se não pode negar o ajuste **nega-se-lhe** o sentido; (Matias Aires, 1705)

- (c) Colocadas todas estas coisas no prato **deita-se-lhe** por cima um molho de tomate com cebola picada e um pouquinho de alho. (Ramalho Ortigão, 1836)

- (d) Vendo o Governador que ficava desembaraçado de negócios, **se embarcou** logo pera ir a Cananor a se ver com Coge Cemaçadim, assim pera arrecadar os quatrocentos mil cruzados, que ficou devendo, como pera vêr se lhe podia arrancar mais das mãos. (Diogo do Couto, 1542)

- (e) No mesmo tempo em que os amigos se juntaram para o seu acostumado exercício, **se apeava** o Prior no pátio de Leonardo; (Francisco Rodrigues Lobo, 1579)

(f) Estando em su fervora oraçaõ, se via em uma ribeyra, cujo mar, metaphora de seus trabalhos, se mostraua muy alterado; (Maria do Céu, 1658)

(6) *Oração Coordenada VI*

(a) Lastimou-se e torceu-se, dizendo: - Perdoe Deus ao amigo que, sendo amigo e cheio de virtude e caridade, assi se esqueceu de si e da boa amizade e da verdadeira caridade, que foi desenterrar um amigo de que ninguém se lembrava, pera ser lançado no; (Luis de Sousa, 1556)

(b) Estes primeiros autores não se devem ler correndo, como muitos fazem; mas devem-se ler e reler atentíssimamente, vg lendo Fedro, deve o Mestre não deixar de explicar coisa alguma que seja necessária para entender a língua. (Luis Verney, 1713)

(c) Cercado Vossa Majestade de atônitos vassalos, sentia o público desastre como se não pudesse remediá-lo, e resolveu-se a remediá-lo como se não pudesse senti-lo; temeroso, mas resignado; resignado, mas constante. (Correia Garção, 1724)

(d) e assim o plantaõ no posto, e se esquecem do provimento mayor, que alvidravaõ, e promettiaõ, ao que botaraõ fóra com o applaudirem por melhor. (Manuel da Costa, 1601)

(e) Desde essa própria solidão, em que é edificado, desde êsse próprio deserto, em que mora oculto, desde aí grita, dá vozes e se mostra descoberto e patente. (Francisco Manuel de Melo, 1608)

(f) Desencadernaram-se as negociações, e se baralharam com a superstição e a ignorância arrogante, fechando-se a decisão com o ridículo adágio de "Guerra

com todo o mundo, e Paz com a Inglaterra", cuja Santa Aliança nos era muito conveniente. (Alexandre de Gusmão, 1695)

CAPÍTULO 3

**CONSTRUÇÕES COM *SE*: DESCRIÇÃO DO PERCURSO
DIACRÔNICO DA ALTERNÂNCIA ÊNCLISE/PRÓCLISE**

3.1. Introdução

Neste capítulo, faço uma descrição dos resultados obtidos a partir do tratamento estatístico aplicado aos dados da pesquisa. Porém, aqui, não me limitarei a simplesmente descrever tais resultados. Irei também compará-los aos que já foram quantificados em Paixão de Sousa (2004). A motivação para esse diálogo com o trabalho da referida autora já foi apontada rapidamente no capítulo anterior, e se origina, basicamente, por conta das seguintes razões. Em sua tese de doutoramento, dentre vários aspectos relativos ao fenômeno da colocação de clíticos no Português Europeu, Paixão de Sousa também investiga a dinâmica da alternância ênclise/próclise nos mesmos contextos sintáticos por mim analisados. Além disso, seu estudo ainda estabelece uma relação com o meu na medida em que os dois trabalhos elegem um corpus de investigação semelhante, formado a partir de textos do *Corpus Tycho Brahe*, com a única diferença de que, na tese de Paixão de Sousa, a obra de Alexandre de Gusmão não é investigada. Contudo, a grande motivação e importância dessa comparação talvez decorra do fato de que, em Paixão de Sousa (2004), toda a análise tem o seu foco exclusivamente em sentenças enclíticas e

proclíticas que não envolvam o pronome *se*. Isso significa que esse tipo de cotejo que pretendo realizar aqui proporcionará uma complementação necessária ao trabalho já empreendido pela autora. Além disso, apenas uma comparação dessa natureza permitirá que se chegue a um embasamento empírico confiável da extensão em que o pronome *se* desempenha um papel singular dentro do quadro geral do fenômeno da colocação de clíticos na história do Português Europeu.

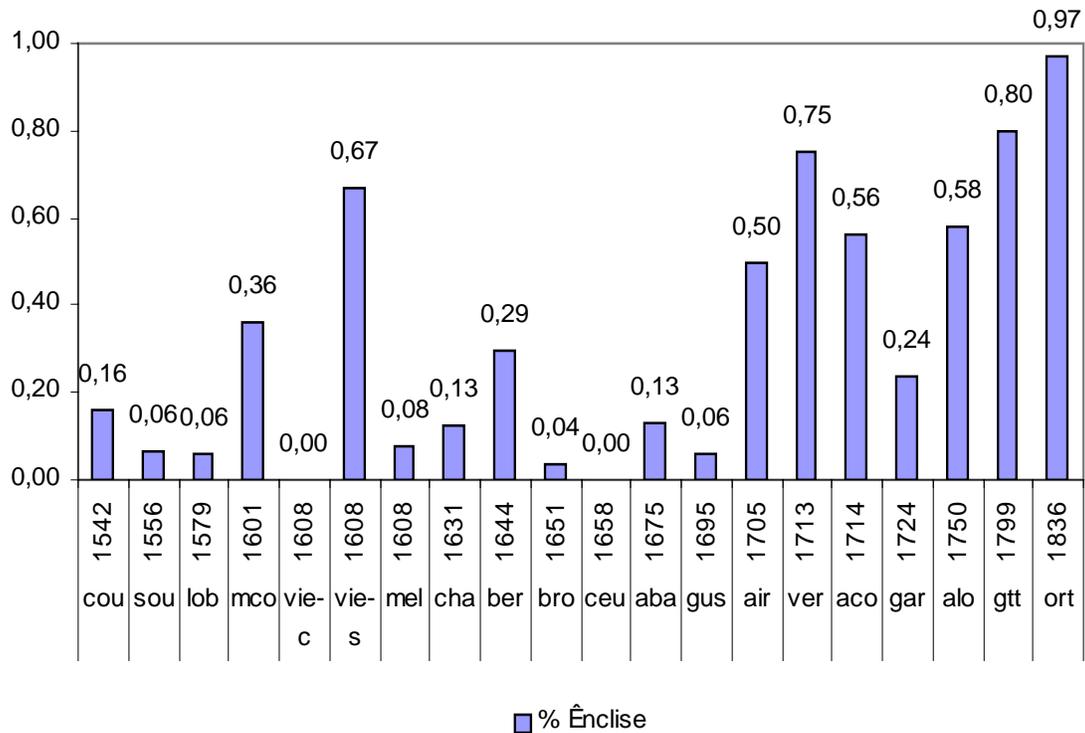
3.2. Os padrões de evolução da alternância ênclise/próclise

3.2.1. O quadro geral

Inicialmente, apresento um panorama da distribuição da ênclise versus a próclise no contexto das sentenças XV com o clítico *se*, tal como representado no gráfico 1.

Gráfico 1: a ênclise versus a próclise com o clítico *se* nos contextos de variação XV (cf. a tabela 1)²⁴

²⁴ Todas as tabelas às quais faço referência podem ser consultadas no apêndice II da dissertação.



O gráfico 1 permite observar dois aspectos interessantes. O primeiro deles é que, até o fim do século 17, registra-se, na maioria dos textos, um padrão de colocação de clíticos em que a próclise é a escolha nitidamente predominante. Digo isso, pois, dentre um conjunto de treze textos agrupados entre os séculos 16 e 17, dez deles apresentam um índice de frequência de construções enclíticas que não ultrapassa o percentual de 20%. Como exceção a esse padrão, destacam-se três obras: *A Arte de Furtar*, de Manuel da Costa, *Os Sermões*, de Antonio Vieira, e *Nova Floresta*, de Manuel Bernardes. Respectivamente, cada um dos textos apresenta um percentual de uso da ênclise que corresponde a 36%, 67% e 29%.

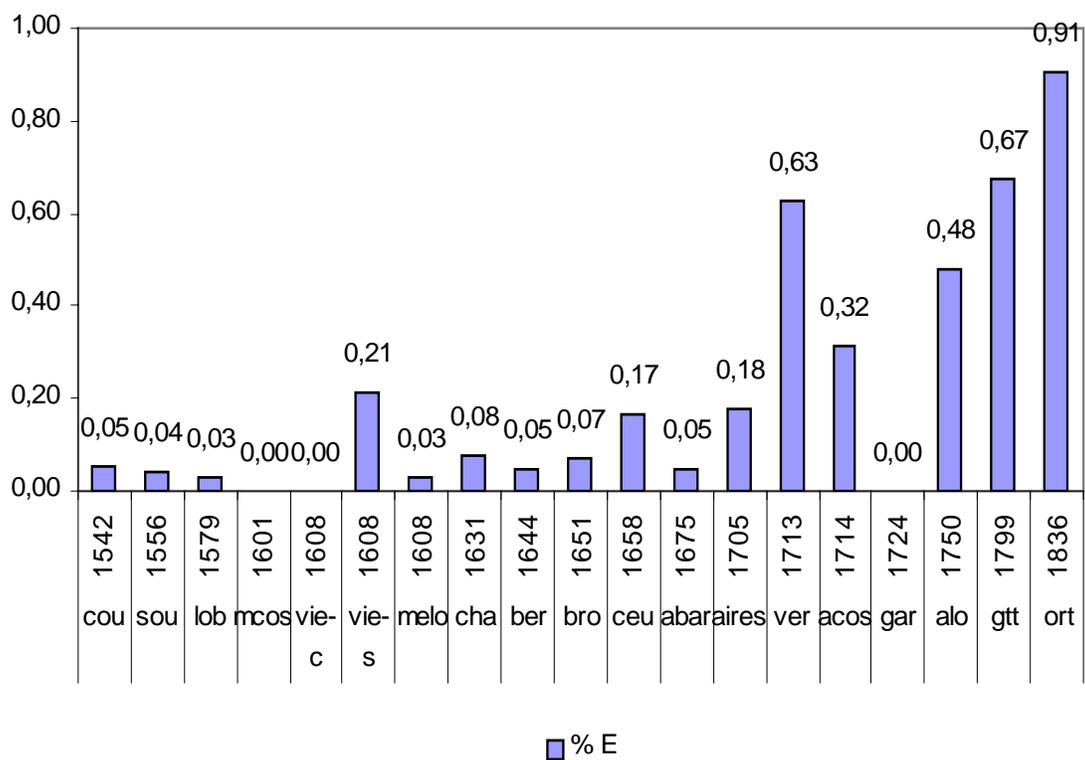
Um segundo aspecto saliente é que, a partir do início do século 18, o quadro da alternância ênclise/próclise é caracterizado por uma dinâmica diferente daquela que é atestada até o fim dos 1600. Desse momento em diante, a maior parte dos textos

apresenta um percentual de construções com ênclise igual ou superior a 50%. Como exceção a esse paradigma, apenas *Obras Completas*, de Correia Garção, onde a proporção de sentenças com ênclise representa 24% do conjunto total dos itens de análise dessa obra. Ainda a se ressaltar sobre esse segundo período é o fato de que a escolha em favor da ênclise aumenta gradativamente até se tornar a colocação praticamente categórica nas *Cartas a Emília*, de Ramalho Ortigão (nascido em 1836), onde a ênclise corresponde a 97% das sentenças com o clítico *se*.

Bastante significativo é o fato de que as tendências registradas no universo de sentenças com *se* podem ser, em níveis consideravelmente semelhantes, verificadas também quando do exame dos padrões da distribuição da ênclise versus a próclise no conjunto das sentenças com outros clíticos (excluindo o pronome *se*),²⁵ como o faz Paixão de Sousa. Veja-se o gráfico 2.

Gráfico 2: a ênclise versus a próclises nos contextos de variação XV – excluindo o clítico *se* (Paixão de Sousa, 2004).

²⁵ Doravante, passo a designar de *outros clíticos* o universo de sentenças quantificado em Paixão de Sousa (2004).



Não diferentemente do que é apresentado no gráfico 1, os resultados de Paixão de Sousa sugerem a existência de dois momentos distintos, tendo igualmente como fronteira o início do século 18. O gráfico 2 atesta um sistemático índice reduzido quanto ao uso de construções enclíticas pelo menos até o fim do século 17. Durante esse período, a taxa de ênclise atestada para quase todos os textos é inferior a 20%. Aqui também Vieira, nos *Sermões*, é uma exceção a esse padrão (21% de ênclise). Ressalte-se, entretanto, que, nesse subgrupo de clíticos, embora Vieira continue a ser uma exceção em relação ao comportamento dos seus contemporâneos, o índice de ênclise com outros clíticos nos *Sermões* é significativamente inferior ao percentual de sentenças com ênclise envolvendo o clítico *se* (67%).

No que se refere ao período de tempo posterior a 1700, o gráfico 2 também evidencia um aumento gradativo no uso da ênclise. Ainda que a primeira obra desse século apresente um percentual de ênclise que talvez se assemelhe ao paradigma dos textos dos séculos 16 e 17 (*Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Moraes*, com 18% de ênclise), não há dúvidas de que os demais textos apontam para uma nova dinâmica, dado que a colocação enclítica pouco a pouco vai se estabelecendo como a escolha mais empregada. Quanto a esse segundo momento, acrescente-se apenas que o texto de Correia Garção também é a exceção aos escritos de seu tempo, sendo aqui 100% proclítico.

Em suma, os padrões gerais da distribuição da ênclise versus a próclise envolvendo as sentenças com o clítico *se* apresentam pontos de correlação bastante significativos com os paradigmas da alternância no universo das sentenças com outros clíticos. Uma dessas correlações tem a ver com o fato de que, seja qual for a perspectiva adotada, são evidenciados dois momentos distintos na distribuição da ênclise em relação à próclise. Um período que recobre os séculos 16 e 17, durante o qual a próclise é a opção nitidamente mais empregada pelos escritores, com poucas exceções. Um outro período, do século 18 em diante, em que o emprego de sentenças com o clítico em posição pós-verbal aumenta de forma sistemática, até atingir, já no século 19, um paradigma bastante semelhante ao do PE, em que a ênclise vem a ser a opção categórica nesses ambientes que admitiam a variação. Nesta dissertação, entendo que tal uniformidade entre os resultados vem ao encontro da proposta de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) para a cronologia das gramáticas do Português Europeu, pensando-se no período de tempo que

se estende do século 16 ao 19.²⁶ A predominância da próclise que é vista na maior parte dos textos até o fim do século 17 seria decorrente das especificações de uma gramática na qual a colocação proclítica é uma estrutura neutra (default) e a colocação enclítica constitui uma estrutura marcada. Nessa gramática, isto é, a do PM, a ênclise e a próclise seriam duas opções possíveis. O fato de haver, de 1700 em diante, uma ascendência empírica rumo à categorização da colocação enclítica é tomado como um indício de que, na passagem do século 17 para o 18, ocorre uma mudança paramétrica. A partir desse momento, a nova gramática que passa a emergir nos textos, ou seja, a do PE, configura-se como um sistema no qual a ênclise é a única opção para a superficialização do clítico. A variação que ainda se observa nos textos seria devido a uma tensão no desempenho escrito dos falantes entre a nova gramática, na qual a ênclise é a única opção, e a gramática antiga, em que a ênclise e a próclise podem ser superficializadas. Essa tensão é aquilo que Kroch (1994, 2001) denomina de “Competição de Gramáticas”, isto é, o processo que marca a substituição de formas gramaticais antigas por outras estabelecidas a partir do surgimento de uma nova gramática. Essa substituição, em termos empíricos, é gradual e apresenta o formato de uma curva em ‘S’, à semelhança do que se vê nos gráficos 1 e 2 para o período de tempo pós 1700.

Um segundo ponto de convergência que pode ser observado em decorrência da comparação entre os meus resultados e os de Paixão de Sousa diz respeito ao fato de que, nas duas perspectivas apresentadas, os *Sermões* de Vieira são uma nota dissonante ao que se verifica em relação à ampla maioria dos textos dos séculos 16 e 17. Na realidade, nesse gênero textual específico, Antonio Vieira é diferente até dele mesmo no conjunto de suas cartas. Tanto no universo de sentenças com *se* bem como no subgrupo de dados com

²⁶ Cf. o capítulo 1, seção 1.2.2.

outros clíticos, não há ocorrência de ênclise nas *Cartas*. Já nos *Sermões*, o índice percentual de ênclise com o clítico *se* é de 67% e com outros clíticos é de 21%.

E, por fim, destaque-se também que a obra de Correia Garção se mostra bastante diferente dos textos de sua época tanto no âmbito dos dados com *se* bem como no subgrupo dos dados com outros clíticos, à semelhança do que ocorre com Vieira nos *Sermões*. Porém, ao contrário deste, o texto de Correia Garção, já no segundo período, apresenta um padrão de colocação de clíticos significativamente proclítico, em nítido contraste à tendência em favor da ênclise que se nota a partir de 1700.

Porém, não se pode deixar de assinalar que há aspectos que não convergem entre os dois gráficos, e que podem ser colocados nos seguintes termos. No âmbito das sentenças com *se*, os textos de Manuel da Costa (nascido em 1601) e de Manuel Bernardes (nascido em 1644) também se diferenciam da grande maioria dos textos escritos por autores nascidos nos séculos 16 e 17. Nesse aspecto, seguem a mesma tendência de Vieira nos *Sermões*, apresentando um padrão mais enclítico em relação à média. Porém, no conjunto das sentenças com outros clíticos, tanto o texto de Manuel da Costa bem como o de Manuel Bernardes se caracterizam como predominantemente proclíticos. No âmbito das sentenças com *se*, os textos de Manuel da Costa e Manuel Bernardes apresentam, respectivamente, 36% e 29% de ênclise. No conjunto de dados envolvendo outros clíticos, esses mesmos textos apresentam, de maneira respectiva, 0% e 5%. Com relação a esse fato de que o texto de alguns autores se mostre mais enclítico no universo de sentenças com *se* do que no conjunto de orações com outros clíticos, tal como visto nas obras de Manuel da Costa e Manuel Bernardes, destaco também que, mesmo nos *Sermões* de Vieira, onde, seja qual for a perspectiva adotada, é registrado um

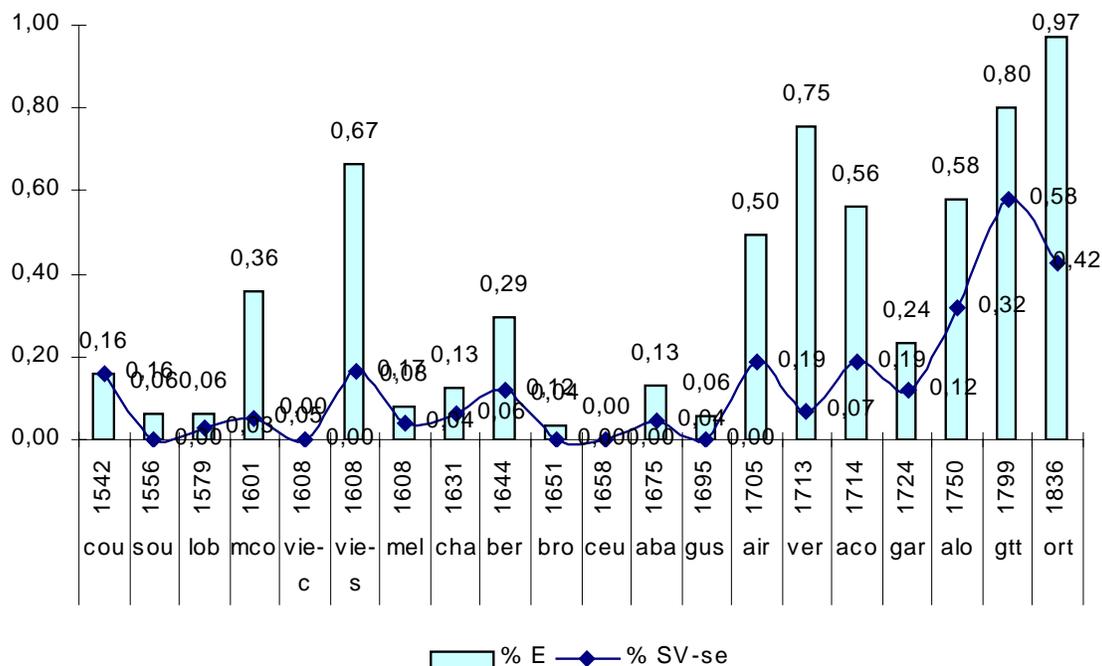
padrão enclítico mais acentuado que a maior parte dos textos dos outros escritores nascidos ou no século 16 ou no 17, o que se verifica é que, no subgrupo das sentenças com *se*, o índice percentual de construções enclíticas é consideravelmente mais elevado do que aquele que é obtido para o conjunto das sentenças com outros clíticos (67% contra 21%).

3.2.2. A ênclise versus a próclise com *se* e os diferentes constituintes pré-verbais

Apresentarei agora os padrões de evolução da ênclise com o pronome clítico *se* levando-se em conta os diferentes tipos de constituintes pré-verbais que foram considerados relevantes neste trabalho. A estratégia estatística que adoto aqui é mostrar, dentre o percentual da ênclise em relação ao total de dados computados para cada autor, qual é o índice de construções enclíticas correspondente aos diferentes elementos que se superficializam antes do verbo. Essa forma de olhar os dados permitirá observar a incidência de cada uma das configurações sintáticas no quadro geral da alternância ênclise/próclise. Inicialmente, mostro o percentual da ênclise com sujeito não-passivo (SV-*se*) dentro do percentual geral da ênclise em relação à próclise.²⁷

Gráfico 3: o percentual da ordem SV-*se* decomposto do percentual da ênclise em relação à próclise com o clítico *se* no contexto XV (cf. tabela 7).

²⁷ Para visualizar exemplos da ordem SV-*se*, cf. as sentenças (2a, b, c) na seção 2.5 do capítulo 2.

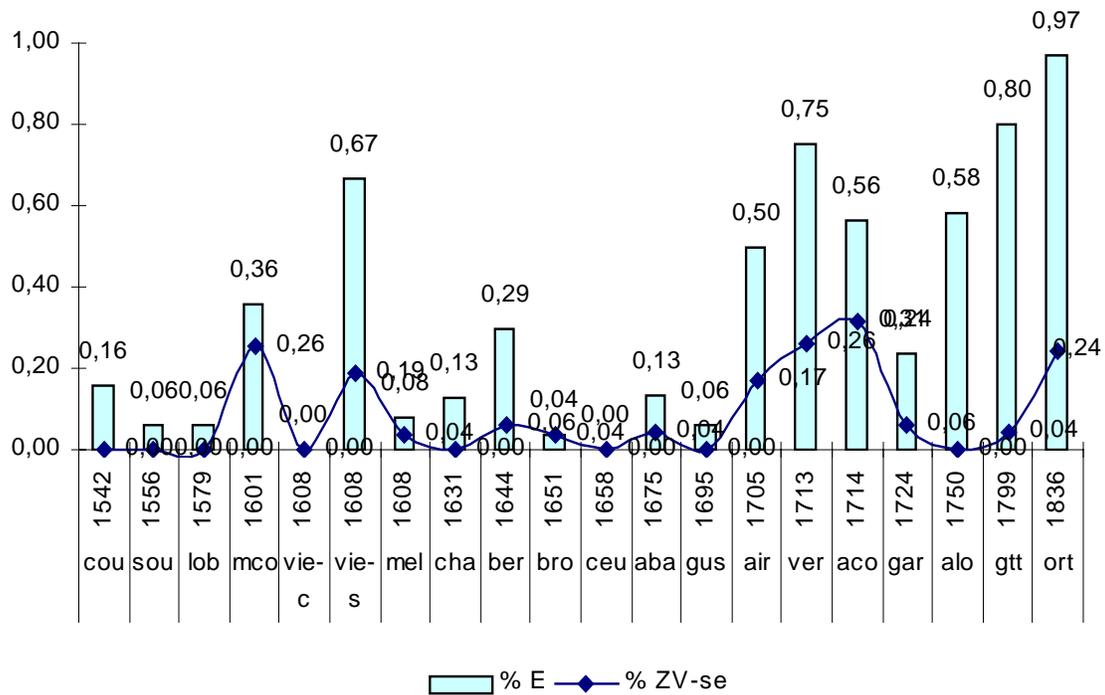


Com relação aos séculos 16 e 17, quando a próclise é a colocação mais empregada, nota-se que a seqüência SV-se nunca é superior a 20%, mesmo no caso do texto de Manuel da Costa, dos *Sermões* de Vieira e da obra de Manuel Bernardes, produções escritas que, de fato, fogem ao padrão predominantemente próclítico desse período. O que se observa a respeito desses três textos é que, no primeiro, decompondo-se o percentual de 36% de ênclise com *se*, 5% correspondem à ordem de palavras SV-se. Na obra de Vieira, dentre os 67% de ênclise com *se*, o índice de construções enclíticas com sujeito não passivo em posição pré-verbal é de 17%. Quanto ao texto de Manuel Bernardes, dos 29% de ênclise com *se*, 12% são de SV-se.

A partir de 1700, quando a ênclise começa a ser empregada mais freqüentemente numa maneira crescente entre os textos investigados, observa-se que o índice de SV-se tende a acompanhar a evolução do percentual geral da ênclise.

Passo a mostrar agora a incidência da ênclise com sujeito da passiva em posição pré-verbal dentro do índice geral da ênclise em relação à próclise.²⁸ Isso é representado no gráfico 4.

Gráfico 4: o percentual da ordem ZV-se decomposto do percentual da ênclise em relação à próclise com o clítico *se* no contexto XV (cf. tabela 7).



Um primeiro fato decorrente da observação desse gráfico é que, em Manuel da Costa, a seqüência ZV-se é determinante para o seu índice mais elevado de ênclise, em comparação aos seus contemporâneos. O que se vê é que, dos 36% de ênclise com *se*, 26% representam construções com sujeito da passiva em posição pré-verbal. Um outro texto onde se registra um número mais significativo dessa ordem de palavras são os

²⁸ Para visualizar exemplos da ordem ZV-se, cf. as sentenças (1a, b, c) na seção 2.5 do capítulo 2.

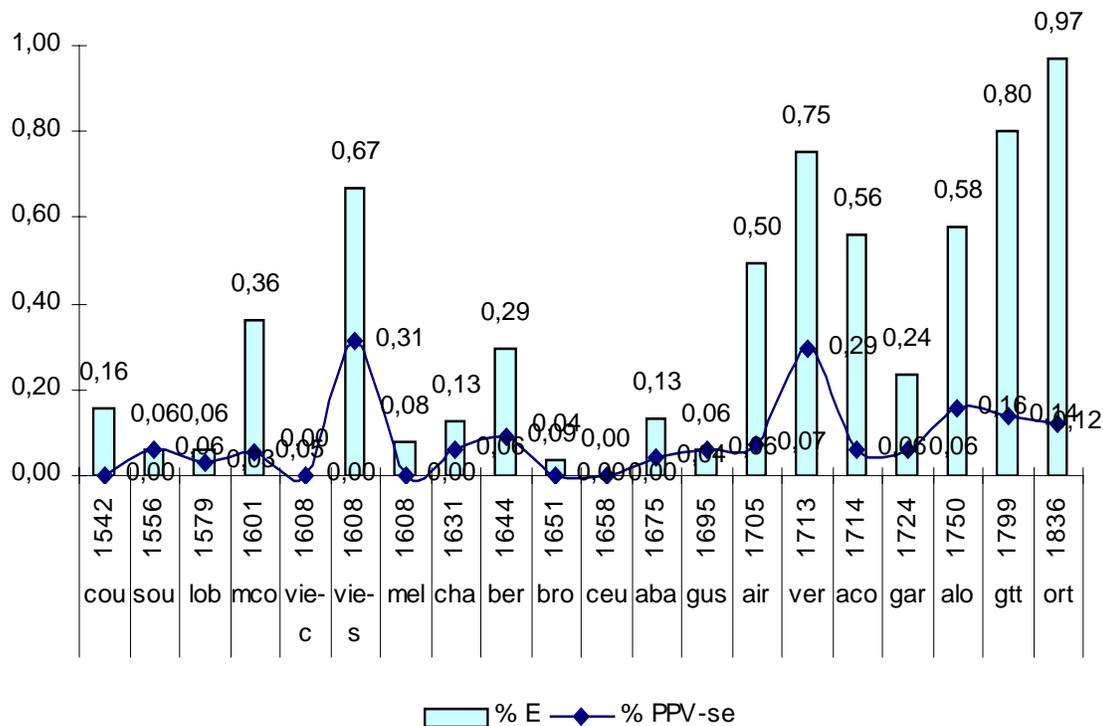
Sermões de Vieira. Nesse último texto, contudo, as coisas se apresentam de maneira mais diluída, considerando-se que o índice de construções enclíticas com sujeito da passiva em posição pré-verbal corresponde a 19% de um total bastante elevado de ênclise que atinge o patamar de 67%. Nos demais autores dos séculos 16 e 17, a incidência da ordem ZV-se é inexpressiva, não ultrapassando 6%.

Já nos séculos 18 e 19, observa-se que, nos três primeiros autores desse período, o índice de ZV-se acompanha a evolução ascendente da ênclise. Porém, nos autores seguintes, ocorre algo diferente. Especialmente em Alorna, Garrett e Ortigão, que também manifestam um uso ascendente da ênclise no âmbito geral das sentenças com *se*, a ordem de palavras ZV-se sofre um declínio, significativamente nos dois primeiros, e, no caso de Ortigão, permanece em 24%, muito abaixo do percentual geral de ênclise, que é de 97%.

Veja-se agora o panorama do percentual da ênclise com PP's em posição pré-verbal dentro do índice geral de ênclise, tal como representado no gráfico 5.²⁹

Gráfico 5: o percentual da ordem PPV-se decomposto do percentual da ênclise em relação à próclise com o clítico *se* no contexto XV (cf. tabela 7).

²⁹ Para visualizar exemplos da ordem PPV-se, cf. as sentenças (4a, b, c) na seção 2.5 do capítulo 2.

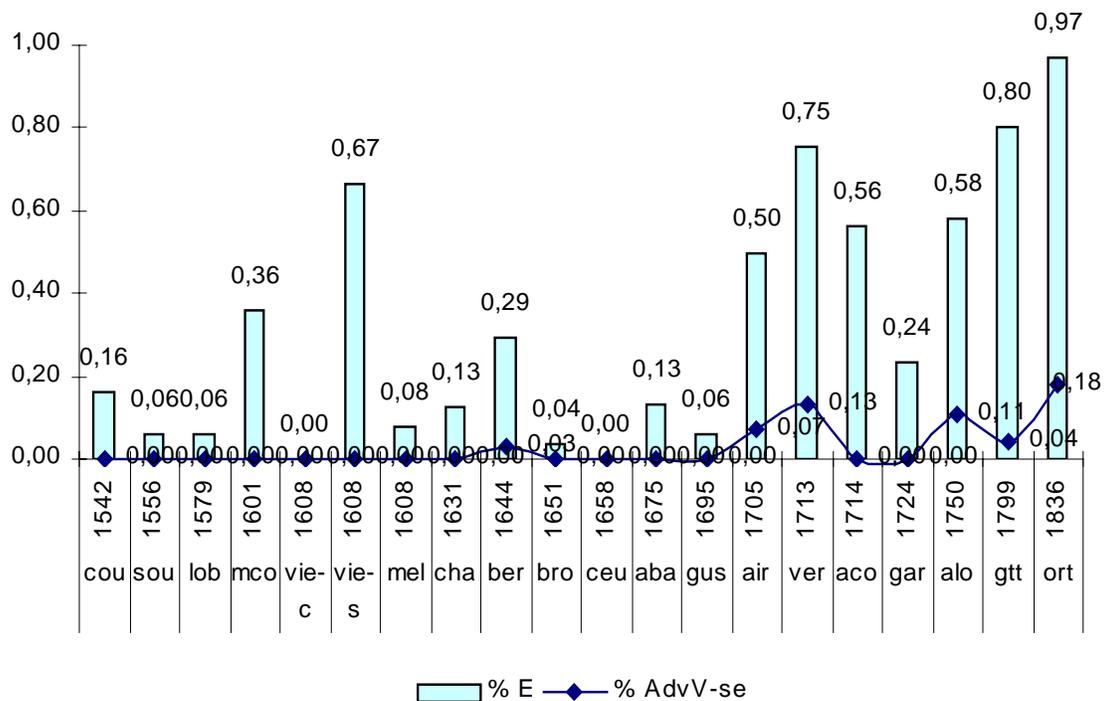


Nos autores nascidos antes do século 18, a ordem PPV-se parece ter um peso significativo apenas nos *Sermões* de Vieira. Nesse texto, decompondo-se o índice geral de 67% de ênclise, 31% correspondem à seqüência de palavras com um PP em posição pré-verbal. Na realidade, essa é a configuração sintática que apresenta o papel mais significativo no universo total de sentenças enclíticas desse autor.

Para o período pós-século 18, os índices de PPV-se em relação ao total geral de dados são maiores do que os que se têm para os séculos 16 e 17, porém, o percentual de construções enclíticas nesse contexto não acompanha a evolução geral da ênclise que é atestada a partir de 1700. A exceção fica por conta do texto de Antonio Verney, nascido em 1713. Nesse texto, construções enclíticas com um PP em posição pré-verbal representam 29% dos 75% de ênclise no âmbito geral.

Por fim, observe-se a incidência da ordem AdvV-se no percentual geral da ênclise em relação à próclise.³⁰

Gráfico 6: o percentual da ordem AdvV-se decomposto do percentual da ênclise em relação à próclise com o clítico *se* no contexto XV (cf. tabela 7).



No que diz respeito aos séculos 16 e 17, a seqüência AdvV-se parece ser extremamente marcada. Digo isso pois, dos treze textos que fazem parte desse período, é registrado um único exemplo dessa ordem no texto de Manuel Bernardes, que corresponde a 3% do total geral de sentenças enclíticas na obra desse escritor. Essa sentença é apresentada em (1), onde o sintagma adverbial em posição pré-verbal tem como núcleo o advérbio *atrás*, que subcategoriza o PP *dos olhos*.

³⁰ Para visualizar exemplos da ordem AdvV-se, cf. as sentenças (3a, b, c) na seção 2.5 do capítulo 2.

- (1) Eis que um dia o cabouqueiro, fazendo seu ofício, deu em um tesouro antigo; olhou, tocou, certificou-se; atrás dos olhos **foi-se-lhe** o coração

No momento seguinte, que engloba os séculos 18 e 19, a seqüência AdvV-se não acompanha proporcionalmente a evolução da ênclise. Como se vê, nos textos de autores como Luis Verney, Marquesa de Alorna ou Almeida Garrett, em que o índice geral da ênclise é superior a 55%, o percentual de sentenças enclíticas com um advérbio em posição pré-verbal representa menos de 15% dentro desse índice geral de construções com ênclise. No texto de Ramalho Ortigão, tem-se 18% da ordem linear AdvV-se, porém, considerando-se que a proporção geral de sentenças enclíticas desse texto é de 97%, o índice de ênclise da seqüência com um advérbio imediatamente precedendo o verbo é pouco expressivo. E no caso de dois autores, Antonio da Costa e Correia Garção, a seqüência AdvV-se é de 0%.

3.2.3. Conclusões preliminares

À luz desses fatos ora descritos, foram apresentadas mais evidências que corroboram a observação pioneira de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) de que a construção enclítica, na fase gramatical média do Português Europeu, é favorecida no âmbito das sentenças com *se*, em contraposição ao universo de sentenças com outros clíticos. Foi observado também, a partir dos valores da incidência de cada tipo de

constituente pré-verbal dentro do percentual geral da ênclise, que, no caso do texto de Manuel da Costa, parece haver algum respaldo quantitativo para a proposta que Galves, Britto & Paixão de Sousa sugerem para explicar a correlação entre a ênclise e *se*, a saber, a de que o uso de sentenças com um sujeito da passiva imediatamente precedendo o verbo é o desencadeador de tal correlação. No entanto, os resultados quantitativos mostram que a mesma idéia não se aplica de forma tão clara nos *Sermões* de Vieira, que se trata do texto mais enclítico do PM.

No capítulo seguinte, aprofundo-me em torno desses aspectos singulares envolvendo o pronome clítico *se*, discutindo num primeiro instante a proposta sugerida em Galves, Britto & Paixão de Sousa para explicar a correlação entre a ênclise e o clítico *se* no PM, e propondo na seqüência uma análise alternativa.

CAPÍTULO 4

A ÊNCLISE E A PRÓCLISE COM *SE*: UMA ANÁLISE

ALTERNATIVA

4.1. Introdução

Neste capítulo, procuro apresentar uma abordagem teórica que explique a correlação registrada entre o emprego da colocação enclítica e o uso do pronome *se* na fase média do Português Europeu, como já atestado em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005). Para tanto, argumento que, dada a estrutura sintática do PM que assumo aqui, o fator relevante que estabelece essa relação é o uso mais intenso de tópicos contrastivos em construções com o clítico *se*.

Este capítulo terá a seguinte organização. Na seção 4.2, discuto em detalhes a proposta de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), que sugerem que a correlação entre a ênclise e o clítico *se* seria favorecida pelo uso de sentenças com um sujeito da passiva em posição pré-verbal. Nessa discussão, mostrarei que a hipótese é insatisfatória diante de alguns aspectos empíricos e teóricos. A partir da seção 4.3, tentarei mostrar como, no PM, fatores de natureza estilística e textual poderiam estar determinando o favorecimento da ênclise especificamente em sentenças com o clítico *se*. Como pretendo argumentar, essa análise, em contraposição à idéia de que a correlação entre a ênclise e o clítico *se*

seria determinada por uma eventual singularidade sintática das orações com sujeito da passiva em posição pré-verbal, parece-me que responde de maneira satisfatória essa relação empírica registrada em textos de autores nascidos antes do século 18.

4.2. Uma revisão da hipótese de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005)

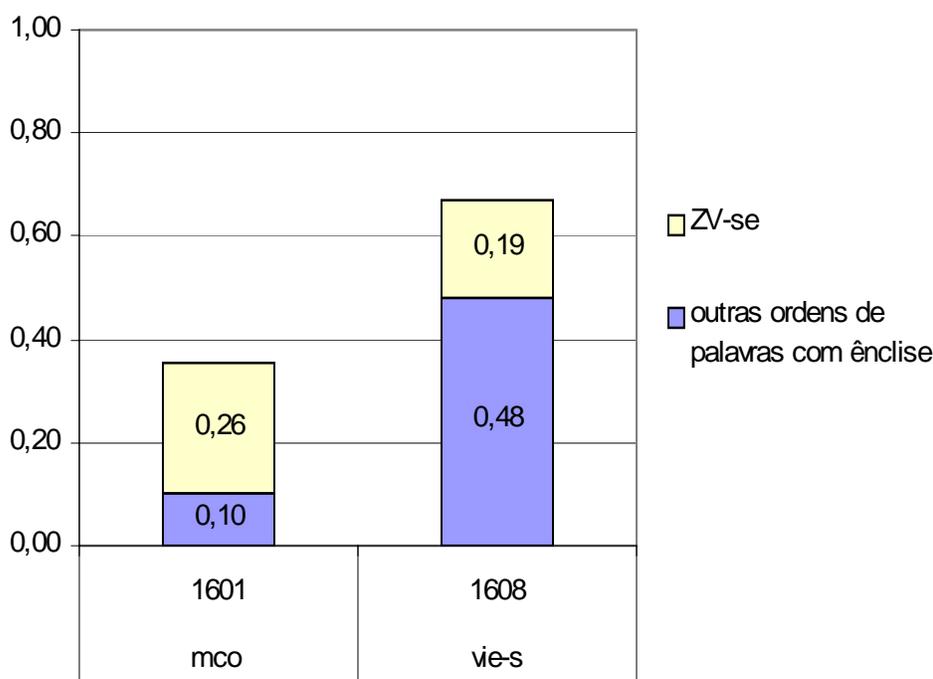
4.2.1. A ordem “sujeito da passiva + verbo”: um contexto relevante para o desencadeamento da ênclise?

Como já apontei em momento anterior, em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) é sugerido que o efeito do clítico *se* em favor do desencadeamento da ênclise até o fim do século 17 pode ser devido ao clítico *se* passivo, mais especificamente ao uso de construções em que o constituinte pré-verbal é o objeto lógico da sentença, o qual, em construções desse tipo, é o responsável pela concordância morfológica com o verbo, daí a razão de também ser usualmente designado de sujeito da passiva. De fato, no capítulo 3, em que me coloquei a descrever os padrões da distribuição da ênclise versus a próclise no âmbito dos dados que formam o corpus da minha pesquisa, foi constatado que, no segundo texto mais enclítico do século 17, o de Manuel da Costa (nascido em 1601), a ênclise com *se* é desencadeada, sobretudo, em sentenças cujo constituinte pré-verbal é um sujeito da passiva. Verificou-se que, na decomposição dos 36% de ênclise que esse texto apresenta, o percentual de 26% corresponde a estruturas em que o constituinte imediatamente anterior ao verbo é um sujeito da passiva. Foi observado também que, nos

Sermões de Vieira (nascido em 1608), onde se registra o nível mais elevado de ênclise no período de investigação anterior ao século 18, sentenças enclíticas com um sujeito da passiva em posição pré-verbal também contribuem significativamente para a proporção geral da ordem verbo-clítico nos escritos do padre jesuíta, embora o índice percentual geral da ênclise nesse texto seja distribuído de maneira mais balanceada com outras ordens de palavras. Digo isso, pois, dos 67% de construções com ênclise nos *Sermões*, esse percentual se decompõe em 19% com a ordem “sujeito da passiva + verbo” (ZV)³¹, 17% com a seqüência de palavras SV e 31% com a ordem PPV. Tais resultados, referentes aos textos desses dois autores em questão, podem ser visualizados novamente no gráfico 1.

Gráfico 1: o percentual da ordem ZV-se em comparação a outras estruturas com ênclise dentro do percentual geral da ênclise em relação à próclise — Manuel da Costa e Antonio Vieira em seus *Sermões*.

³¹ Neste capítulo, continuo adotando a letra ‘Z’ para representar o termo *sujeito da passiva*, conforme nomenclatura criada por Maria Clara Paixão de Sousa e Silvia Cavalcante, em contraposição à letra ‘S’, que designaria o sujeito de sentenças com *se* não-passivo.



Em relação às obras dos autores nascidos a partir do século 18, que já seriam representantes da gramática do PE, tem-se um quadro distinto. Nesses textos, o índice de ênclise é, em praticamente todos eles, sempre superior ao que é registrado para os textos dos séculos 16 e 17. No entanto, os números revelam que o fato de ser mais enclítico nesse segundo momento não está necessariamente relacionado a um uso mais freqüente de sentenças com um sujeito da passiva em posição pré-verbal. A título de ilustração, tome-se o caso de Alorna e Garrett, ambos já nascidos na segunda metade do século 18. Nos textos desses dois autores, o índice de ênclise é superior ao que é registrado para a obra *A Arte de Furtar*, de Manuel da Costa, por exemplo (58% e 80%, respectivamente). Contudo, a incidência da ordem de palavras ZV dentro do percentual total de construções enclíticas nos textos desses dois autores é significativamente inferior à que é atestada para a obra do escritor do século 17. Dentre os dados com ênclise no texto de Alorna, não se registra exemplo algum de sentença enclítica com um sujeito da passiva em posição

pré-verbal. No conjunto da obra de Garrett, decompondo-se o índice de 80% de ênclise, apenas 4% correspondem à ordem ZV. No gráfico 2, é representada essa dinâmica para os textos da Marquesa de Alorna e de Almeida Garrett.

Gráfico 2: o percentual da ordem ZV-se em comparação a outras estruturas com ênclise dentro do percentual geral da ênclise em relação à próclise — Marquesa de Alorna e Almeida Garrett.



Dado que, para o PM, a proposta de derivação de clíticos apresentada em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) postula que a ênclise é desencadeada sempre que o verbo for o primeiro constituinte dentro do limite sintático da oração,³² a idéia de que as sentenças com um sujeito da passiva em posição pré-verbal favoreceriam a colocação

³² Cf. a discussão no capítulo 1, seção 1.2.4.1.

enclítica se sustenta desde que se admita que esse constituinte esteja localizado além da fronteira sintática da oração. Como é apresentado no capítulo 1, em relação ao PE, há evidências discutidas em Raposo & Uriagereka (1996) apontando para o fato de que o sujeito pré-verbal de sentenças passivas pronominais, entendido como o constituinte que desencadeia a concordância com o verbo, não ocupa a posição gramatical de sujeito [Spec, Infl].³³ Na realidade, esse tipo de constituinte está associado, na sintaxe visível, a uma posição de tópico localizada acima do domínio de IP, diferentemente do que ocorre com o sujeito pré-verbal de sentenças passivas de *ser*, por exemplo, nas quais o elemento que desencadeia a concordância com o verbo de fato preenche a posição reservada para o sujeito gramatical. Caso se aceite, para o PM, essa mesma proposta para a estrutura de sentenças passivas pronominais com um sujeito em posição pré-verbal, e articulada com a idéia assumida por Galves, Britto & Paixão de que há duas posições pré-verbais disponíveis para os constituintes que se superficializam imediatamente antes do verbo, uma interna e outra externa à oração,³⁴ realmente seria natural, num primeiro instante, levantar a hipótese de que o sujeito de passivas pronominais, em posição pré-verbal, necessariamente ocupa a posição pré-verbal externa. A conclusão a que se chegaria então é que, em sentenças desse tipo, o verbo seria, na realidade, o primeiro constituinte estrutural dentro dos domínios de CP, forçando o desencadeamento da ênclise. Uma representação hipotética das estruturas com um sujeito da passiva em posição pré-verbal,

³³ Cf. a discussão no capítulo 1, seção 1.2.4.2.

³⁴ A proposta de que haja duas posições pré-verbais no PM já pode ser encontrada em Galves & Galves (1995), Torres Morais (1995), Galves (2001a) e se encontra na origem de todo o projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística*, iniciado em 1998 sob a coordenação de Charlotte Galves, para a explicação da alternância ênclise/próclise nessa fase do Português Europeu.

a partir do raciocínio apresentado em Galves, Britto & Paixão de Sousa, é apresentada em (1).

(1) Sujeito da passiva + Verbo (ZV)

a. Z # V se

b. * # Z se V

Entretanto essa possível relação, no que diz respeito ao período referente à gramática do PM, entre a ênclise e o uso de construções com um sujeito da passiva em posição pré-verbal, como assim defendem as autoras acima citadas, depara-se com um problema inicial de natureza empírica, a saber: dentre os dados que analisei nesta dissertação, pude atestar, em diferentes textos desse período, a seqüência “sujeito da passiva + verbo” com próclise, o que não se esperaria dentro da idéia de que o constituinte morfológicamente marcado como sujeito nas sentenças desse tipo, quando em posição pré-verbal, ocupa uma posição externa à oração.

(2) [Z Os Templos] **se guardam**; (F. Rodrigues Lobo, 1579)

(3) [Z O navio] **se fez** em dous com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto; e só João Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. (Manuel da Costa)

(4) [Z Os jogos seculares] **se chamavam** assim, porque se celebravam uma só vez de século a século; (Antonio Vieira, *Sermões*, 1608)

- (5) [Z A declaração do novo Rei] **se fêz** com grande cerimónia. (J. Cunha Brochado, 1651)
- (6) [Z As paredes desta humilde morada], **se ornavão** com estampas da Paixaõ, cuja colgadura, sendo de papel, as deixava taõ ricas de devoçaõ, como pobres de adorno. (Maria do Céu, 1658)
- (7) [Z O padrão] **se assinou** hoje por Sua Majestade, brevemente estará corrente do mais, e entendo que não virei a lograr dele mais de um mês de juro. (Alexandre de Gusmão, 1695)

Um segundo problema é de ordem teórica e resulta da possível natureza V2 da gramática do PM. Galves, Britto & Paixão de Sousa mostram que a posição pré-verbal interna à estrutura da oração no PM está disponível tanto para o sujeito como também para constituintes não-sujeito (NP's deslocados ou PP's, por exemplo), não havendo, desse modo, uma posição exclusiva para o sujeito. Isso significa então que o Português Europeu teria, à semelhança de um sistema gramatical V2, uma posição de tópico interna e uma posição de tópico externa, esta última sendo uma opção marcada. E é aqui exatamente que se coloca o problema: uma vez que as duas posições pré-verbais estariam disponíveis para tópicos, o objeto lógico pré-verbal de sentenças passivas pronominais, enquanto um tópico deslocado à esquerda, não poderia, portanto, ocupar a posição interna também? Caso seja possível, não há razão para se esperar de maneira categórica a ênclise nesse tipo específico de construção.

Diante desses fatos, a sugestão de Galves, Britto & Paixão de Sousa que estabelece a correlação entre a ênclise e o clítico *se* como sendo desencadeada pela ordem de palavras “sujeito da passiva + verbo” perde sensivelmente seu poder de adequação

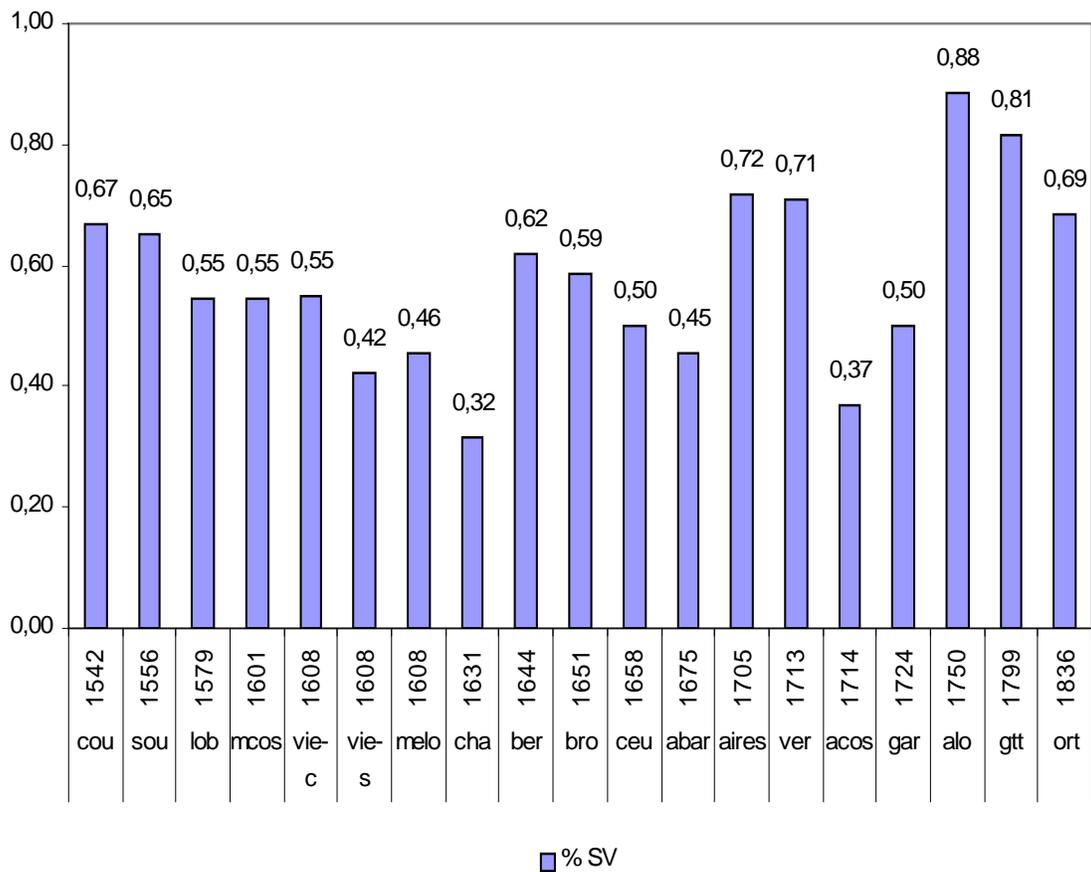
explanatória, suscitando a seguinte indagação: qual posição, ou posições, de fato o objeto lógico de sentenças com *se* passivo pode ocupar na periferia à esquerda da oração na gramática do PM? Na seção seguinte, apresento uma discussão em favor da idéia de que, nessa gramática, o sujeito de sentenças passivas pronominais, quando em posição pré-verbal, não ocupa necessariamente a posição de tópico externa, mas também pode preencher a posição de tópico interna. Para isso, realizo uma análise quantitativa comparando três conjuntos de dados, a saber: o conjunto das sentenças com outros clíticos, que fazem parte do corpus de investigação de Paixão de Sousa (2004), o das sentenças com o clítico *se* não-passivo e o das sentenças com o clítico *se* passivo. A respeito de cada um desses três subgrupos, pretendo mostrar, num primeiro momento, a evolução dos padrões de superficialização da ordem “sujeito + verbo” em relação à opção XV. Num segundo momento, apresentarei os padrões de evolução das ordens sujeito pré-verbal com ênclise e XV com ênclise em relação ao total de dados referente a cada subgrupo. A partir dos paradigmas apresentados, discuto a plausibilidade da hipótese que defendo aqui, isto é, a de que o sujeito pré-verbal de sentenças com *se* passivo não é, obrigatoriamente, um tópico externo na estrutura oracional do PM.

4.2.2. Periferia à esquerda da oração: a posição do sujeito de passiva com *se*

No âmbito das sentenças com clíticos que não sejam o pronome *se* investigadas em Paixão de Sousa (2004), quando se compara o padrão de colocação do sujeito em posição pré-verbal em contraposição à ordem de palavras XV, em que ‘X’ representa um

PP ou um advérbio, registra-se, ao longo do tempo, uma mudança de padrão significativa, que pode ser delimitada na passagem do século 17 para o 18. Veja-se o gráfico 3.

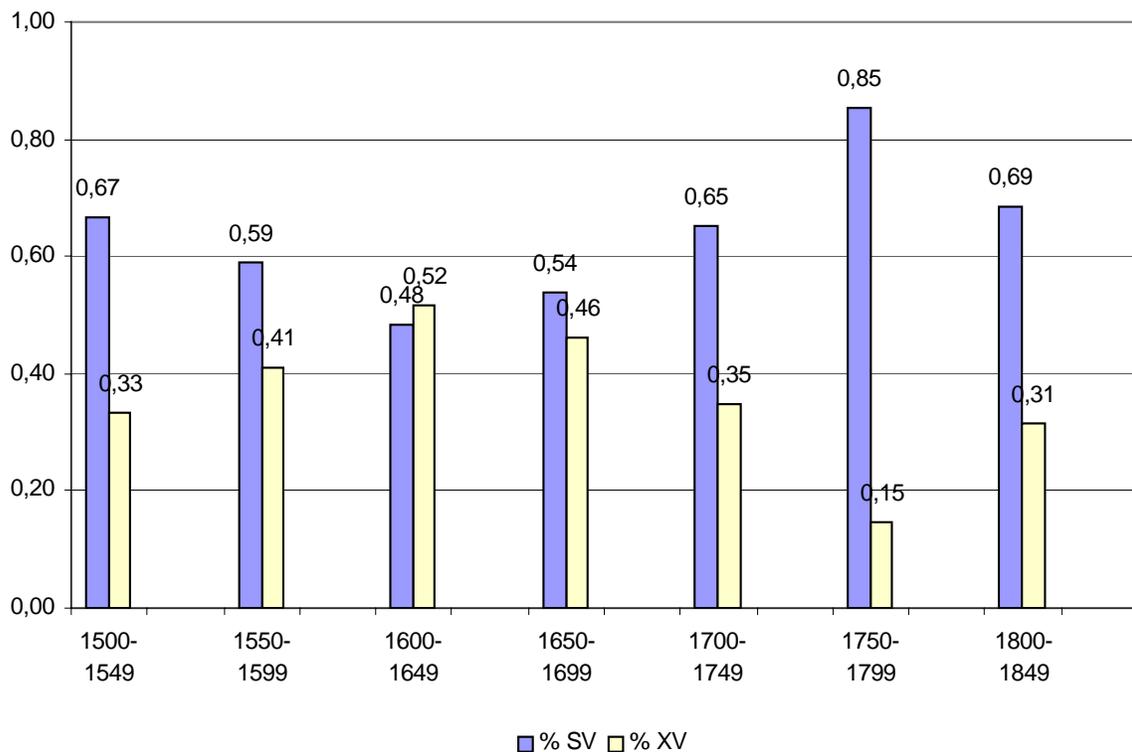
Gráfico 3: a proporção da ordem SV em relação à totalidade de sentenças (SV+XV) com clíticos — excluindo o pronome *se* (Paixão de Sousa 2004).



O gráfico 3 possibilita observar que, entre a primeira metade do século 16 e a segunda metade do século 17, a ordem SV nem sempre é superior à seqüência de palavras XV. Na realidade, nota-se que há uma considerável variação, já que, em alguns textos, SV é mais freqüente, ao passo que, em outros, constitui-se em uma seqüência menos empregada. Em linhas gerais, o índice de SV na maior parte dos textos não ultrapassa o

patamar de 60%, com três exceções: *Décadas*, de Diogo do Couto (67%), *A Vida de Frei Bartolameu dos Mártires*, de Luís de Sousa (65%) e *Nova Floresta*, de Manuel Bernardes (62%). Interessa agora apontar o contraste oferecido pelos textos a partir da primeira metade do século 18. Com exceção de apenas duas obras, todas elas apresentam um índice de frequência da ordem SV em torno de 70% ou mais, índice este que é superior ao de todos os textos escritos por autores nascidos antes de 1700. Essa dinâmica fica mais evidente se reunirmos as obras em períodos de 50 anos, como faço no gráfico 4.

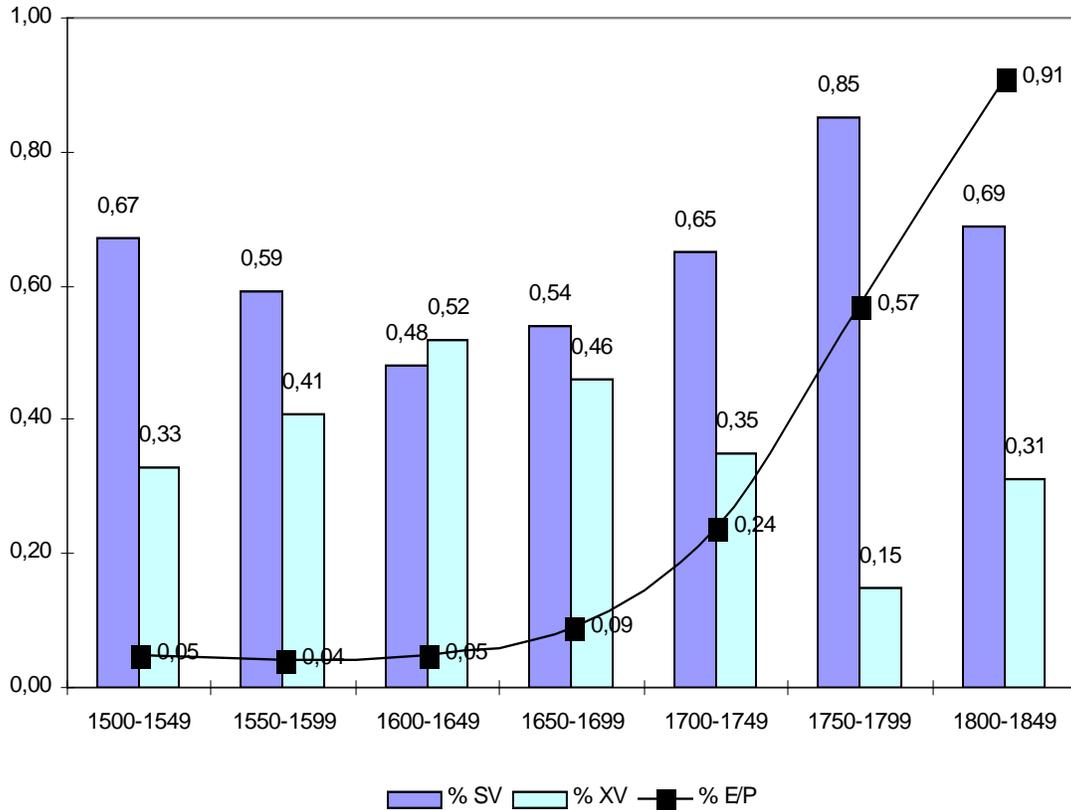
Gráfico 4: a proporção relativa em períodos de 50 anos das ordens SV e XV em sentenças com clíticos — excluindo o pronome *se* (Paixão de Sousa 2004).



Uma possível maneira de entender a mudança que é registrada nos dois gráficos anteriores é em termos de perda do fenômeno V2. Pode-se argumentar que, nos séculos 16 e 17, período este que recobre a gramática do PM, o Português Europeu se caracterizaria como uma língua que manifesta algum tipo de restrição V2, aliás como já sugerido na literatura (cf. Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005). Isto explica a oscilação no percentual de uso entre as construções SV e XV, algo esperado dentro de um sistema gramatical no qual a posição que precede o verbo não precisa necessariamente ser preenchida pelo sujeito, tal como se dá em gramáticas de natureza V2. Por sua vez, do século 18 em diante, quando se tem a emergência do PE, a gramática do Português Europeu não exibiria mais um sistema V2, tomando como base para essa afirmação o fato de que, a partir desse período, a superficialização do sujeito em posição pré-verbal é sempre a escolha mais empregada em relação à alternativa XV, o que nos leva a pensar que o PE seja caracterizado como uma língua SV, ou seja, com uma posição pré-verbal exclusiva para o sujeito, distinta da que passa a ser reservada para tópicos deslocados.

Bastante interessante é o fato de que a perda do fenômeno V2, no plano temporal, pode ser relacionada quantitativamente ao aumento na frequência de uso de construções enclíticas, conforme registrado por Paixão de Sousa. Os dados da autora mostram que, do início do século 18 em diante, quando se tem uma mudança para um padrão de ordem de palavras predominantemente SV, ocorre ao mesmo tempo um crescimento sistemático no índice de ocorrência de construções com ênclise, tal como pode ser depreendido da visualização do gráfico 5.

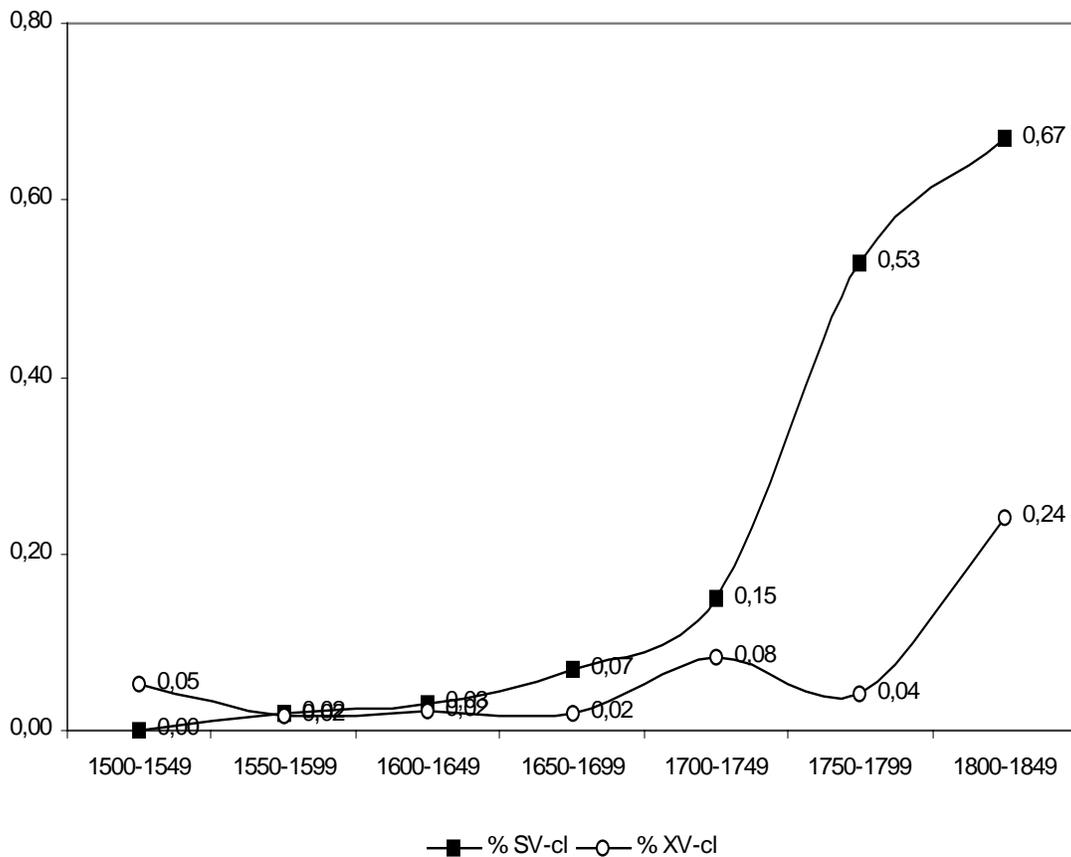
Gráfico 5: a proporção relativa das ordens SV e XV com outros clíticos em comparação ao percentual de construções com ênclise — períodos de 50 anos (Paixão de Sousa 2004).



Também observado por Paixão de Sousa, acrescenta-se o fato de que, no período em que o Português Europeu se caracteriza como uma língua V2 na qual a colocação enclítica é uma estrutura marcada em termos percentuais, as ordens de palavras SV com ênclise e XV com ênclise, em relação ao total de dados, apresentam índices muito próximos entre si. Como mostra a autora, a partir do momento em que ocorre o aumento no índice de construções enclíticas, a proporção da seqüência linear SV-cl visivelmente deixa de ser igual à proporção da ênclise com outros sintagmas pré-verbais, como fica claro no gráfico 6, apresentado logo a seguir. Esta assimetria entre a tendência de SV-cl e

XV-cl em relação ao total de dados é tomada por Paixão de Sousa como um argumento adicional em favor da interpretação de que, na nova gramática, o sujeito pré-verbal deixa de se comportar como outros elementos deslocados à esquerda, dada a mudança de um sistema V2 para um de natureza SV.

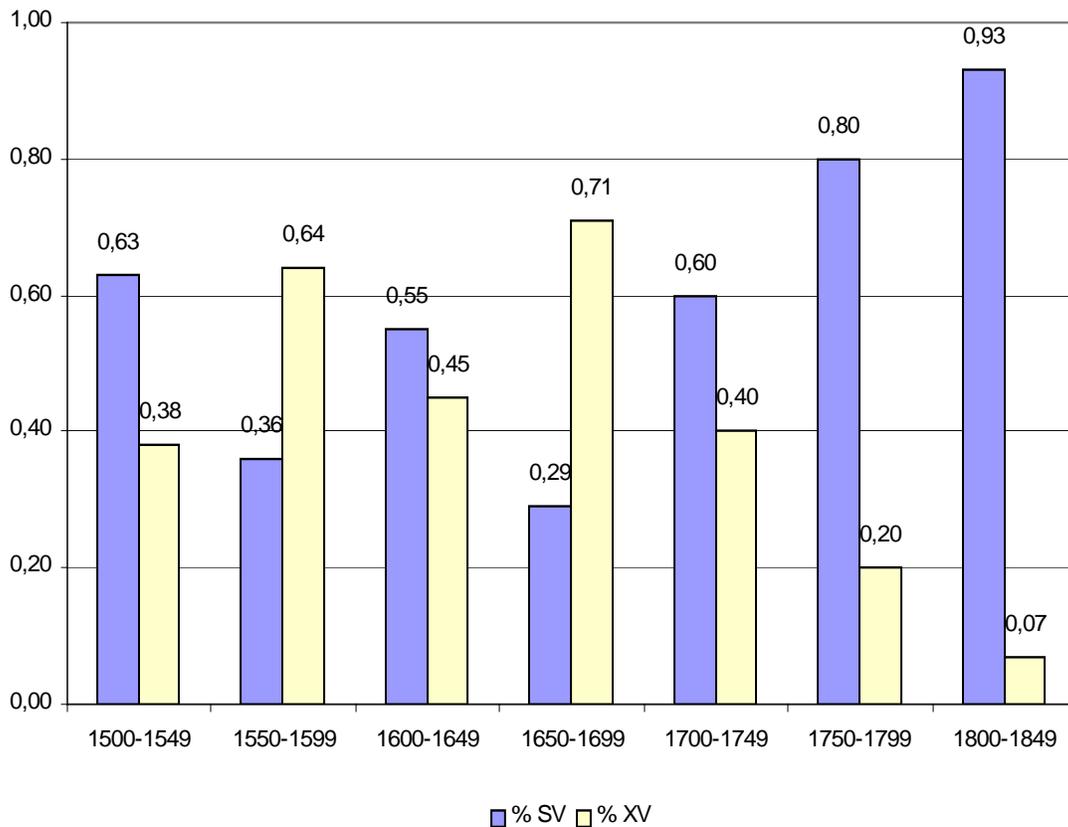
Gráfico 6: a distribuição da ordem SV-cl e da ordem XV-cl em relação ao total de dados (Paixão de Sousa 2004).



Considerando agora as orações com *se* não-passivo, que correspondem a um subgrupo dos meus dados, pode ser observada uma dinâmica que segue a mesma tendência. No que diz respeito ao padrão de evolução da ordem de palavras com sujeito

em posição pré-verbal em relação à ordem com outros constituintes imediatamente precedendo o verbo, veja-se o gráfico 7.

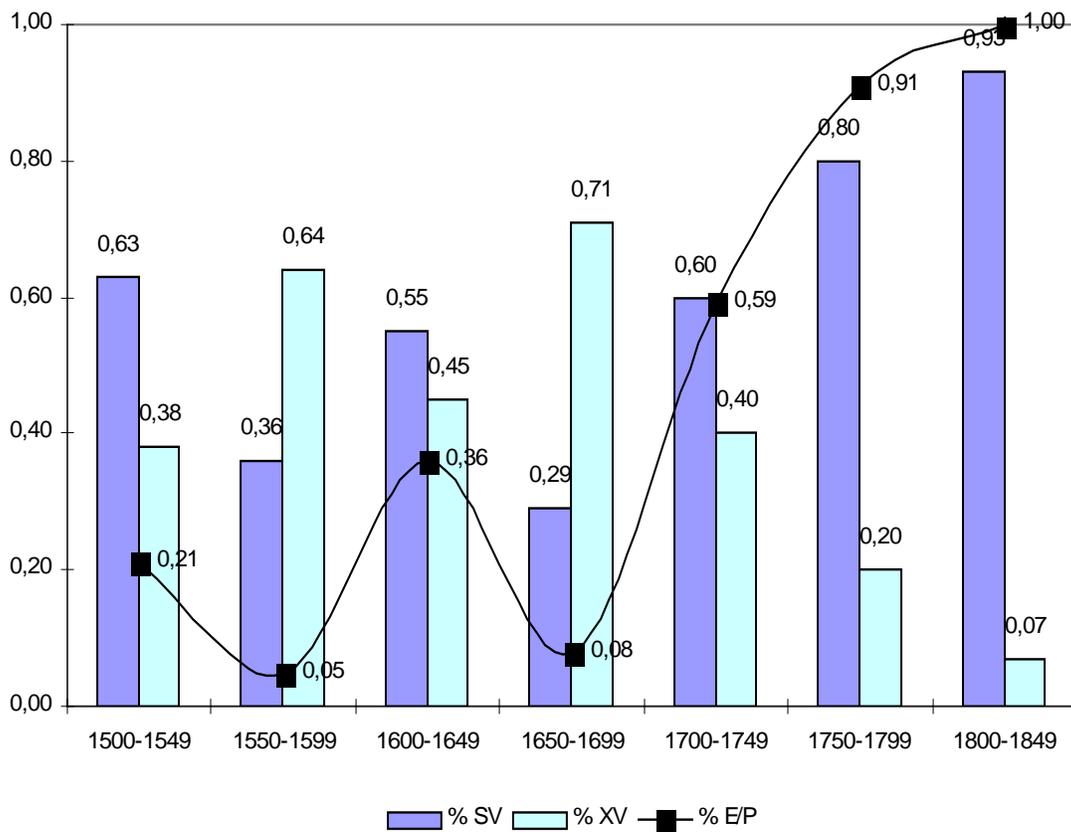
Gráfico 7: a proporção relativa das ordens SV e XV com *se* não-passivo — períodos de 50 anos.



Nessa subdivisão dos dados, é constatado também que, durante o PM, tem-se uma considerável variação na frequência da ordem SV em relação à XV, enquanto que, a partir de 1700, registra-se nos textos um crescimento sistemático do percentual da ordem de palavras SV. Conforme será observado no gráfico 8, essa mudança de padrão, atestada

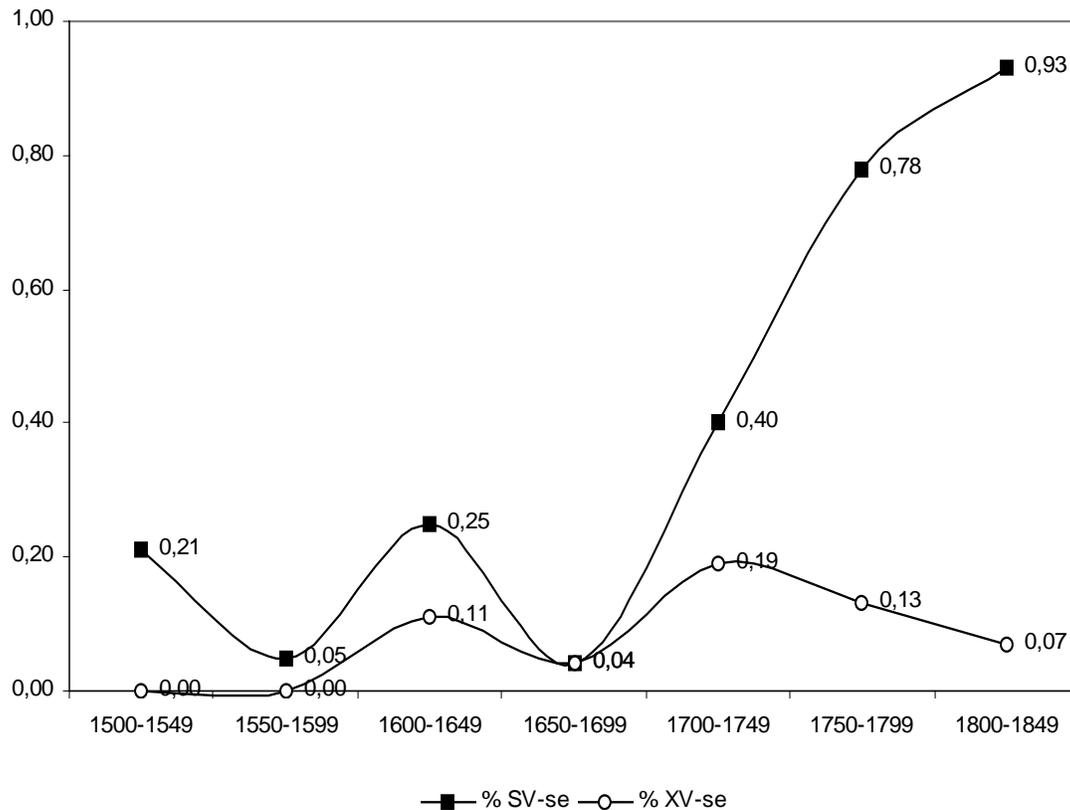
do século 18 em diante, é acompanhada aqui também de um aumento proporcional no índice geral de utilização da ênclise .

Gráfico 8: a proporção relativa das ordens SV e XV com o clítico *se* não-passivo em comparação ao percentual de construções com ênclise — períodos de 50 anos.



A elevação na taxa de uso da ordem SV em simultaneidade ao paradigma de ascensão do índice percentual de construções enclíticas implica, conseqüentemente, numa assimetria entre SV-se e XV-se em relação ao total de dados, a partir de 1700, à semelhança do que ocorre no conjunto de dados de Paixão de Sousa. Isso é ilustrado no gráfico 9.

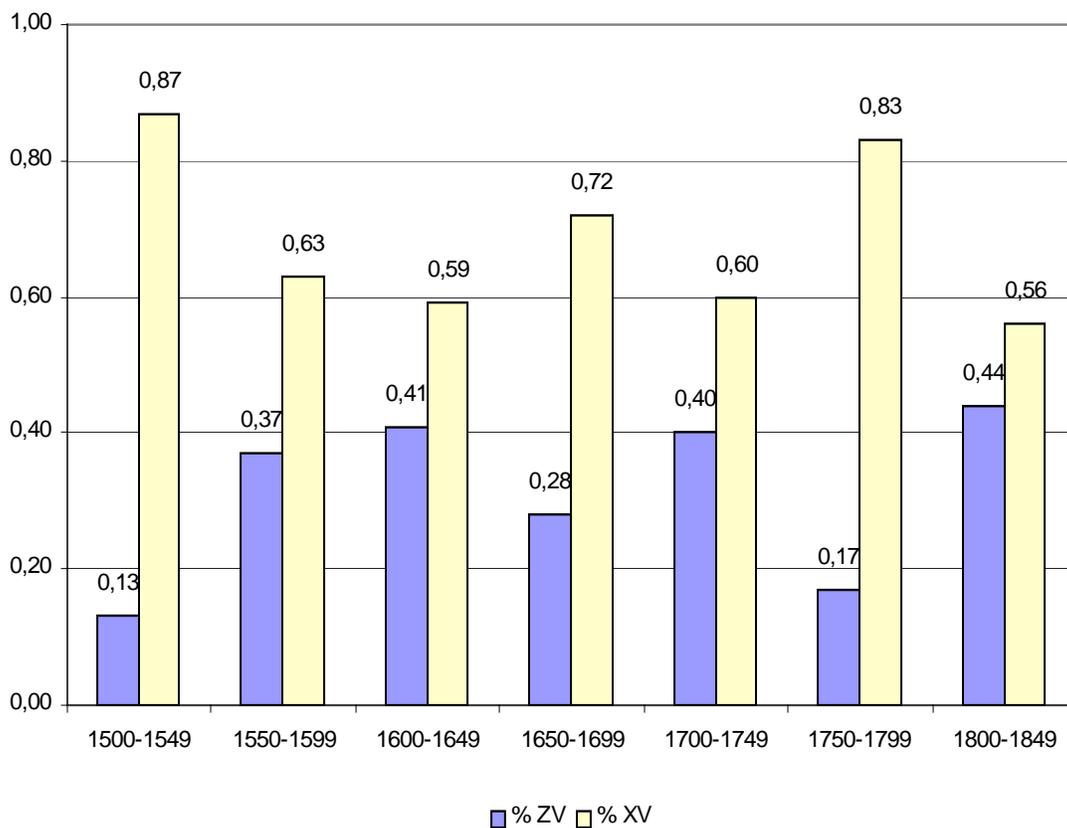
Gráfico 9: a distribuição da ordem SV-se e da ordem XV-se em relação ao total de dados com *se* não-passivo.



Nesse sentido, o aumento na frequência de construções com sujeito pré-verbal e a assimetria que é vista entre SV com ênclise e XV com ênclise também podem ser interpretados como um indício de que, na passagem do século 17 para o 18, o sujeito pré-verbal de sentenças com *se* não-passivo deixa de se comportar como outros XP's deslocados, dando a entender que cada um desses dois tipos de constituintes passa a ocupar uma posição distinta na periferia esquerda da oração.

Para o conjunto das sentenças com *se* passivo, porém, é registrada uma evolução diferente. No gráfico 10, mostro como se dá a distribuição da ordem “sujeito da passiva + verbo” (ZV) em relação à alternativa XV no âmbito das sentenças com *se* passivo.

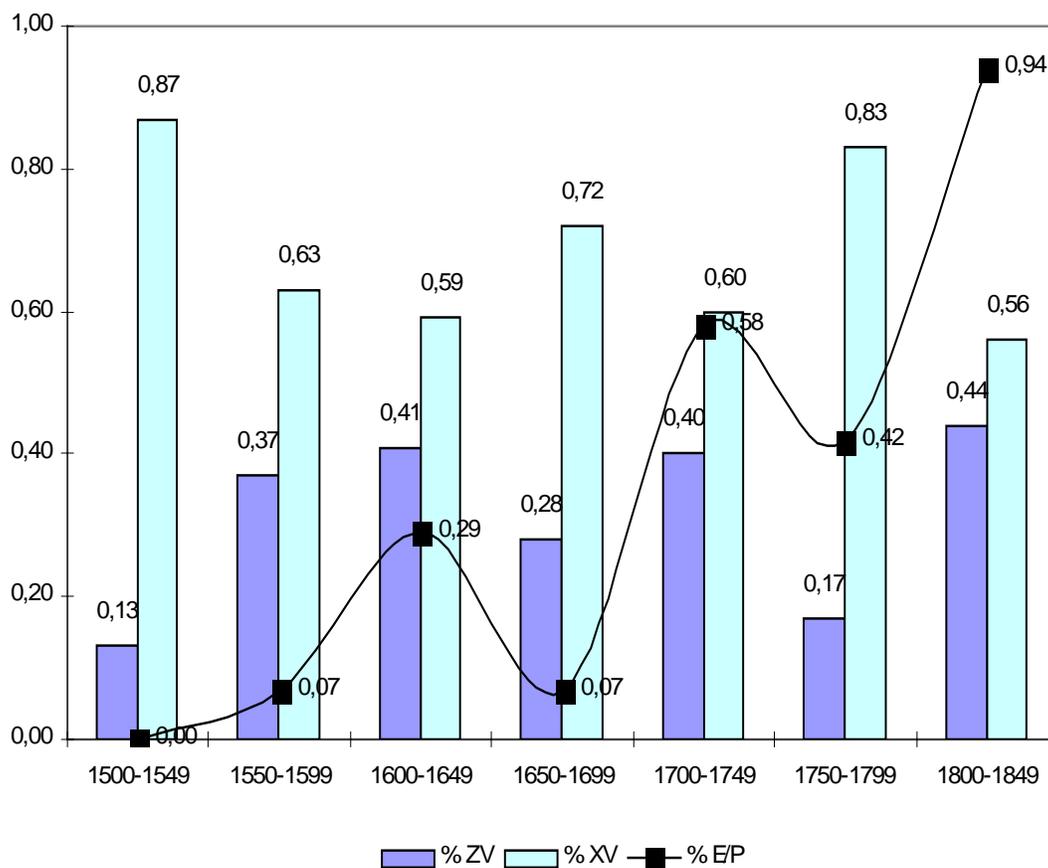
Gráfico 10: a proporção relativa das ordens ZV e XV com *se* passivo — períodos de 50 anos.



Como se vê, o sujeito em posição pré-verbal é uma ordem menos empregada do que a alternativa XV durante o PM, a saber, até o fim do século 17. Isso não deve causar estranheza dentro da idéia de que a gramática desse período seja de natureza V2, não forçando, portanto, a superficialização do sujeito em posição pré-verbal. Porém, do

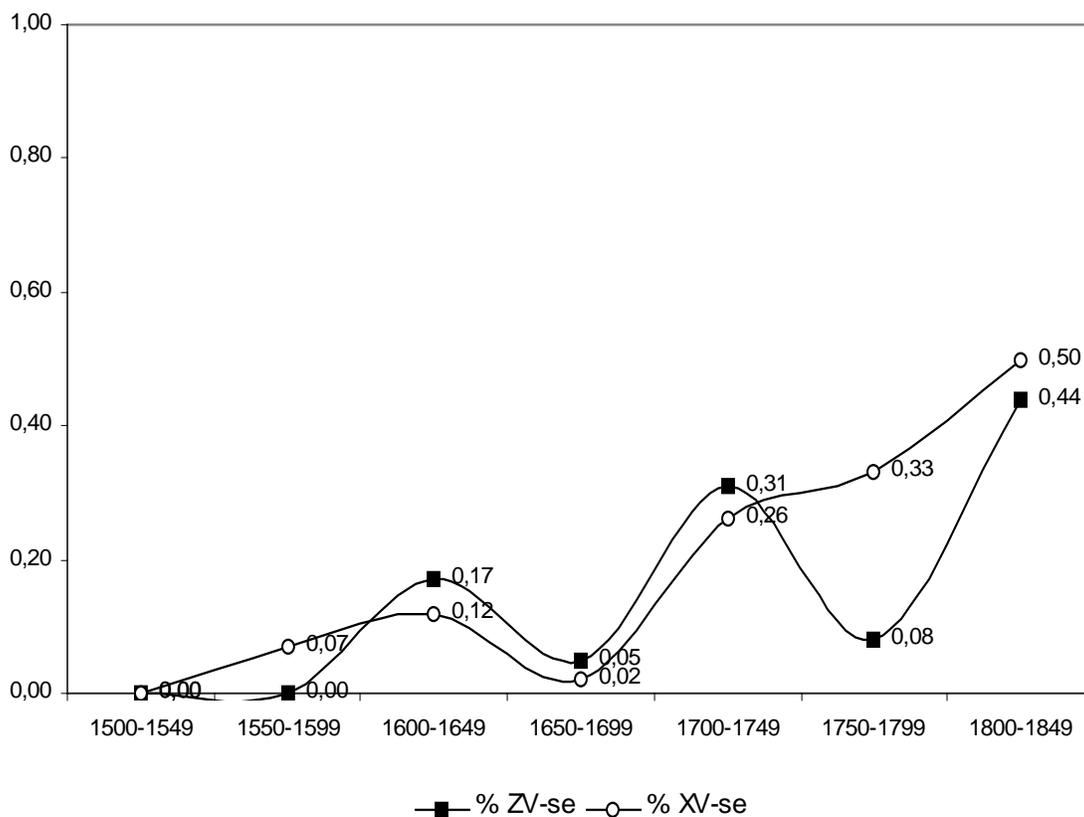
século 18 em diante, quando se tem a mudança de uma gramática V2 para uma gramática de natureza SV, a ordem de palavras “sujeito da passiva + verbo” continua apresentando um índice de frequência menor do que a opção XV, em contraposição ao que ocorre no âmbito das sentenças com outros clíticos e no das sentenças com *se* não-passivo, onde a seqüência com sujeito em posição pré-verbal passa a ser a ordem de palavras preferida. Acrescente-se a esse quadro que, a partir de 1700, atesta-se também uma dinâmica rumo à categorização da ênclise, embora não de forma tão regular como a que se dá tanto no contexto das sentenças com outros clíticos bem como no das orações com *se* não-passivo. Isso é representado no gráfico 11.

Gráfico 11: a distribuição da ordem ZV em relação à XV em sentenças com *se* passivo em comparação à distribuição da ênclise versus a próclise – períodos de 50 anos.



Tem-se ainda um contraste adicional em relação aos outros dois conjuntos de dados comparados. Enquanto que no âmbito das sentenças com outros clíticos ou das orações com *se* não-passivo o aumento da ênclise, que é observado a partir de 1700, é acompanhado por uma assimetria, em termos percentuais, entre a ordem sujeito pré-verbal com ênclise e XV com ênclise, no caso das sentenças com *se* passivo isso não ocorre. A esse respeito, veja-se o gráfico 12.

Gráfico 12: a distribuição da ordem ZV-se e da ordem XV-se em relação ao total de dados com *se* passivo — períodos de 50 anos.



Aqui, nota-se que a assimetria entre a tendência de ZV-se e XV-se é registrada, de forma não tão acentuada como nas outras perspectivas, apenas no período de 1750-1799 (8% para ZV-se, e 33% para XV-se). Em todos os outros períodos de séculos, a diferença percentual entre as duas ordens de palavras é sempre inferior a 10%. Pensando-se agora especificamente na questão da posição pré-verbal que vem a ser ocupada pelo objeto lógico de sentenças passivas pronominais, aqui designado como sujeito da passiva, pode ser dito que o padrão semelhante de evolução, até 1700, entre a seqüência linear ZV-se e XV-se seja um indicativo de que o sujeito pré-verbal de sentenças com *se* passivo se comporta como qualquer outro XP deslocado. Articulando essa idéia à proposta de estrutura oracional para o PM que é assumida em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) e em outros trabalhos,³⁵ isso significa que a posição pré-verbal interna à fronteira sintática da oração nessa gramática poderia ser ocupada pelo objeto lógico de sentenças dessa natureza. Nesse sentido, explica-se então a razão por que se atesta a próclise com a ordem de palavras “sujeito da passiva + verbo”, conforme verifiquei nos meus dados, e não apenas a ênclise, como seria de se esperar se o sujeito pré-verbal de sentenças passivas pronominais sempre ocupasse a posição externa da oração.

Com a mudança de um sistema V2 para um do tipo SV, a periferia esquerda da oração passa a apresentar uma posição específica para o sujeito e outra para constituintes não-sujeito, como pode ser depreendido a partir da tendência de evolução entre SV com ênclise e XV com ênclise, tanto no conjunto das sentenças com outros clíticos como no âmbito das orações com *se* não-passivo. Por conta de sua natureza semântica de objeto lógico da sentença, não seria de se estranhar que, na nova gramática, o sujeito da passiva, quando em posição pré-verbal, passasse a ser licenciado numa posição específica para

³⁵ Cf. a nota (4) para uma relação de outros trabalhos.

tópicos deslocados, e não naquela que passa a ser reservada para o sujeito pré-verbal. Nesse sentido, o fato de não haver uma assimetria entre ZV-se e XV-se, a partir do século 18, é um resultado esperado. Além disso, a ausência de tal assimetria possibilita entender a razão por que, desse momento em diante, não há um aumento da ordem ZV em relação à XV, algo que deveria acontecer caso o objeto lógico de sentenças com *se* passivo, quando em posição pré-verbal, ainda fosse licenciado na posição específica de sujeito. Uma conclusão nesse sentido tem a vantagem adicional de corroborar a análise desenvolvida em Raposo & Uriagereka (1996), onde se mostra não ser possível ao sujeito de sentença passiva com *se* estar associado à posição reservada para o sujeito gramatical da oração, isto é, [Spec, Infl].

É claro que uma explicação como essa coloca o problema de como o sujeito da passiva, no PE, embora não esteja associado a posição gramatical do sujeito, ainda manifeste concordância morfológica com o verbo. Ressalte-se que esse problema não se levanta para os textos representativos da gramática do PM, uma vez que, com relação a esse período da história do Português Europeu, passo a assumir que o sujeito de sentenças passivas com *se* ocuparia ou estaria relacionado a uma posição em comum com o sujeito de sentenças de outra natureza, a partir de onde a concordância morfológica com o verbo finito seria licenciada sem problema algum. Para o PE, duas explicações já foram postuladas a fim de solucionar essa questão. A primeira é apresentada em Raposo & Uriagereka (1996). Neste trabalho, tomando como base a teoria da checagem de traços do programa minimalista (cf. Chomsky 1995, cap. 4), com algumas modificações, é postulado que:

- No PE, *se* é um “DP mínimo”, no sentido de possuir traços semânticos reduzidos {[humano], [indefinido]}, como PRO. *Se* checa o traço D de T e recebe, como PRO, Caso Nulo.
- Existem duas posições disponíveis para checar o Nominativo: [Spec, T] e uma outra numa categoria funcional acima, designada de F. É nessa última posição que o DP objeto lógico, isto é, o sujeito da passiva, vai checar o Caso Nominativo.

Esta análise dá conta, portanto, da concordância entre o verbo e o seu DP objeto lógico, sem postular que tal DP esteja na posição gramatical do sujeito ou ligado a ela. Na realidade, quem ocupa a posição [Spec, T] é o pronome clítico *se*.

A segunda explicação é desenvolvida em Martins (2003). Neste artigo, a autora argumenta que *se* ocupa a posição [Spec, T], como propõem Raposo & Uriagereka, e que o DP objeto lógico, ou sujeito da passiva, encontra-se dentro da projeção de uma categoria funcional acima de T, que bem pode ser F, se for adotada a terminologia de Raposo & Uriagereka, ou Σ , caso se queira seguir a terminologia adotada por Martins. Porém, diferentemente destes, Martins defende que o clítico *se* recebe Caso Nominativo e o DP objeto lógico recebe Caso Acusativo.

Para explicar a concordância que se estabelece entre o DP objeto lógico e o verbo finito, Martins se vale de pressupostos da teoria de traços, tal como trabalhados em Rooryck (1994). Em sua argumentação, a autora postula que *se* tem traços de [pessoa – número] subespecificados de valor variável, cujo valor pode ser preenchido desde que se estabeleça uma relação de concordância com um DP especificado quanto aos traços relevantes. O DP com o qual o clítico *se* estabelece a relação de concordância é o objeto

lógico, ou sujeito da passiva. Uma vez especificados os traços de [pessoa – número] de *se* através desta relação de parceria, a concordância entre sujeito (isto é, *se*) e verbo é ativada da forma habitual. A relação entre *se* e o DP objeto lógico não é assimilável à relação de cadeia entre um expletivo e o seu associado porque o clítico *se* e o seu associado não partilham o mesmo Caso, como já assinalado: *se* recebe Nominativo, o DP objeto recebe Acusativo.

4.3. A ênclise e o efeito de contrastividade

4.3.1. O clítico *se* e o uso de tópicos contrastivos

A partir de agora, pretendo mostrar que a correlação entre o emprego da ênclise e o uso do clítico *se* no período anterior ao século 18, especialmente no século 17, é o resultado de uma dinâmica entre fatores de natureza estilística e textual, e não se vinculando propriamente a qualquer eventual singularidade sintática das construções com esse pronome clítico.

Em Galves (2001b), é registrado que, nos *Sermões* de Vieira, todas as sentenças enclíticas com o sujeito em posição pré-verbal, por exemplo, são casos em que esse constituinte é contrastado com algum outro sintagma, geralmente um sujeito também, presente em outra oração. Os exemplos abaixo, extraídos do trabalho de Galves, ilustram exatamente isso.

- (8) a. Comparada, porém, qualquer revelação não canonica, com as boas obras, eu antes quizera a certeza das obras, que a da revelação; porque **a revelação** não me póde salvar sem boas obras; e **as boas obras pódem-me** salvar sem revelação.

(Galves 2001b, ex. 16)

a revelação / as boas obras

b. E porque considera Deus não os passos, senão as pégadas? Porque os passos passam, as pégadas ficam; os passos pertencem á vida que passou, as pégadas á conta, que não passa. Mas differentemente não passa Deus pelo que nós tão facilmente passamos! **Nós** deixamos as pégadas de traz das costas, e **Deus tem-n'as** sempre diante dos olhos, com que as nota e observa: as pégadas para nós apagam-se, como formadas em pó, para Deus não se apagam, como gravadas em diamante.

(*ibid.*, ex. 17)

Nós / Deus

c. **Deus julga-nos** a nós por nós; **os homens judgam-nos** a nós por si.

(*ibid.*, ex. 20)

Deus / os homens

Por sua vez, Galves nota que a próclise é superficializada quando nenhum valor contrastivo é conferido ao sintagma pré-verbal, como confirmam os exemplos em (9).

- (9) a. porque ainda que a vida e os dias em que peccamos passam, os peccados que n'elles commetemos, não passam, mas ficam depositados **nos thesouros** da ira divina. Falla o Apostolo por bocca do mesmo Deus, o qual diz no Deuteronomio: Nonne haec condita sunt apud me, et signata in thesauris méis? Mea est ultio, et ego retribuam in tempore. **Estes thesouros, pois, que agora estão cerrados, se**

abrirão a seu tempo, e se descobrirão para a conta no dia do Juízo, que isso quer dizer, in die irae, et revelationis justi iudicii Dei.

(*ibid.*, ex. 31)

b. **Sete fontes de graça** deixei na minha Igreja, (que é o benefício da justificação) para que n'ellas se lavassem as almas de seus peccados, e com ellas se regassem e crescessem nas virtudes. **Em uma** te facilitei em tal fórma o remedio para todas as culpas, que só com as confessar te prometi o perdão, que tu não quizeste aceitar, fugindo da benignidade d'aquelle sacramento como rigoroso, e amando mais as mesmas culpas, que estimando o perdão. **Em outra** te dei a comer minha carne e a beber meu sangue, e juntamente os thesouros de toda a minha Divindade, em penhor da gloria e bem aventurança eterna, que foi o altissimo fim para que te creei.

(*ibid.*, ex. 34)

c. Esta differença dos signaes que então há-de haver, e agora não ha, é a que faz a differença dos efeitos muito mais para temer no Juízo de cada dia, que no fim do mundo. Que efeitos ha-de causar nos homens a vista d'aquelles signaes? **O Evangelhista** o refere por bem extraordinarios termos: Arescentibus hominibus prae timore, et expectatione, quae supervenient universo orbi.

(*ibid.*, ex. 36)

Em (9a), o constituinte “Estes thesouros, pois, que agora estão cerrados” é um elemento anafórico em relação a um sintagma precedente, no caso “nos thesouros”. Em (9b), uma leitura atenta mostra que os sintagmas “em uma” e “em outra” não expressam um contraste entre si, mas correspondem a sub-tópicos de um tópico introduzido na sentença anterior, a saber, “Sete fontes de graça”. No caso de (9c), “O Evangelhista” é a fonte de uma citação textual, não apresentando valor algum de contrastividade.

A partir disso, Galves defende que o alto índice de ênclise nos *Sermões* de Vieira, como já observado em outros trabalhos,³⁶ deve ser relacionado, então, a um uso mais intenso daquilo que se poderia designar de topicalização contrastiva. A razão da escolha por essa estratégia discursiva se deveria ao fato da própria natureza textual dos *Sermões*: enquanto obras-primas do estilo de oratória barroca, a oposição entre termos se constitui em um recurso estilístico fundamental.³⁷

Admitindo-se que tópicos contrastivos sejam adjuntos (visto que provavelmente possuam um contorno entoacional próprio), o padrão de colocação de clíticos nos *Sermões* passa a ser perfeitamente coerente com a hipótese proposta em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) e também assumida em Galves (2001b) para a derivação da colocação de clíticos no PM, a saber, que a ênclise é superficializada a partir da restrição a clíticos na primeira posição estrutural da oração. Em outros termos, sentenças com tópicos contrastivos em posição pré-verbal assumiriam a estrutura sintática em (10a), em oposição à (10b).

(10) *Tópico Contrastivo (TC) + Verbo*

a. TC # V cl

b. * # TC cl V

Além disso, como Galves destaca, essa análise provê uma explicação simples para o aparente contraste entre os *Sermões* e as *Cartas* de Vieira, que apresentam muito menos

³⁶ Cf. Martins (1994) e Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005).

³⁷ Cf. Saraiva & Lopes (1996). A esse respeito, volto-me adiante.

ênclise.³⁸ Os dois textos seriam igualmente representativos da gramática do PM, mas as cartas, enquanto gênero textual não representativo do estilo de oratória barroca, não favoreceriam o emprego de topicalizações contrastivas. De fato, como é mostrado por Galves, os poucos casos de ênclise encontrados nas cartas também corroboram a proposta para a implementação da colocação de clíticos defendida em seu trabalho e em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005). Por exemplo, não é atestada sentença alguma com ênclise em que o sintagma pré-verbal seja um sujeito. Na realidade, encontram-se apenas casos com a seqüência *Sujeito + X + V + cl.*

(11) a. **Nós, pelo contrário, pegamo-nos** a que tudo se deve repor no estado em que estava ao tempo da publicação da trégua, e nos ajuda a isto o exemplo da fortaleza de Galé em Ceilão, e a resposta que os mesmos Estados deram ao embaixador Francisco de Andrada, em que deliberaram isto mesmo.

b. E mais **Abel, Senhor, salvou-se** e está no Céu.

Nos dois exemplos, o sujeito é separado do verbo por algum sintagma adjunto à oração: um PP adverbial sentencial em (11a) e um vocativo em (11b). Ou seja, esses exemplos claramente mostram que a ênclise aparece sistematicamente quando o sintagma pré-verbal se encontra externo à oração, dando suporte ao que é defendido por Galves, Britto & Paixão de Sousa.

Trazendo essa discussão especificamente para o universo de sentenças com *se*, pude constatar que essa relação entre a ênclise e o uso de tópicos contrastivos em posição

³⁸ O contraste quanto ao índice de ênclise entre os *Sermões* e as *Cartas* foi apontado inicialmente por Britto (1999).

pré-verbal, tanto em construções com *se* passivo quanto com *se* de valor não-passivo, também é válida nos *Sermões* de Vieira, como exemplificam os dados em (12).

- (12) a. **As outras prophcias cumprem-se a seu tempo, **esta do dia do Juiso** tem o seu cumprimento antes do tempo;**

As outras prophcias / esta do dia do Juiso

- b. **Elles conheciam-se, como homens, **Christo** conhecia-os, como Deus**

Elles... como homens / Christo... como Deus

- c. **No tempo da paz póde-se soffrer, que se deem os logares ás gerações; mas **no tempo da guerra**, não se hão-de dar senão ás acções.**

No tempo da paz / no tempo da guerra

- d. **Entre as feras tomava-se com os leões, e **entre os homens** com os gigantes.**

Entre as feras / entre os homens

Porém, mais interessante ainda, verificou-se que o uso de tópicos contrastivos não se restringe aos *Sermões* de Vieira. Na realidade, outros autores do século 17 fazem uso desse recurso estilístico, como mostro nos exemplos a seguir.

- (13) a. Dirá alguém que he, porque gastaõ menos, e eu digo que he, porque guardaõ mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaração, que todos gastaõ da fazenda Real, e aquelles guardaõ para si, e estes para seu dono: **aqueles pagaõ-se** por sua maõ, e **estes** não trataõ de paga, senão de restituiçaõ. (Manuel da Costa, 1601)

aquelles / estes

b. Assim são os ladroens: **na Casa da Supplicação** chamaõ-se infames, quando os sentenceãõ, que he poucas vezes: mas **nas ruas**, por onde andaõ de continuo em alcatêas, tem nomeadas muito nobres: porque huns são Godos, outros chamaõ-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos são piratas. (Manuel da Costa, 1601)

na Casa da Supplicação / nas ruas

c. Os mundanos apeteçem o que se vê, porque vivem pelo sentido; os espirituais amam o que se não vê, porque vivem pela fé, como repetidamente diz o apóstolo: *Justus ex fide vivit*. **Uns** vãõ-se com as visões de Satanás, porque oculos suos statuerunt declinare in terram; só sabem olhar para baixo; **outros** com as de Deus, porque seu modo de olhar é para cima: *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in Caelis*. (Manuel Bernardes, 1644)

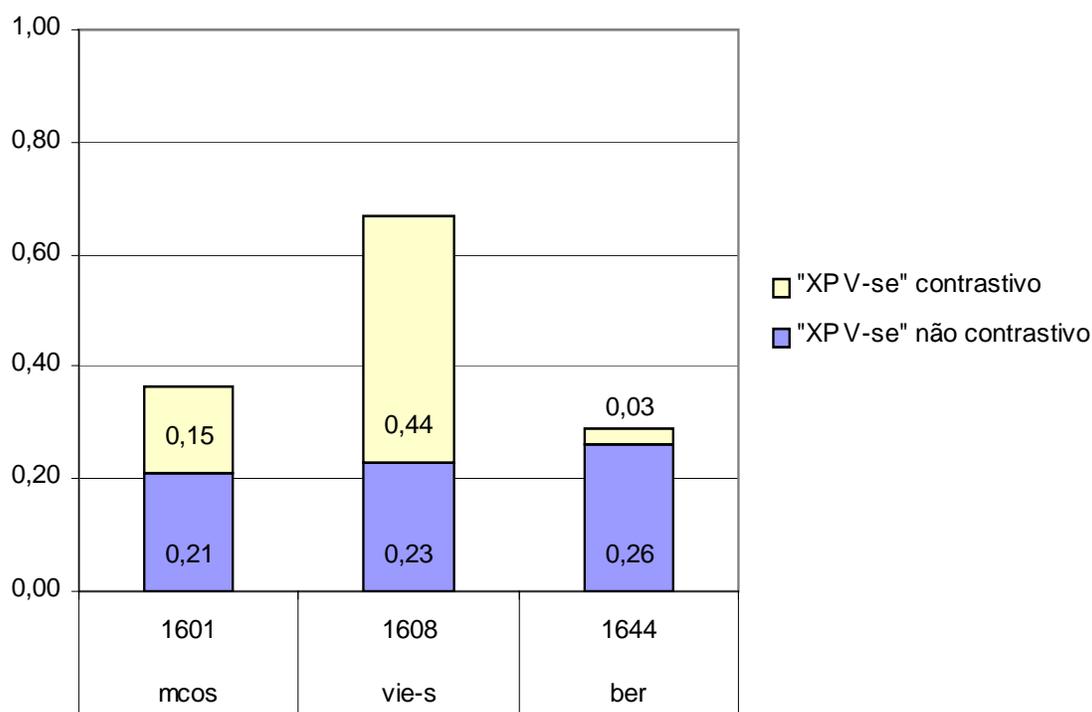
Uns... com as visões de Satanás / outros com as de Deus

Em (13a), o contexto geral do exemplo apresentado é uma contraposição que se traça entre o comportamento de súditos reais que têm por interesse simplesmente o benefício próprio e a atitude de súditos que se portam de maneira honesta diante das rendas públicas com as quais lidam. Assim, “aquelles” faz referência ao primeiro grupo, enquanto que “estes” é uma referência ao segundo. No exemplo (13b), os PP’s locativos “na Casa da Supplicação” e “nas ruas” se contrapõem na medida em que fazem referência a lugares onde os ladrões recebem designações opostas: em um, são tratados por infames, em outro, recebem renomes bastante nobres. Quanto a (13c), “uns” e “outros” estabelecem uma relação de contraposição, dado que retomam a referência de

“os mundanos” e “os espirituais”, respectivamente, termos estes que designam dois grupos de pessoas com comportamentos que o autor procura opor entre si.

Quanto aos dois textos mais enclíticos do período que engloba os séculos 16 e 17, *A Arte de Furtar*, de Manuel da Costa, e os *Sermões*, de Antonio Vieira, pude constatar que o percentual de construções enclíticas nessas duas obras é composto de maneira significativa de estruturas em que o elemento pré-verbal é um sintagma de natureza contrastiva. Em *Nova Floresta*, obra escrita por Manuel Bernardes (nascido em 1644) e a terceira mais enclítica desse período, o percentual de construções enclíticas com sintagmas contrastivos é menos acentuado. No gráfico 13, apresento a incidência de sentenças enclíticas com um sintagma contrastivo em posição pré-verbal em comparação com a incidência de orações enclíticas em que o constituinte pré-verbal não é um elemento de natureza contrastiva, considerando-se o percentual geral da ênclise em relação à próclise nos textos desses três autores.

Gráfico 13: o percentual de construções enclíticas com sintagmas contrastivos e o percentual de construções enclíticas com sintagmas não contrastivos dentro do percentual geral de ênclise (SV + XV) — Manuel da Costa, *Sermões* de Vieira e Manuel Bernardes.



Observando-se o gráfico 13, nota-se que, nos textos desses três autores, a incidência de construções enclíticas em que o constituinte pré-verbal não é um sintagma contrastivo é bem próxima do índice percentual de construções enclíticas que se tem para a maior parte das obras escritas por autores nascidos antes do século 18 (cf. o gráfico 1 do capítulo 3). Como pôde ser observado no capítulo 3, dos treze textos referentes aos séculos 16 e 17, em dez deles o índice percentual de ênclise dentro do conjunto total de dados com o clítico *se* é inferior a 20% (mais precisamente 16%). Apenas no texto de Manuel da Costa, nos *Sermões* de Vieira e na obra de Manuel Bernardes os índices percentuais de colocação enclítica ultrapassam a 20% (36%, 67% e 29%, respectivamente). Contudo, decompondo-se o percentual geral de sentenças enclíticas nesses três textos entre orações com sintagma contrastivo em posição pré-verbal e

orações com sintagma não-contrastivo em posição pré-verbal, fica evidente que a proporção de ênclise com elemento não-contrastivo imediatamente precedendo o verbo se aproxima, de um ponto de vista quantitativo, da proporção de ênclise dos outros textos representativos da gramática do PM, já que, na obra de Manuel da Costa isso corresponde a 21%, nos *Sermões* de Vieira, a 23%, e, no texto de Manuel Bernardes, a 26%. O que os dados sugerem, então, é que uma forte razão para esses autores, especialmente Manuel da Costa e Antonio Vieira, apresentarem um índice de ênclise em suas respectivas obras consideravelmente superior ao de seus contemporâneos é que, em seus textos, há um emprego mais recorrente de construções em que o sintagma pré-verbal é um elemento de natureza contrastiva. Essa conclusão tem a vantagem de estar em consonância também com a proposta de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) para a derivação de clíticos no PM, que prevê a superficialização da ênclise apenas em estruturas verbo-iniciais.

A partir dessas considerações, a correlação entre a ênclise e o uso de sentenças com o clítico *se* atestada no período médio do Português Europeu talvez seja melhor colocada da seguinte maneira. Em termos puramente estruturais, as sentenças com *se* não apresentariam diferença alguma de natureza sintática em relação às construções com outros clíticos, diferença esta que pudesse vir a favorecer o desencadeamento da opção enclítica. O que se pode pensar, porém, é que as sentenças com *se*, em virtude de uma conjugação entre fatores de ordem discursiva e textual, sejam mais apropriadas sempre que se queira empregar uma construção na qual esteja em jogo um valor semântico de contrastividade, como é o caso das orações com um sintagma contrastivo precedendo o verbo.³⁹ Como o emprego de tópicos de natureza contrastiva em posição pré-verbal cria

³⁹ Esta observação devo a Maria Clara Paixão de Sousa, por ocasião do exame de qualificação desta dissertação.

as condições necessárias para que a ênclise seja desencadeada, tem-se delineada, desse modo, a relação entre a ênclise e o clítico *se*.

A questão que surge então é por que razão as orações com o clítico *se* prestam-se ao uso de estruturas com sintagmas contrastivos. A esse respeito, gostaria de tomar como exemplo novamente os *Sermões* de Vieira. No livro *História da Literatura Portuguesa*, Saraiva & Lopes argumentam que, enquanto gênero literário tal como praticado no século 17, o sermão se desenvolve a partir de um texto bíblico que é comentado de acordo com o tema e as teses que o orador tenciona desenvolver. É também mostrado que os oradores em geral, e no caso de Vieira especialmente, recorrem a processos que procuram dar ao texto um caráter de alto rigor lógico, processos estes que, nas palavras de Saraiva & Lopes, “aparentam toda a solidez de uma engenharia infalível” (*op. cit.*, p. 524). Nesse sentido, torna-se legítimo imaginar um sermão como um texto no qual aspectos de pessoalidade e subjetividade não contribuam na tarefa de expor a mensagem que ao orador interessa apresentar. Assim, nada mais natural do que lançar mão de recursos gramaticais para a construção de uma tese o mais impessoal e objetiva possível. Por sua vez, textos mais ligados ao universo da subjetividade, como as cartas, por exemplo, apresentariam outras marcas gramaticais que os caracterizem propriamente como tais. No âmbito dessa discussão, é ilustrativo o trabalho de Chociay (2003). Em sua pesquisa, é investigado o papel do tipo de clítico na ordem proclítica ou enclítica em textos escritos por autores nascidos entre os séculos 16 e 19. No caso do padre Antonio Vieira, comparando-se as *Cartas* com os *Sermões*, Chociay verifica que o clítico *me*, notadamente uma forma gramatical que denota subjetividade, corresponde a 22% do percentual total de clíticos no primeiro tipo de texto, ao passo que, no segundo, o índice

desse clítico é de apenas 2%. Com relação ao clítico *se*, nas cartas, esse pronome clítico equivale a 38% do conjunto geral de clíticos, porém, nos *Sermões*, seu índice atinge o percentual de 64%. Esses resultados podem levar a imaginar que o clítico *se* está associado de maneira mais evidente a gêneros textuais nos quais a impessoalidade e a objetividade sejam traços mais marcantes, como seria o caso de um sermão.

Acrescente-se a isso o fato de que, nos *Sermões* de Vieira, o jogo das oposições é uma estratégia estilística de destaque, uma vez que contribuiria significativamente para a interpretação das palavras bíblicas e para a busca e demonstração de sua essência (cf. Saraiva & Lopes 1996). Ou seja, tem-se aqui a conjunção de dois fatores. De um lado, o tipo de texto, que se caracteriza basicamente como um gênero literário que tem por finalidade propor um comentário, especificamente em torno de questões religiosas, e que, por hipótese, estaria mais propenso a organizar o discurso em torno da impessoalidade, favorecendo o uso do clítico *se*, como sugere o trabalho de Chociay (2003). Por outro lado, o fato de que, no âmbito desse gênero textual específico, o emprego de termos contrastivos é uma estratégia fundamental no processo de comentar a mensagem bíblica. Assim, torna-se plausível supor que a utilização de topicalizações contrastivas se mostre mais intensa no âmbito de sentenças com *se*, o que, de fato, apontam os meus resultados em torno dos *Sermões* do padre Vieira.

O mesmo tipo de argumento poderia ser apresentado para o texto de Manuel da Costa, *A Arte de Furtar*, onde também se tem um uso bastante significativo de ênclise com tópicos contrastivos no âmbito das sentenças com *se*. Segundo Saraiva & Lopes, essa obra é um depoimento literário muito completo e variado acerca da realidade social do tempo de D. João VI, com a exposição de informações concretas e precisas, sugerindo

que essa obra também possa se caracterizar mais como um texto de caráter impessoal do que de natureza subjetiva. Quanto à incidência do tipo de clítico, Chociay mostra que o texto de Manuel da Costa apresenta um padrão muito semelhante ao dos *Sermões* de Vieira. Como registra a autora, o clítico *me* corresponde a 5% do total de clíticos (2% nos *Sermões*), enquanto que o clítico *se* corresponde a 63%, índice este absolutamente próximo dos 64% nos *Sermões*. A esse dado, acrescente-se ainda o fato de que *A Arte de Furtar*, como assinalam Saraiva & Lopes, é bem uma obra barroca, que faz um uso sistemático de oposições verbais. Aliás, diga-se de passagem que a primeira edição desta obra, datada de 1652, aparece sob o nome do padre Antonio Vieira, ou seja, um indício a mais para pensar que tanto a obra de Manuel da Costa como os escritos de Antonio Vieira possam apresentar similaridades sintáticas e discursivas bastante significativas. Dentro dessa perspectiva, pode-se esperar que o uso de topicalizações contrastivas com o clítico *se* também se mostre bastante intenso em *A Arte de Furtar*, recebendo a mesma explicação que se coloca para o caso dos *Sermões* de Vieira.

Essas considerações reforçam a hipótese que defendo aqui nesta dissertação. Como espero ter demonstrado, a correlação entre a ênclise e as construções com *se*, como é visivelmente atestada nos autores mais enclíticos do período anterior ao século 18, não se deve a eventuais propriedades singulares das estruturas sintáticas envolvendo o clítico *se*. O que se verificou, na realidade, é que essa correlação depende de uma associação intrínseca entre fatores estilísticos e textuais: por um lado, o tipo de texto que favorece o uso do clítico *se*, e, por outro, o fato de que, nos textos em que é mais propício o emprego de *se*, faz-se utilização em maior quantidade de um recurso estilístico que cria as condições necessárias para o desencadeamento da ênclise.

4.3.2. A passagem para o século 18 e o fim da correlação entre a ênclise e *se*

O fato de não se observar mais essa correlação nos séculos seguintes pode ser decorrente de alterações que se deram no campo da estética literária, especialmente a partir de 1700, e que vieram a afetar o aspecto estilístico relevante na determinação da dinâmica entre a escolha enclítica e o emprego do clítico *se*.

Na primeira metade do século 18, observa-se em Portugal uma contradição fundamental, que, nas palavras de Saraiva & Lopes (1996), coloca-se nos seguintes termos:

“por um lado, a mineração brasileira permite a sobrevivência, com novo fôlego, das aristocracias tradicionais (nobreza e clero) e do alto funcionalismo, correspondendo isso a uma nova fase da cultura barroca; por outro lado, Portugal não pode isolar-se do ambiente europeu nem prescindir inteiramente das inovações técnicas, científicas e artísticas surgidas no estrangeiro, o que o obriga a acertar o passo com a Europa Moderna.” (Saraiva & Lopes 1996, p.562)

Essa contradição, nos campos social, econômico, científico e cultural, cria, no âmbito da sociedade culta portuguesa, um embate entre a Escolástica, filosofia

emblemática da estética barroca, e as idéias iluministas, que vão conquistando progressivamente mais espaço na produção literária.

Com relação a esse conflito ideológico, um acontecimento importante no campo das artes foi a criação, em março de 1756, da *Arcádia Lusitana ou Ulissiponense*, onde se iriam culminar as tendências neoclássicas dos ideários iluministas e preparar-se a evolução literária no sentido do realismo burguês setecentista. Dentre os tópicos mais recorrentes das novas teorizações que passaram a ser difundidas pelos integrantes dessa instituição, destaca-se a condenação do cultismo e do conceptismo, duas características intimamente relacionadas ao espírito barroco. Lembre-se que o estilo cultista é marcado por um gosto de se empregar metáforas e recursos de expressividade meramente formal, e o estilo conceptista se caracteriza como o exercício da agudeza do engenho, o virtuosismo de um pensamento que procede por meio de sutilezas analógicas. Essas duas características contribuíram para a criação de um terreno propício, especialmente durante o século 17, para o emprego bastante produtivo de topicalizações contrastivas, um recurso estilístico que marca boa parte da produção literária realizada nesse período, como é atestado no meu corpus de investigação. Na realidade, esse tipo de oposição entre tópicos que é tipicamente registrado nos *Sermões* de Vieira se estende, dentre os textos que analiso, até a obra de Matias Aires, que é o primeiro autor representativo do século 18. A seguir, apresento um exemplo que ilustra esse tipo de construção na obra de Aires.

(14) finalmente ali nasce a nobreza, aqui extingue-se; **ali** perde-se a vida com honra, **aqui** conserva-se a mesma vida com ignomínia.

ali / aqui

A respeito de Matias Aires, nascido em 1705, é importante destacar que a sua obra *Reflexão sobre a Vaidade dos Homens* é tida como um texto que, mantendo certos aspectos do barroco peninsular, exprime certos traços que chegam a ir além de um ideário iluminista, atingindo certas características do Romantismo. Essa contradição, para Saraiva & Lopes, manifesta-se da seguinte maneira: por um lado, os valores semânticos do vocabulário mais significativo do texto de Aires bem como as suas construções antitéticas de frase podem ser considerados como recursos tipicamente seiscentistas usados no seu máximo requinte de gosto, enquanto que, por outro lado, alguns estratos lexicais e a intensidade a que leva certos paradoxos permitem ligá-lo quer à sua informação científica iluminista, quer a uma estética pré-romântica. O fato então de ter escrito uma obra que, em sua composição, reflete um sentimento de conflito entre a estética barroca e aspectos estilísticos já próprios do iluminismo, articulado ao dado concreto de que seu texto é o último no qual ainda registro o emprego da ênclise associado ao uso de tópicos contrastivos, talvez permita dizer que *Reflexão sobre a Vaidade dos Homens*, no conjunto de obras que analiso, funcione como um marco fronteiro entre duas eras no campo da produção literária: uma em que a oposição entre termos representa uma característica estilística fundamental, e outra em que tal recurso perde o seu prestígio literário. Uma vez que o emprego desse recurso barroco de ordem estilística é um dos pilares subjacentes que dá sustentação à existência da correlação entre a ênclise e *se*, tal correlação deixa de ser presente nos textos a partir do momento em que a prática de se construir uma argumentação lançando mão da topicalização contrastiva sofre um revés, o que vem a ocorrer no século 18, quando passa a existir uma oposição contra tudo aquilo que se identifica com o espírito barroco. Em termos do meu corpus de

análise, isso ocorreria a partir da obra de Matias Aires, de modo que tal obra representaria um eventual marco para o fim da correlação outrora existente entre a ênclise e o clítico *se*, notadamente durante o século 17.

Dentro dessa perspectiva histórica que leva em consideração o declínio no prestígio de formas barrocas a partir do século 18, é interessante notar que o simples fato de haver um favorecimento textual quanto ao uso do clítico *se* não é suficiente para que se estabeleça a correlação entre a ênclise e *se*. Conforme já apontado, textos de caráter impessoal e objetivo tendem a fazer um uso mais intenso do clítico *se* do que textos de natureza mais subjetiva. Como na história literária não há evidências que apontem para uma eventual ruptura, do período setecentista em diante, no que diz respeito à produção de textos marcados por um tom de impessoalidade, é plausível pensar que continuaram a ser produzidas obras nas quais tenha ocorrido um favorecimento do uso do clítico *se* em virtude do fator tipo de texto. Agora, porém, diferentemente do que ocorre no século 17, não seria mais possível associar esse fator textual ao recurso estilístico da topicalização contrastiva, o que impediria a dinâmica necessária para a correlação entre a opção pela ênclise e o emprego do pronome clítico *se*.

Um bom exemplo nesse sentido é o texto de Luis António Verney (nascido em 1713), intitulado *Verdadeiro Método de Estudar*. Como se sabe, essa obra é considerada fulcral para as reformas pedagógicas levadas a cabo pelo Marquês de Pombal a partir de 1759. Trata-se, sobretudo, de uma obra de natureza argumentativa, na qual, entre outras coisas, são propostas idéias novas nas questões de educação formal. Por essa razão, seria natural classificá-la como uma obra de natureza objetiva e que favorece o emprego do pronome clítico *se*. Essa expectativa é confirmada, já que, em termos percentuais, o

clítico *se* corresponde a 74% do total de clíticos no *Verdadeiro Método de Estudar*, de acordo com os resultados de Chociay (2003). Bastante interessante é o fato de que esse valor é seguido de maneira bastante próxima pelos 63% de *A Arte de Furtar*, de Manuel da Costa, e pelos 64% dos *Sermões*, de Antonio Vieira, duas obras nas quais é registrada uma nítida correlação entre a ênclise e o emprego do clítico *se*. No entanto, diferentemente dessas duas últimas obras, representativas do espírito barroco do século 17, o *Verdadeiro Método de Estudar* é uma típica obra iluminista. Aliás, nela Verney faz um corte radical em relação à tradição, tecendo críticas contundentes à poesia e à retórica barroca.⁴⁰ Vale a pena lembrar aqui que um dos alvos de suas críticas é o padre Antonio Vieira, considerado por Verney um exemplo emblemático do abuso de ornamentos na escrita. Na minha investigação dos dados do texto de Verney, não encontrei exemplos de sentenças que ilustrem o uso do recurso estilístico da contrastividade semântica entre sintagmas.

Por conta disso, a obra de Verney é um exemplo de texto que, além de ter sido escrito por um autor nascido já no século 18, torna propício o uso do clítico *se*, mas sem favorecer, simultaneamente, o emprego de topicalizações contrastivas. Com isso, a correlação entre a ênclise e *se* não se estabelece, como apontam os números. De acordo com os dados de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), apenas para trazer à lembrança o que foi apresentado no capítulo 1, a exclusão do clítico *se* no cálculo do percentual de construções enclíticas em sentenças SV não impede que seja registrado no *Verdadeiro Método de Estudar* um índice elevado de ênclise, tal como ocorre quando são computados todos os clíticos, de modo a não ser possível atribuir particularidade alguma envolvendo as sentenças com *se* no tocante à determinação da escolha enclítica. Contudo,

⁴⁰ Cf. Cidade (1995).

quando se exclui o pronome clítico *se* do cálculo geral da ênclise nos *Sermões* de Vieira e no texto de Manuel da Costa, Galves, Britto & Paixão de Sousa notam que essas duas obras apresentam um índice de ênclise muito semelhante ao de outros textos contemporâneos, isto é, em torno de 20% ou menos. Esse resultado estabelece um nítido contraste em relação ao índice consideravelmente mais elevado de ênclise que é registrado quando são computados todos os clíticos, ou seja, incluindo o pronome complemento *se*, o que, sem dúvida alguma, realça a existência de uma correlação singular entre a escolha enclítica e o uso do clítico *se* no conjunto dessas duas obras de autores nascidos no século 17.

Considerações Finais

Nesta dissertação, procurou-se investigar a dinâmica da alternância ênclise/próclise que é registrada na história do Português Europeu entre os séculos 16 e 19 no contexto das orações afirmativas finitas não-dependentes *XP-V*, sendo *XP* um sintagma de natureza [+ referencial]. Especificamente, estudou-se essa dinâmica no âmbito das sentenças com *se*, buscando uma explicação teórica para a correlação já registrada entre a colocação enclítica e *se* na gramática do PM, isto é, no período de tempo anterior ao século 18.

No desenvolvimento do trabalho, apresentei indícios de que tal correlação não pode ser explicada por conta de uma eventual especificidade relacionada à localização da posição pré-verbal reservada para o objeto lógico (ou sujeito da passiva) de sentenças com o clítico *se* de valor passivo. Como a ênclise no PM é desencadeada sempre que o verbo é o primeiro constituinte dentro dos limites sintáticos da oração, em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) é sugerido que o objeto lógico das sentenças passivas pronominais, quando superficializado em posição pré-verbal, obrigatoriamente ocuparia uma posição externa à oração (a partir do que é proposto em Raposo & Uriagereka (1996) para o PE), o que, forçosamente, resultaria na derivação da ênclise. Com isso, seria explicada a relação entre a ênclise e o clítico *se*. Essa hipótese, embora pareça ter um certo respaldo quantitativo em um dos textos onde é registrada a correlação entre a ênclise e *se*, não tem a mesma aplicabilidade, em termos quantitativos, em outros textos

onde também é registrada a correlação que constituiu o objeto de investigação da presente dissertação. De fato, apresentei argumentos empíricos mostrando que o sujeito de passivas pronominais, à semelhança do sujeito de sentenças com outros clíticos ou com o clítico *se* não-passivo, não ocupa, necessariamente, uma posição externa à fronteira sintática da oração. Com isso, explica-se também o fato de ser atestada a seqüência linear “sujeito da passiva + verbo” com próclise, um dado empírico que não seria esperado dentro do que é proposto em Galves, Britto & Paixão de Sousa.

Como proposta teórica alternativa, defendi que a correlação entre a ênclise e *se* atestada no PM não é motivada por qualquer especificidade da estrutura sintática de sentenças com esse clítico. Procurei mostrar que, dada a estrutura sintática do PM, é o uso mais intenso de tópicos contrastivos em construções com o clítico *se* o aspecto realmente relevante que determina a correlação empírica entre a colocação enclítica e *se* nos textos produzidos por essa gramática. Além disso, mostrei que o fato de não haver no PE um favorecimento da ênclise especificamente em construções com *se* é decorrente do declínio, no que diz respeito à produtividade, de construções que valorizam a oposição entre termos.

Com este estudo, espero ter contribuído para uma melhor compreensão da história do Português Europeu no que diz respeito à complexa dinâmica do fenômeno da colocação de clíticos no âmbito das sentenças com *se*, desejando que este trabalho sirva de motivação para que outras investigações sejam empreendidas em torno desse instigante tema.

Referências Bibliográficas

- ÂMBAR, M. (1992). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Lisboa: Colibri.
- ANTONELLI, A. (2004). *Sintagma Preposicional e Topicalização na História da Colocação de Clíticos do Português Clássico ao Português Europeu Moderno*. Campinas: UNICAMP, IEL (monografia).
- BARBOSA, P. (1995). *Null Subjects*. Tese de Doutorado, MIT.
- _____. (2000). "Clitics: a Window into the Null Subject Property". In J. Costa (ed), *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford University Press.
- BRITTO, H. (1999). *Clíticos na História do Português*. Relatório técnico apresentado à FAPESP (http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/hbritto_page).
- CARDINALETTI, A. & ROBERTS, I. (1991). "Clause Structure and X-Second". In W. Chao & G. Horrocks (orgs.), *Levels, Principles and Processes: The Structure of Grammatical Representations*. No prelo.
- CAVALCANTE, S. (2006). *O Uso de Se com Infinitivo na História do Português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- CHOCIAY, L. (2003). *O Papel do Tipo de Clítico na Ordem Proclítica ou Enclítica no Português Clássico*. Campinas: UNICAMP, IEL (monografia).
- CHOMSKY, N. (1985). *Knowledge of Language. Its Nature, Acquisition and Use*. New York: Praeger.
- _____. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CIDADE, H. (1985). *Portugal Histórico-Cultural*. Lisboa: Editora Presença.
- COSTA, J. (1998). *Word Order Variation: a Constraint-Based Approach*. HIL/Leiden University.
- COSTA, J. & GALVES, C. (2001). "External Subjects in Two Varieties of Portuguese: Evidence for a Non-Unified Analysis". In C. Beyssade, R. Bok-Bennema, F. Drijkoningen & P. Monachesi (orgs.), *Proceedings of Going Romance 2000*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- DUARTE, I. (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- GALVES, A. & GALVES, C. (1995). A Case Study of Prosody Driven Language Change – from Classical to Modern European Portuguese. Artigo inédito.
- GALVES, C. (2001a). *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (2001b). “Syntax and Style in Padre Antonio Vieira”. In H. Sharrer & E. Raposo (orgs.), *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. VI. No prelo.
- _____. (2004). *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística — Fase II*. Projeto de pesquisa submetido à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
- GALVES, C. & SÂNDALO, F. (2004). “Clitic-Placement in European Portuguese and Syntax-Phonology Interface”. *MIT Working Papers in Linguistics* 47, 115-128.
- GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2004). “Clitic-Placement and the Position of the Subjects in the History of Portuguese”. In H. Jacobs & T. Gwaart (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2003. Selected Papers from Going Romance 2003*. John Benjamins.
- GALVES, C., BRITTO, H. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005). “The Change in Clitic Placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus”. *Journal of Portuguese Linguistics* 1, 39-67.
- KROCH, A. (1994). “Morphosyntactic Variation”. In K. BEALS & al. (eds.), *Paper from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory*.
- _____. (2001). “Syntactic Change”. In M. Baltin & C. Collins (orgs.), *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford, Mass.: Blackwell Publishers Inc.
- MARTINS, A. (1994). *Clíticos na História do Português*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- _____. (2003). “Construções com *Se*: Mudança e Variação no Português Europeu”. In I. Castro & I. Duarte (eds.), *Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos para Maria Helena Mateus*. Lisboa: Colibri.

- MATEUS, M. H. M. *et al.* (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- MENEZES, G. (2003). *A Colocação de Clíticos nas Orações Coordenadas do Português Clássico*. Campinas: UNICAMP, IEL (monografia).
- NAMIUTI, C. (em curso). *Colocação de Clíticos, Interpolação e Mudança Gramatical na História do Português Europeu*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- NUNES, J. (1990). *O Famigerado “Se”: uma Análise Sincrônica e Diacrônica das Construções com “Se” Apassivador e Indeterminador*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2004). *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- RAPOSO, E. & URIAGEREKA, J. (1996). “Indefinite SE”. *Natural Language and Linguistic Theory* 14, 749-810.
- RIBEIRO, I. (1995). *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: o Efeito V2*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- ROORYCK, J. (1994). “On Two Types of Underspecification: Towards a Theory Shared by Syntax and Phonology”. *Probus* 6, 207-233.
- ROUVERET, A. (1993). “Clitic Placement, Focus and the Wackernagel Position in European Portuguese”. In. L. Rizzi (org.), *Clitics in Romance and Germanic*. Eurotyp Working Papers VIII.3.
- SARAIVA, A. & LOPES, O. (1996). *História da Literatura Portuguesa*. Porto Editora.
- TORRES MORAIS, M. A. (1995). *Do Português Clássico ao Português Moderno: um Estudo da Cliticização e do Movimento do Verbo*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- URIAGEREKA, J. (1994). “Aspects of Clitic Placement in Western Romance”. *Linguistic Inquiry*, 79-123.

Apêndices

Apêndice I: Sentenças do corpus analisado

Índice dos autores (em ordem alfabética)

1.	AIRES, Matias. <i>Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Moraes</i>	119
2.	ALORNA, Marquesa de. <i>Inéditos, Cartas e Outros Escritos</i>	124
3.	BARROS, André de. <i>A Vida do Padre António Vieira</i>	127
4.	BERNARDES, Manuel. <i>Nova Floresta ou Silva de Vários Apotegemas</i>	130
5.	BROCHADO, J, Cunha. <i>Cartas</i>	134
6.	CÉU, Maria do. <i>Relacao da Vida e Morte da Serva de Deos a Veneravel Madre Ellena da Crus</i>	137
7.	CHAGAS, Antonio das. <i>Cartas Espirituais</i>	139
8.	COSTA, Antonio da. <i>Cartas do Abade António da Costa</i>	141
9.	COSTA, Manuel da. <i>A Arte de Furtar.</i>	142
10.	COUTO, Diogo do. <i>Décadas</i>	146
11.	GARÇÃO, Correia. <i>Dissertações</i>	151
12.	GARRETT, Almeida. <i>Viagens na Minha Terra</i>	153
13.	GUSMÃO, Alexandre de. <i>Cartas</i>	156
14.	LOBO, F. Rodrigues. <i>Corte na Aldeia e Noites de Inverno</i>	159
15.	MELO, F. Manuel de. <i>Cartas Familiares</i>	162
16.	ORTIGÃO, Ramalho. <i>Cartas a Emilia</i>	164
17.	SOUSA, Luis de. <i>Vida de Dom Frei Bertolameu dos Mártires</i>	166
18.	VERNEY, Luis António. <i>Verdadeiro Método de Estudar</i>	168
19.	VIEIRA, António. <i>Cartas</i>	174
20.	VIEIRA, António. <i>Sermões</i>	177

1. AIRES, Matias: *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Moraes*

⇒ Sentenças Enclíticas

• Sujeito da passiva – Verbo

1. Tudo o que se busca por ostentação, **busca-se** por qualquer meio que for, isto é, ou justo, ou injusto;
2. Uma grande pena **admira-se**, e respeita-se;
3. O vício **pratica-se** ocultamente, porque cremos que a ignomínia só consiste em se sabe;
4. Os agravos ocultos **calam-se**, não só porque em serem ocultos perdem muito da qualidade de agravos, mas também porque a queixa não publique o atrevimento da ofensa;
5. A razão do esforço, **regula-se** pela razão da vaidade;
6. as virtudes **praticam-se** por ensino: o vício sabe-se, a virtude aprende-se.
7. as virtudes praticam-se por ensino: o vício **sabe-se**, a virtude aprende-se.
8. as virtudes praticam-se por ensino: o vício sabe-se, a virtude **aprende-se**.
9. e com efeito há muitas cousas, que as não vê quem está no mesmo lugar, mas sim quem está em lugar oposto; outras **conhecem-se** melhor por aquilo que lhe é desconforme; e outras, para serem vistas como são, não se hão-de ver diretamente.
10. a qualidade da luz **distingue-se** melhor pelos efeitos da sombra:
11. As mais das cousas **admiram-se**, porque se não conhecem;
12. a glória do sucesso **regula-se** pela qualidade da vitória, e não pela qualidade do vencedor;
13. e a este homem de fora é a quem se dirigem os respeitos, e atenções; ao de dentro não; este **despreza-se** como uma cousa comum, vulgar, e uniforme em todos.
14. Todas estas diferenças, **encontram-se** nos rios;
15. O amor **distingue-se** das mais paixões, em ter por objecto um fim corporal, sujeito à saciedade;
16. a Mitologia **converteu-se** em Genealogia, humanizou-se.

17. A rectidão de uma linha só se faz por uma forma, por isso é dificultosa; a obliquidade **faz-se** por muitos modos, por isso é fácil.

• **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. A vaidade **parece-se** muito com o amor-próprio, se é que não é o mesmo;
2. Os Monarcas **parecem-se** com os mais homens na humanidade, mas diferem nas qualidades da alma:
3. a mesma luz **arma-se** de raios, para que não possa examinar-se de donde lhe vêm os resplendores:
4. Os homens **mudam-se** todas as vezes que se vestem;
5. Um amor medíocre, e vulgar só se ocupa no deleite dos sentidos, e dele faz a maior felicidade; um amor sublime **alimenta-se** em contemplar o objecto que ama;
6. aquela **mostra-se**, porém este esconde-se;
7. Os homens **cansam-se** de admirar;
8. Os discípulos de Aristóteles **dividiram-se** em duas seitas, ou em duas parcialidades;
9. o relógio aparta os combatentes; estes **separam-se**, porém nenhum vai sabendo mais;
10. O trabalho, e o perigo é dos Heróis; dos sábios é o fruto; aqueles **contentam-se** com a glória do vencimento, estes o que querem, é a utilidade da vitória;
11. Os homens **enganam-se** com o que imaginam;
12. os outros homens **fazem-se** distintos à proporção do favor supremo que os distingue.
13. a tristeza, que devia resultar da fealdade, **confunde-se**, perde-se, e se muda em alegria, por meio das aclamações do aplauso;
14. As Repúblicas, que se fundaram, ou se quiseram governar por sábios, **perderam-se**, acabaram-se;
15. O nosso gosto **debilita-se**, altera-se, muda-se, e também se acaba;
16. o semblante **reveste-se** do estado do nosso ânimo, e a alma, que em qualquer parte do corpo nos anima, ou se mostra prostrada e sem acção, ou cheia de uma justa desordem, e de alento;

17. O amor **acaba-se** em nós, não por nossa vontade, mas porque tem por natureza o acabar;
18. os discursos **perdem-se** na imensidade vaga de uma matéria impenetrável;
19. a nossa prevaricação **estende-se** a tudo quanto foi, ou é obra nossa;

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. naquela **consegue-se** o aplauso, nesta só se busca a liberdade do caminho;
2. de uns **sabe-se** o princípio, de outros não;
3. Na fermosura **acha-se** a circunstância mais essencial da luz;
4. na confiança de começar, **encontra-se** uma espécie de valor de que a fortuna se namora;
5. em uns murmuram, em outros **precipitam-se**;
6. em uns não encontram embaraço, correm facilmente, e com sossego, em outros **detêm-se**, porque passam por penedos desiguais;
7. em uns **alargam-se**, em outros cabem mal;

- **Advérbio – Verbo**

1. ali **perde-se** a vida com honra, aqui conserva-se a mesma vida com ignomínia.
2. ali perde-se a vida com honra, aqui **conserva-se** a mesma vida com ignomínia.
3. então **aborrece-se** o efeito, mas a causa admira-se;
4. finalmente **considere-se** um cadáver agonizante, e convulsivo, e donde as feridas umas sobre as outras, apenas mostram lugar livre de golpe;
5. finalmente ali nasce a nobreza, aqui **extingue-se**;
6. as águas são limpas quando nascem; depois **fazem-se** imundas, segundo os lugares por onde correm;
7. ali donde o jasmim se cria, **dá-se** mal a assucena;

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da Passiva – Verbo**

1. desta sorte vem a ciência a ser uma faculdade arbitrária, e fundada mais no conhecimento dos casos, do que no conhecimento das leis: estas são as que se aplicam, e na ocasião de serem aplicadas, é que têm o perigo de se quebrarem, ou torcerem; elas se quebram, e se torcem, ainda sem ser por fraqueza de quem as aplica, mas por culpa da mesma cousa.
2. Isto mesmo se vê na vaidade:
3. os princípios mais inalteráveis se alteram;
4. a mesma proibição se tornou a renovar por um Legado, somente a respeito da Física, e Metafísica.
5. A mesma diversidade de opiniões se encontra a respeito das Sabinas, de Licurgo, e das Amazonas.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. o criminoso, que de longe a considera, se estremece;
2. As idades se renovam, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente se sucedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba.
3. O desejo se deleita em meditar no bem, que espera;
4. os elementos se unem, como para destruir a habitação, e habitantes da terra;
5. As mesmas nações se mostram diferentes por um aspecto, ou semblante próprio, que a natureza afecta em cada uma delas.
6. outras se dignificam, e quasi todas vão mudando de forma à medida, que vão ficando distantes de si mesmas.
7. a vida civil se reduz a um ceremonial composto de genuflexões, e de palavras.
8. este por vaidade afecta, o não lembrar-se do benefício feito, aquele tem pejo de haver-se esquecido dele; um e outro se retira:
9. o coração se sobressalta, e enternece;
10. uma chama activa não se pode conter; ela se descobre, o mesmo fumo lhe serve de indício.
11. A verdade se ri de ver a gravidade, o gesto, e circunspecção com que as gentes tratam a matéria da Nobreza;

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Com a honra, que adquire, **se consola** o que perde a vida;
2. nesta se fundou o primeiro anúncio da felicidade Portuguesa, e foi a voz do Oráculo por onde a natureza se explicou.
3. Na maior parte dos homens **se acham** os mesmos géneros de vaidade, e quási todos se desvanecem dos mesmos acidentes, de que estão, ou se imaginam revestidos:
4. contra ela se fulmina a condenação de um labéu perpétuo:
5. nos mesmos princípios **se fundam** muitas cousas contrárias, e opostas entre si.
6. Pelas lágrimas **se explica** a alma, pelas palavras muitas vezes se explica o engano:
7. no mesmo lugar em que nasce a vida, **se cria** a morte;
8. Em qualquer estado, **se tem** a reputação por felicidade;
9. nela se vêem traições, ataques, subtilezas;
10. nela se vêem muitos sucessos famosos, acções, combates, vitórias;
11. Nas famílias **se notam** feições determinadas, pelas quais são conhecidos os que vêm da mesma parte;
12. Em teatro maior, e em maior cena **se passam**, e representam as vaidades do mundo, e entre elas a vaidade das ciências;
13. Neste abismo, donde tudo entra, e nada sai, **se vão** precipitar todos os sucessos, e com eles todos os Impérios.
14. Do fundo de um deserto inculto **se vão** desentranhar as feras;
15. Em um breve mapa **se vê** facilmente, e sem trabalho, o que produziram muitos séculos;
16. no mesmo mapa, ou globo racional, **se encontram** descritas muitas linhas, e distintos lados;
17. Em uma mesma luz **se podem** acender muitas mil luzes, mas nenhuma destas participa, ou tem em si nada da primeira;
18. nela se vêem pintados primorosamente jeroglíficos, medalhas, inscrições, e atributos;
19. para este **se encaminham** todos os seus passos;
20. a si **se busca**, ama-se a si, e de si se rende;
21. daquele **se compõe** o mundo, deste o Céu.

22. com a vida se acaba o respeito, a grandeza, e o poder, mas não acaba a reputação;
23. em breves dias, e em breves horas se desvanece a razão da novidade, que nos fazia apetecer;
24. neste combate se passa inteiramente a vida:
25. destas se compõe o encanto mágico, que atrai a si um favor prudente;
26. de uma, e outra coisa se formava uma herança indivisível.
27. descansa a vaidade, e desperta a consciência; esta nem sempre vive em um letargo, às vezes se levanta como estremecida, e assombrada;

- **Advérbio – Verbo**

1. Insensivelmente se forma uma espécie de divórcio entre quem recebe um favor, e quem o faz;
2. ali se vê, que as produções são separadas, e diversas;
3. então se vê que aquelas águas, vão crescendo sobre si, e juntas se acumulam tanto, que ou rompem, e arrastam tudo o que as comprime, ou subindo se elevam de tal sorte, que chegam ao lugar, de donde por mil partes se lançam, e precipitam.
4. então se vê que os campos variamente matizados, mostram a verdura mais viçosa, e que de mil produções diversas formam um labirinto fácil, vivo, e agradável;
5. então se vê, que a vaidade é de todas as ciências, e que ainda aquela, que tem a justiça, e a razão por instituto, nessa mesma se introduz a vaidade.
6. O amor, e a vaidade às vezes se concentram, e disfarçam tanto, que nós mesmos dentro de nós, os não podemos descobrir; apenas se fazem visíveis pelas obras, semelhantes ao fogo escondido na pederneira, que se não deixa ver, se não é incitado pelo impulso do fusil:
7. primeiro se há-de acabar em nós o modo de embaraçar, que nela o modo de conseguir;
8. ali se vão costumando aos ferros, à maneira de uma fera presa, que já não sente o peso da cadeia, antes com ela joga, e se diverte, à proporção que a arrasta, e move.

2. ALORNA, Marquesa de. *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

• **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Taleyrand-Périgord, que advogou sempre a causa de Portugal, dizendo que a conquista dêste Reino não podia ter conveniência senão aos ingleses, a quem ficava livre a invasão das nossas colónias, **retirou-se**, com o pretexto de tomar as águas de Bourbon, mas êste pretexto é desgraça e desfavor formal.
2. As açafatas **lançaram-se** tôdas a êle, para que me falasse, e êle, marrando com tudo e com todos, apenas me disse que já tinha falado com meu marido, que não tinha que me dizer, que fôsem à fava e que a Rainha estava esperando por êle para rezar.
3. Vossa Alteza Real **julga-se** ofendida e precisa despicar-se.
4. Buonaparte **recusou-se** formalmente a assinar o tratado de paz connosco.
5. Estas cartas galantíssimas **parecem-se** mais com o que há-de suceder.
6. o segundo General, seu companheiro e amigo, **achou-se** com igual distinção na maior parte das batalhas, e, depois de ganharem duas, na terceira, abandonados por uma Potência de que a política é às vezes infeliz, sucumbiram e fizeram o tratado honorífico de que comunico a cópia a Vossa Eminência.

• **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Com dinheiro, **susta-se** o poder dos maus e facilitam-se os meios de fazer bem:
2. por consequência, **assentou-se** em dar um sinal não equívoco desta aprovação a Sua Alteza Real.
3. Nestes termos, **acha-se** Sua Alteza Real armado a um tempo contra os franceses e contra quaisquer inimigos, se estes nos quiserem ofender, e tem à sua disposição 25000 homens das mais excelentes tropas, que lhe não custam a entreter senão milhão e meio, talvez por uma vez sòmente, e, quando assim não seja, cada ano, se a guerra durar mais de um.

• **Advérbio – Verbo**

1. Depois de muito trabalho, **achou-se** tudo e eu tenho os canhões feitos, e (se me não engano) tão bem feitos como a véstia.
2. Depois disso, **ordena-se** pelo decreto apenso número 2 que apronte um milhão e quinhentos mil cruzados e que o entregue ao Patriarca ou ao General Goltz, que lhe darão boa conta dêle.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

• **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Somas consideráveis **se têm** oferecido em tôda a parte a quem matar o mais honrado e respeitável dos homens, e pode Vossa Alteza Real imaginar que, se eu sou qual julgou quando me conheceu, deixarei de exgotar os meios de reparar tantos danos.

• **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Inglaterra **se obriga** a defender tôdas as suas Colónias e a socorrê-lo com o excedente das fôrças e dinheiro que é preciso para a sua própria defesa.

• **Sintagma Preposicional – Verbo**

1. por isso **se vêm** palácios em que o serviço só devia ser feito por cavalos de posta e poupar criados esfalfados que negligem e aumentam a sordidez e desordem.
2. Mas êste mesmo defeito que, segundo Vossa Excelência tão justamente considera, deve emendar-se, de aqui por diante **se emendará** nos meus escritos e em tôdas as acções da minha vida, quanto couber nas minhas fôrças.
3. Para isto **se necessitava** valor, e Deus nos tem dado todo quanto é necessário.
4. Com razão **se suspeita** que o tratado que sacrificou Parma tem um artigo secreto que também nos sacrificou a nós, o que aparecerá a seu tempo e que há-de verificar o segrêdo que indirectamente revelou o General Murat.
5. Em tudo isto **se concordou**, e eu escrevi com efeito a carta ao Príncipe e outra ao Patriarca, assim como outra muito circunstanciada a meu irmão.

6. do bolsinho particular se deveria fazer esta despesa e ressarcir com qualquer outro pretexto a diminuição que a êsse se fizesse, pois tanto ou mais direito tem o Príncipe para fazer despesas secretas, quanto tem El-Rei de Inglaterra, que no ano de 1789, ano em que Pitt, mais que ninguém, fêz a revolução da França, se votou no Parlamento um milhão de libras esterlinas à disposição de El-Rei, de que se não havia de dar conta.

3. BARROS, André de. *A Vida do Padre António Vieira*

⇒ Sentenças Enclíticas

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. O engenho admirava-se nele sem igual, a memória suma, a compreensão portento.
2. O primeiro emprego deste encargo julgou-se devia ser a redução dos Índios já baptizados;

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Outros, a quem mais altivos espíritos animavam, voltavam-se outra vez aos matos, perdendo o Rei vassallos, a Fé filhos:
2. Os músicos pássaros, que daquelas Ilhas se trazem, como irracionais, ao som, que fazia pelas cordas da nau o vento, desfaziam-se em cantar;

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Ao sucesso seguiu-se o aplauso, como aquele rumor, e riso, com que nos grandes concursos costumam sair affectos diferentes.
2. Nas aldeias dos Índios livres do Pará passavam-se anos, em que se não via nos altares o Divino Sacrificio da Missa.

⇒ Sentenças Proclíticas

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. A aceitação, que teve do Augustíssimo Rei, e da mais qualificada nobreza, se provou repetidas vezes no excesso da honra, e quase veneração, com que as Estrelas da Fidalguia o respeitaram na eloquência, e sabedoria por Sol.
2. uma se viu de dezessete palmos de boca, e cem de comprido, e depois desta se viram outras maiores.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. nela se conserva o seu retrato, história muda, mas forte, para a imitação de seus exemplos.
2. Dele se refere, que no mesmo tempo, em que todos o olhavam com admiração, e respeito, ele se abatia a si próprio, confessando-se por um rude discípulo dos demais, Virtude tão rara, como dificultosa entre os condiscípulos;
3. Na sexta parte das suas obras se lê um Sermão, que ali pregou, que é um mar de sabedoria, e de fogo.
4. No fim se via o Grande VIEIRA, que por ilustrar, e polir aquelas rudes almas, tão preciosas, como as mais cultas, deixara a luz, e os aplausos da Europa.
5. Do púlpito se estranhou este descrédito da ternura Portuguesa, e da piedade Cristã;
6. Pelo rio dos Tocantins se fez esta entrada, e valoroso acometimento;
7. Pelos fins do mesmo ano de 1655 se fez a segunda entrada em busca de Gentios novos;
8. Com esta força se facilitava o comércio do pau violete, que se corta nas faldas da serra;
9. Por novas injúrias, que tínhamos recebido, se determinou dar-lhes guerra;
10. A este fim se começou a edificar aquela parte do Palácio, a que chamam o Forte, obra verdadeiramente Real.
11. De muitos lugares se começaram a pedir estes Compêndios;
12. No ano de 1654 se restauraram da mão dos Holandeses todas as praças da costa de Pernambuco, entrando nas Capitulações da paz todos os Índios, que nos tinham sido rebeldes.

13. Na primeira hora da seguinte noite **se começou** a ouvir ao longe um tumulto confuso, que em breve se pôs às portas do Colégio, como rio impetuoso, que o buscava.
14. Nos Domingos **se rezava** alternadamente a coros, ouvindo-se saudosamente por aqueles mares entre o sonoro dos ventos, e fuga das ondas, aquele Divino canto, mais verdadeiro, e grato, que o de Arion entre os delphins.
15. por outra parte **se opunham** os altos talentos de um Vassalo, a cuja compreensão agigantada cometera sempre os maiores negócios da Monarquia, e fiara em íntimos segredos a sua Coroa.
16. Sem dúvida **se renderiam** todos a este reclamo do Céu, se o inimigo de suas almas não tivera entre eles um fatal instrumento de sua maldade.
17. Nisto **se detinha**, e em outros empregos de grande serviço de Deus, e delRei aquele espírito de fogo, e de luz;
18. Neste já conhecido país **se excedeu** a si mesmo, e foi Holanda um raro teatro de suas acções heróicas:
19. Nesta Corte, escola grande de Estadistas, **se houve** nos negócios, a que ElRei o mandou, verdadeiramente como Águia.
20. Às razões do Capitão **se seguiram** as do zeloso, e animoso Padre Lopo do Couto;
21. Com o pretexto de achar ouro **se avançavam** àquele sítio, sendo na verdade o intento buscar o sangue dos Índios, e não as veias da terra.
22. De tudo **se formava** um geral Ateísmo, e de escola tão famosa eram, os que fugiram para Ibiapaba:
23. Naquela tarde **se embarcou** com os seus o Grande Missionário, deixando de si na terra íntima dor, terníssimas saudades.

- **Advérbio – Verbo**

1. Ali **se repartiam** livros espirituais, ali se falava do que pertencia à salvação, ali se tiravam antigos erros, influindo cada Missionário no seu distrito nova luz, e sabedoria.
2. Também **se acha** abutua, e a casca chamada Preciosa.

3. Aqui se viu aquela variedade de efeitos, que depois doutrinalmente ponderou o mesmo Padre VIEIRA no Sermão da quinta Dominga da Quaresma na Capela Real.
4. Aqui se acendeu esta sede, e com o especioso nome de jornada do ouro se determinou uma entrada àqueles remontados rochedos.
5. ali se viam Judeus, Calvinistas, Luteranos, e outros monstros de diversas seitas do Norte.
6. ali se tiravam antigos erros, influindo cada Missionário no seu distrito nova luz, e sabedoria.
7. Apenas se soube nela, que vinha ali o Grande VIEIRA, despediu o Governador à caravela o Sargento-mor da praça com primeiro, e segundo recado, oferecendo-lhe sua casa, a que resistiu constante;
8. Aqui se fez publicamente acção de graças pelo milagre na Igreja do Santo Cristo, sendo cada passageiro um pregão vivo do poder Divino, então ao agradecimento, hoje nestes escritos à memória.
9. então se viu naquele sítio infeliz uma corruptíssima Genebra de maior monstruosidade nas almas, do que são as medonhas feras, que se criam nos Sertões da dilatada América.
10. Aqui se viu a Mercúrio ir formando homens com a suavidade, que saía na sua voz.
11. ali se falava do que pertencia à salvação, ali se tiravam antigos erros, influindo cada Missionário no seu distrito nova luz, e sabedoria.
12. Aqui se remontou a Águia sobre si mesma.
13. Ali se perdiam ao desamparo as mais preciosas margaritas, que Deus lançou com tanta abundância por aquelas vastíssimas regiões.
14. ali se dilataram desde a terça à noite até a quinta, por causa dos muitos baixos, e todos alagadiços daquele insidioso sítio tão infamado de naufrágios.
15. ali se casavam, querendo antes viver escravos com mais sossego, que na sua liberdade com trato tão desumano.

4. BERNARDES, Manuel. *Nova Floresta ou Silva de Vários Apotegemas*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

• **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Os danos que da ausência do pastor se seguem ao rebanho **podem-se** chorar, mas não se podem contar.
2. Os dotes de uma boa pérola **tomam-se** do seu candor, tamanho, redondez, lisura e peso.

• **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Cneio Domício **portou-se** mais humanamente, contentando-se com privar do dote a criminosa.
2. Os que padecem juntos **encostam-se** uns nos outros, como os bois ao levar o jugo.
3. Quem é justo, **justifique-se** mais;
4. Uns **vão-se** com as visões de Satanás, porque oculos suos statuerunt declinare in terram; só sabem olhar para baixo; outros com as de Deus, porque seu modo de olhar é para cima: Ad te levavi oculos meos, qui habitas in Cælis.

• **Sintagma preposicional – Verbo**

1. De outro modo **aquietaram-se** os concílios e não apertaram tanto estas ausências, reduzindo-as a espaço de três meses.
2. Das riquezas que os chinos põem com os corpos Reais, **vejam-se** as relações do nosso Fernão Mendes Pinto, que não merecem tão-pouco crédito como alguns lhes dão.
3. De outro modo **implicara-se** o apóstolo, recomendando-nos juntamente, a alegria continua e a modéstia conhecida.

• **Advérbio – Verbo**

1. atrás dos olhos **foi-se-lhe** o coração (contra o que diz o Real profeta: Divitiæ si affluent, nolite cor apponere).

⇒ **Sentenças Proclíticas**

• **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Outro terceiro Índice, dos varões ilustres cujas são as sentenças, **se reserva** para o fim da obra.
2. Isto se mostra claramente das razões contrárias, que alegavam para negar o crédito àquela revelação, que era o terem fé de Cristo, sacramentos, etc.
3. Outro caso mais lastimoso se conta na história dos varões ilustres de Cister, em que a entrega do tesouro nas mãos do ladrão, isto é, da alma nas do demónio, não foi tácita e virtual, como nos referidos, senão expressa e formal, como agora veremos.

• **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. O povo de Antioe, a quem era sumamente grato por suas artes, **se lastimava** muito e lhe mostrava sinais de amor compassivo.
2. A venerável madre se irou mais contra si mesma do que contra as culpadas, parecendo-lhe que mais o estava ela no seu descuido que elas na sua desordem.

• **Sintagma preposicional – Verbo**

1. No Levítico se mandava que o homem leproso tivesse a cabeça descoberta e os vestidos descosidos e a boca tapada com os mesmos vestidos:
2. Em uma antiga medalha da imperatriz Faustina se vê a figura da alegria, com uma cornucópia na mão direita, cheia de frutos, flores e folhas, com a letra Hilaritas.
3. Deste servo de Deus se escreve que andava sempre alegre e regozijado e, perguntando-lhe a causa desta perene disposição de ânimo, respondeu: Christum à me tollere nemo potest.
4. Em Vitas Patrum se conta que um santo monge ancião, vendo a um seu discípulo gravemente tentado contra a castidade (que é matéria bem arriscada, sendo o inimigo tão doméstico), lhe disse, compassivo: Queres, filho, que rogue a Deus se sirva de afastar de ti esta impugnação molesta?
5. Nestas palavras do santo se podem notar três pontos:

6. Daqui se infere que não é bom para amigo o que me revela os segredos de outros com quem primeiro teve amizade.
7. Contra a cega vaidade e bárbara ignorância de todos estes povos se opõe o claro desengano do Oráculo Divino, quando diz: Quando morrer o homem, nada do que tem levará consigo;
8. Daqui se infere claramente que não há que fiar de amigos antes de serem provados.
9. Desta doutrina certa se mostra o erro estultíssimo e clara ilusão dos que, orando, se deixam ficar ociosos, confundindo nesciamente a simplicidade da fé com o pasmo da ociosidade, e parecendo-lhes que quanto mais parados se acham na cova do quietismo tanto mais vão caminhando pelas regiões do amor.
10. De Filipe, rei de Macedónia, se escreve que, havendo vencido em Cheronéa a Arquidamo, filho de el-rei de Lacedemónia Agesilau, lhe escreveu uma carta mais soberba e picante do que permitem as boas leis da modéstia que devem observar os vencedores, vencendo a sua mesma vitória e reprimindo os primeiros ímpetos ferozes que costumam acompanhá-la, conforme aquilo de Séneca: Victor feroces impetus primos habet.
11. Com semelhantes almas se desagrava Deus da afronta que outros fazem à sua presença, cantando versos profanos e escandalosos, e cheios de espírito de torpeza e lascívia, em que revelam fora sem pejo o que revolvem dentro sem piedade.
12. Deste santo e seguro temor se deixam penetrar os justos, porque sabem que na sua mesma justificação se acharão culpas, se o Senhor a examinar sem misericórdia:
13. Desta consideração se valeu (como ele confessa) o mesmo santo, quando foi exterminado de Constantinopla por ódio da imperatriz Eudoxia, que se ofendera de suas justas invectivas e correcções:
14. Com esta razão se alegraram muito, assim Ariano como os do povo que a ouviram, parecendo a todos que já dava esperanças de se reduzir.
15. Nas Crónicas de São Francisco se refere, e o traz também Santo Antonino, de uma mulher que, estando ouvindo o sermão, morreu de repente, e logo, milagrosamente ressuscitada, disse diante de todo o auditório, como naquele mesmo ponto que ela expirara haviam passado deste mundo e sido apresentadas no tribunal de Cristo

outras sessenta mil almas, das quais só três foram ao purgatório e as mais ao inferno.

16. No dia constituído se vestiu a viúva o mais rica e curiosamente que pôde:

- **Advérbio – Verbo**

1. Aqui se mostra com quanto acerto e propriedade o anfiteatro onde em Roma se celebravam antigamente as festas de Baco estava pegado ao templo de Vénus, porque têm imediata vizinhança e correspondência íntima as insolências destes dois vícios.
2. Casado, então se amansa e multiplica, conforme aquele vulgar verso
3. Últimamente se tornaram para casa, assaz lastimados do mau sucesso;

5. BROCHADO, J. Cunha. *Cartas*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. O domínio regule-se, embora, pelo direito das gentes, e estes senhores autores o julguem como quiserem;

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. O seu estilo se compõe daqueles termos limpos, graves e naturais, que hoje ensina e professa a história da erudição francesa, por onde me parece que Vossa Mercê pode representar a Sua Majestade o quanto é digno da sua real grandeza ajudar êste francês para a impressão desta obra, que pode chegar a 3 tomos em quarto, advertindo-se que a nossa história é conhecida em França por memórias diminutas e

falsas, tiradas, pela maior parte, dos livros castelhanos, em que mais dominava a paixão do partido que o espírito da verdade.

2. Os pêsames desta morte se devem dar ao reino e aos seus Tribunais, pois perdendo nêle um Ministro, cujo talento estava singularmente formado de muita erudição, de muitas letras, de muita experiência, de muito desinterêsse, de muito zêlo e de muita docilidade, e como Vossa Mercê assistia a um Ministro desta constituição que sempre teve tão boa escolha, fico certo que não faltaria a ordenar tudo o que conviesse às últimas honras do seu funeral e, manter a sua casa e família no mesmo respeito do seu carácter.
3. A declaração do novo Rei se fêz com grande cerimónia.
4. As ordens para um grande armamento se passaram, mas, como o de Inglaterra e o de Holanda é uma vez maior, não creio que êste se continue mais que na experiência.
5. O seu casamento se fará em Fontainebleau por procuração.
6. O casamento do novo Conde de Vilar Maior se fará com magnificência igual a uma tão proporcionada aliança, e praza a Deus que na nossa terra se vá perdendo o mau costume de buscar casamentos em outra parte tanto à custa da nobreza estrangeira.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. El-Rei se diverte de quinta em quinta, governando e dispondo igualmente os seus vassallos e as suas plantas, com que êle é tão bom Monarca como agricultor.
2. Os novos Ministros se persuadem que em tendo boa carroça e boa casa têm cumprido as obrigações do Ministério, e por isso não fazem nada, como mostra experiência.
4. El-Rei de Suécia, fiador da paz, se oporá logo a impedir o rompimento dela, e El-Rei Guilherme perdoaria por interêsse, por emulação tornara a aparecer formidável nas campanhas de Flandres, e poderá ser que a justiça da causa emende a fortuna das emprêsas.
5. A disputa entre o Bispo de Meaux e o Arcebispo de Cambrai, sôbre a última profissão de amar a Deus, se engrossa cada vez com mais porfia, e se não guarda

medida alguma, como se pudessem os homens ser mestres de um amor que não cabe no coração humano.

6. Aqui se começou o luto e acabou o Carnaval; uma e outra coisa se compõem de muita máscara.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. No reinado de El-Rei Dom Afonso V se começa a falar da casa e apelido de Meneses, onde o autor julgou a propósito dar a conhecer em França esta ilustríssima família pela feliz e excelsa distinção de ter a Vossa Excelência por seu digníssimo sucessor.
2. Da jornada de El-Rei Guilherme se penetra aqui muito pouco e eu creio que tudo há-de parar em obras de dedo.
3. Em Portugal se costuma, de todo o tempo, eger Embaixadores da maior qualidade, costume, na verdade, pouco decoroso à mesma Côrte e aos grandes senhores dela, porque não é correspondido por Ministros da mesma extracção, e costume também menos útil às negociações, porque quanto o Embaixador é mais grande senhor, tanto é maior o cuidado da sua magnificência, da sua casa, das suas equipagens, das suas entradas e das suas cerimónias, que lhes leva todo o tempo, e esta é uma das razões por que as Côrtes estrangeiras se não servem de grandes senhores para Embaixadores, e também porque o número dos outros homens é maior que o dos cavaleiros da primeira qualidade, e assim têm mais que escolher entre aquêles que entre êstes.
4. Destas nações universais se formaram em tanta cópia os ilustres professores que, com suas admirações e produções, sustentam a economia da paz e da guerra.
5. Nos lugares e tempo a que pertence, se referem todas as conquistas, descobrimentos, emprêsas e dominações que, por tão vitoriosos progressos, conseguiram os portugueses na África, na América e na Ásia.
6. Neste caso se armaria tôda a Europa e seria França o seu inimigo comum.
7. Para o campo de Compïenhe se aparelham tôdas as personagens de ambos os sexos com que esta pacífica guerra terá mais de brilhante que de medonha.

8. Sem razão se queixa êsse fidalgo que lhe não escrevo, porque eu tenho feito infinitas vezes, e, se falto em alguns correios, é porque a esterilidade da matéria faria sem sabor o obséquo da minha carta.

- **Advérbio – Verbo**

1. Aqui se vende uma carregação de livros gregos para Tomás de Sousa, que nos dizem estuda esta língua com preferência a tudo.
2. Aqui se diz o que Vossa Mercê verá nos folhetos inclusos e é tudo o que há.
3. Aqui se começou o luto e acabou o Carnaval;
4. Aqui se entende que enquanto fôr vivo El-Rei Luiz XIV não haverá alteração, porque êle ama a paz e a vida, e, não quere nada que lhe dê hoje inquietação.
5. Aqui se tem introduzido o mau costume de morrer de apoplexia, e muita gente de todos os estados acabou seus dias sùbitamente.
6. Aqui se escreveu que a senhora Dona Bárbara, minha Senhora, a instâncias de Vossa Senhoria me fizera a honra de tomar o meu partido.
7. Brevemente se casa um grande valido de Monsieur Duque de Orleães, por nome Monsieur de laCarta, que a teve de tanta recomendação nos olhos do dito Senhor, que lhe deu um grande dote.

6. **CÉU, Maria do.** *Rellacao da Vida e Morte da Serva de Deos a Veneravel Madre Ellena da Crus*

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. As paredes desta humilde morada, **se ornavão** com estampas da Paixaõ, cuja colgadura, sendo de papel, as deixava taõ ricas de devoçaõ, como pobres de adorno.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. ella cujo animo foy em tudo grande, **se offereceo** ao sacrificio, sem desmayo, empenhando o custo da ferida, para as esperanças da saude.
2. ella que não queria quebrantar o seu silencio, **se explicou** encostando a cabeça e fechando os olhos;
3. O Filho de Deos **se queixa** delle pella boca de David;
4. A Madre Helena **se persuadio** seria o dia de sua entrada em o Louriçal, mas o tempo a desenganou, e a nos nos diz a fee que temos nos seus merecimentos, ser a festa que a santa lhe predisse, a de sua entrada em o Ceo, adonde piamente podemos ter acharia o premio de seu zello, nas palmas de seu triumpho.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. ao outro dia **se soube** fallecera na mesma hora em que o ouvio prantear.
2. da terceyra **se podia** entender, quando pella desuniaõ dos votos, ficou ao tempo que hauia espirado o seu trienio, a elleyçaõ suspença por oito dias;
3. Deste **se comunicavaõ** huns resplendores, cuja luz encheo de tanta suavidade a Aguia que a bebia, que clamou, e disse: Ditozos trabalhos que tem tal premio, e perguntando a quem deuia tanto bem, lhe responderão: A graça da gloria.
4. Deste pouco que aqui vay escrito para a noticia, **se pode** conhecer o muyto que ella foy para a realidade, e melhor a ponderarà a fè piedosa, que a penna rude.
5. Aos excessos de suas mortificações e aos de suas penitencias, que não ha duvida corresponderiaõ huns aos outros, **se vio** a Madre Elena afrontada de hum callor, que lhe sobio ao rosto em forma que lhe pareceo necessitaua de sangria, remedio com que outras vezes hauia vencido o mesmo achaque;
6. Nestes pensamentos **se achou** por sonho em hum ermo, com grande satisfação de verse em lugar taõ dezejado;
7. Com esta conversaçã attrahio a sy muytas vontades; com este genio **se fes** capaz de adquirir muytas virtudes, as quaes lhe deraõ na terra estimação de Santa, e lhe haveraõ dado no Ceo a gloria de Bem-aventurada como piamente podemos crer.
8. Na occasiaõ em que sahio desta corte, para a conquista da Coroa de Hespanha, a fauor do Archiduque de Austria hoje Emperador de Alemanha, e Rey dos Romanos

se veyo pessoalmente a despedir da serva de Deos, e a encomendarse em suas oraçoens, de quem fiava o bom successo daquella empreza;

9. de noite se hia ao coro debaixo, lugar separado dos dormitorios, e assim que entraua apagaua as alampadas, e se ficaua às escuras padecendo uma notavel mortificaçã no temor que soportava;
10. Nestes santos discursos se achaua a Elena fervorosa, quando ao seguinte dia, fallando a certa pessoa que a communicaua, lhe disse esta, como em caza do Pintor Feliciano, vira hum retrato de Jesus tirado do que se conserua em Roma que pintou São Lucas.
11. De semelhantes transformaçoens, se vale quem não merece outras.
12. Em outra se achou a virtuosa Madre com uma grande febre, vendo-se com este accidente obrigada a melhor trato, fes cama aquella noite, na qual lhe apareceo este que sempre a presegua, tocando a sua viola, a cujo destom repetia semelhante musica à que ja lhe hauia dado muito mais custoza de ouvir, que a febre de sofrer.

- **Advérbio – Verbo**

1. logo se fes desaparecido.
2. aqui se surrio a Santa mulher, sem darlhe outra reposta.

7. CHAGAS, Antonio das. *Cartas Espirituais*

⇒ Sentenças Enclíticas

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. uma ervinha, débil e inútil, afoga-se com pouca água;

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Nas do espírito requere-se que se acabe a flor e que se acabe a verdura, para chegar à transformação de Cristo crucificado, que é o que eu prego, sem ser São Paulo;

⇒ **Sentenças Proclíticas**

• **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Êste companheiro Frei Manuel de Jesu, que sumamente bem me tem acompanhado em todo o trabalho, se recomenda a Vossa Paternidade, e pede a sua benção, e Frei Luís de São Francisco, que, quando andamos juntos, me ajuda muito com a pessoa e com o conselho;
2. Os companheiros se recomendam a Vossa Paternidade, e desejam merecer em seus sacrifícios a Vossa Paternidade a memória que dêles tem;
3. Esta resignação se exercita de dous modos:
4. Êstes se apertam mais com a sagrada comunhão, com a qual se une o Senhor muito à alma.
5. outra se chama visão obscura, e esta a tem os que no mundo chegam a fazer actos de fé.

• **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. São Pedro de Alcântara se encostava a um lenho e não se deitava, para não escorregar-se muito;
2. Os companheiros se recolheram no mesmo tempo;

• **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Tôdas as guerras que Vossa Mercê tem sentido na alma são finíssimo amor próprio; que o amor de Deus nada o desenquieta: nas penas se consola, nos espinhos descansa, nas inquietações não se perturba;
2. Disto se deve Vossa Mercê livrar e espreitar quanto puder, e ver nos fundos da alma se lavra ainda esta raíz do amor próprio.
3. em semelhante ocasião se pôs outro Francisco no pôrto do Céu
4. desta se segue a maior vitória e o mais glorioso triunfo.
5. nestas se alegra a natureza, nas outras a graça;

6. Pela negação de tudo se acaba o amor próprio, pela morte do amor próprio começa o amor de Deus, e em tendo amor de Deus, tudo tereis junto e tudo achareis feito.

- **Advérbio – Verbo**

1. O caminho de uma alma para Deus, às vezes espiritualmente se parece com os caminhos da terra; uma hora se vai por campos de flores, outra hora por matos de espinhos, ora por vales, ora por serras.

8. COSTA, Antonio da. *Cartas do Abade António da Costa*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Os dois principais chamam-se Santarelli, e Manicuccio, e na verdade cantam com muita suavidade, e afinação, e sabem bem música;
2. O Bravo de Leorne chama-se o Senhor Nardini;
3. A outra figura chama-se Tartalha, que quer dizer gago, que de ordinário é um criado, ou alcoviteiro, gago, e atolambado, com sua malícia;
4. o resto compõe-se de bastantes ruas compridas, largas e direitas, mas nenhuma que se possa dizer bonita, antes todas feias pròpriamente, e melancólicas.
5. Ora aí está um número; os outros quatro tiram-se do mesmo modo.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Os vícios destes homens parecem-se com os dos nossos rapazes enquanto não sabem que coisa é vício, ou lhe dão quase nada de peso;
2. Vossa Mercê alegre-se, e conserve paz no seu peito, em quanto puder, que é o maior bem que se pode ter, etc.
3. As de lá ajustam-se melhor quando se ajustam bem.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. por ora **contente-se** com confessar-lhe eu que conheço a justiça que muitas vezes fazia no que julgava mal da nossa nação;

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Vossa Mercê **se regale** com essas hipocrisias descaradas;
2. Vossa Mercê **se vá** regalando com essas beatices que, quando parece que vão a extinguir-se em Portugal, revivem com mais força e maior descaramento;
3. Vossa Mercê **se declare**, que eu lho mandarei com a maior clareza possível.

- **Sintagma preposicional- Verbo**

1. (em dúvida, **se entende**)

- **Advérbio – Verbo**

1. Contínuamente **se ouve** pelas conversações contar: fulana regalou a fulana tantos sequins, ou tal coisa porque lhe alcançou aquilo do cardeal fulano, do príncipe, de monsenhor, etc;
2. este amor caminha com tal moderação e sossego, que passa aqui por coisa lícita; pùblicamente **se faz**, pùblicamente se fala nele, se confessa que se tem, se diz que se vive disso;
3. este amor caminha com tal moderação e sossego, que passa aqui por coisa lícita; pùblicamente se faz, pùblicamente **se fala** nele, se confessa que se tem, se diz que se vive disso;

9. COSTA, Manuel da. *A Arte de Furtar*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Os depositos das Ordens militares, que resultavaõ das comendas vagas, consumiaõ-se em usos profanos contra os Breves Apostolicos.
2. A nobreza das ciencias colhe-se de tres principios: o primeiro he objecto, ou materia, em que se occupa.
3. Dirá alguem que he, porque gastaõ menos, e eu digo que he, porque guardaõ mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaração, que todos gastaõ da fazenda Real, e aquelles guardaõ para si, e estes para seu dono: aquelles pagaõ-se por sua maõ, e estes não trataõ de paga, senaõ de restituiçaõ.
4. As Republicas conservaõ-se com fazenda, vassallos, e leys:
5. O que diz o Direito, que femeas não entrem em officios, nem jurisdicoens, entende-se, onde se não succede Jure haereditario.
6. Os Reynos herdaõ-se mais pelo direito hereditario, que pelo do sangue.
7. Os serviços da nossa Coroa feitos á de Castella, pagavaõ-se com premios de Portugal, e os serviços feitos á nossa Coroa nunca tinhaõ premio.
8. A guerra faz-se para ter paz, e porisso he melhor sempre admittir esta, que fazer aquella.
9. Conservarse-ha em pé nestas demoras conservando o amor dos soldados, e a benevolencia dos póvos; esta ganha-se administrando justiça, e aquelle usando liberalidade.
10. Assim saõ os ladroens: na Casa da Supplicação chamaõ-se infames, quando os sentenceaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andaõ de continuo em alcatêas, tem nomeadas muito nobres: porque huns saõ Godos, outros chamaõ-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos saõ piratas.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito;
2. Hum leaõ contenta-se com a preza, que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais, em que as possa empregar.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Ao ladraão **mostraõ-se** os dentes, e não o coração.
2. Assim são os ladroens: na Casa da Supplicação **chamaõ-se** infames, quando os sentenceão, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andaõ de continuo em alcatêas, tem nomeadas muito nobres: porque huns são Godos, outros chamaõ-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos são piratas.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

• **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Quatro cousas **se consideram** aqui, linha, sexo, idade, e gráo:
2. A Bulla da Cruzada **se applicava** a outros usos fóra da defensão de Africa, para que foy concedida:
3. E em conclusaõ: Castella **se tem** havido em tudo com Portugal taõ desarrezoadã, e cruel, que lhe pudera dizer Portugal, o que na Ilha de Cuba disse hum Indio Regulo Cacich chamado Hatuey, atormentando-o Castelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes dêsse ouro: cathequizava-o hum Religioso de São Francisco neste estado, e tendo-o já reduzido a receber o bautismo, para hir ao Ceo: perguntou, se hiaõ lá Castelhanos?
4. Tres disfarces **se notaõ** aqui;
5. O navio **se fez** em dous com a primeira pancada:
6. Os mais guerreiros Reys do mundo **se ajudaraõ** de estranhos, que sempre são mais comparados comnosco;

• **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. a gente do mar **se afogou** quasi toda com o Piloto;
2. As melhores neste caso **se reduzem** a quatro, que são Linha, Patria, Representação, Acclamação:
3. A primeira **se dá**, quando se occupa hum Reyno com violencia contra as leys.
4. A segunda **se manifestará** nas injustiças seguintes.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Com a Clava se significam suas armas, e poder;
2. De todo este discurso se colhe com certeza, que a arte de furtar he ciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstrações verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrínsecos não chegue ao que pertende.
3. Entre alfayates, e oleiros se moveo questaõ, quais eraõ mais antigos na sua arte, para alvidrarem dahi sua nobreza.
4. Da mesma maneira se deve pôr taxa em todas as mercadorias;
5. Em huma praça pois dessas mais opulentas se põem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orçadas huns annos por outros em cento e quarenta até cento e cincoenta mil cruzados.
6. Deste, e de outros casos, que vão por esta esteira, se pôde colher reposta para alguns zelozos, que estranhaõ as prolongadas demoras, que cada dia vemos em despachos.
7. Ao exemplo se diz, que não se deixou a Infanta Dona Violante herdar não por não se admittir á representaçãõ no caso, senãõ por ser inhabil por ley particular, que ElRey Dom Pedro seu avô fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa.
8. Ao exemplo do Rey de Castella Dom Affonso o Sabio se diz, que foy julgada aquella açãõ até em Espanha por injusta;
9. Do dito se colhe, que não repugnou a ser julgado, nem lhe eraõ suspeitos os Juizes, pois os escolheo, e fiou delles tudo:
10. De todo o dito se colhe, que as femeas em Portugal saõ habeis para herdarem esta Coroa, e que a Senhora Dona Catharina não a podia perder por femea.
11. com este titulo se livraraõ os Hollandezes, e se livraõ os Catalans, se levantou Napoles, se amotinou Sicilia, e Portugal declarou por seu Rey, a quem por direito o era, para o governar, como natural sem tyrannias.
12. A isso se responde, que antigamente hum só galeaõ nosso bastava para investir huma armada grossa, e botando fogo, e despedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda.

13. com cinco mil cruzados **se contentou** cada hum, sahindo a cinco tostoens cada bengallada como bofetada em peão.
14. deste da força, e violencia, **se seguiraõ** tantas injustiças, em que logo se despenhou Castella, que menos bastavaõ para lhe tirar o direito, dado, e não concedido, que algum tivesse, e para corroborar o da Senhora Dona Catharina, ainda que fosse fraco.
15. A tres cabeças **se reduzem** todas as causas justas.

10. COUTO, Diogo do. *Décadas*

⇒ Sentenças Enclíticas

• Sujeito não-passivo – Verbo

1. O Magor **salvou-se** com muito trabalho, e quási afogado em uma azemala por ordem de um seu azemeleiro, e sua mulher, que estava prenhe, e em dias de parir, escapou em um alifante, com parte de suas mulheres em outros.
2. Simão de Mello, sobrinho de Lopo Vaz de Sampaio, que trazia a fortaleza de Malaca, **perdeo-se** em Moçambique;
3. O Pocarale **vestio-se** pera ir lá, o que a mulher trabalhou de estorvar, dizendo-lhe que não fôsse por então, porque não sabia o que o coração lhe dizia.
4. Xaholan **deu-se** tanta pressa, que chegou poucos dias depois, e assentou seu arraial da outra banda do rio, uma légua do Magor, donde o foi cometer com muitas escaramuças, de que ambos receberam bem de damno.
5. Dom Christovão **ajuntou-se** em casa da Rainha com os outros Capitães Portuguezes, e Abexins, e tomou parecer sôbre o que faria, se seria bem recolher-se à serra, que estava perto, que era muito forte, pera ali esperarem o Imperador.
6. A Rainha **meteo-se** na serra, que era forte, onde se deixou estar com grande dor, e tristeza, por não ter novas de Dom Christovão, que ela amava como seu filho.
7. O Imperador **apressou-se**;

8. James Lobo **tornou-se** a pôr no lugar de primeiro; e tanto que os cercados viram outra vez os Portuguezes, logo largáram o forte, que os nossos queimaram, assoláram, e destruíram de todo.
9. O Governador **começou-se** logo a fazer prestes pera em pessoa o passar a Pondá, fazendo alardo da gente Portugueza, que havia de levar, e achou três mil homens, e perto de dous mil piães da terra.
10. Ruy Gonçalves **deixou-se** ficar seu hóspede alguns dias, em que tornou apertar com êle sôbre a ida de Goa, afirmando-lhe o muito que o Governador o desejava de ver, assim por ser muito seu amigo, como por desejar praticar com êle cousas de muita importância, e que relevava muito.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

• **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Isto se fez a saber ao Embaixador, que logo despedio correios ao Idalcan, que estava em Bilgão esperando pela resposta.
2. Esta parede se começou a levantar, sem fazer caso de cousa alguma, só com os officiaes, por maior dissimulação, com quem corria o Tanadar da Cidade.

• **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. O Padre Mestre Francisco com os companheiros, que vieram no galeão com o Governador, **se recolheram** ao Hospital, começando logo a dar grandes mostras de suas vidas, e doutrina, curando os enfermos com muita caridade, visitando os Hospitais dos gafos, consolando-os, e esforçando-os.
2. Êle se despedio do Villa-Lobos, sem poder notar a gente que os navios tinham, nem o modo de como estavam, nem ele quiz perguntar cousa alguma, porque não lho haviam de dizer.
3. Dom Christovão da Gama **se recolheo** aos vallos o melhor que pôde, bem perseguido dos inimigos, e mandou a Manuel da Cunha, que com sua gente voltasse a êles, e trabalhasse pelos afastar;

4. Os Padres **se mudaram** logo pera lá, e ordenaram um moderado Templo, conforme ao lugar, e tempo, pera nele celebrarem os Officios Divinos;
5. O Governador **se embarcou** de todo, e deo á vela em Outubro, levando comsigo as náos do Reino.
6. O Governador **se embarcou**, e foi pera Cochim.
7. Nuno Pereira se foi pôr sôbre aquela barra com grande dissimulação, tendo muito grande vigia, que nada saisse pera fóra.
8. Ruy Gonçalves de Caminha **se vio** em terra com Coge Cemaçadim, e tantas cousas lhe disse, que o rendeo a ir com êle a Goa, e se embarcou na galé de Fernão de Sousa.
9. O Governador com ElRei, e Coge Cemaçadim **se recolheram** pera uma camara, onde estiveram mais de uma hora sós;
10. Martim Affonso **se afastou** pera fora, como que não o queria.
11. Manoel da Cunha **se despedio** do Preste João, e dos Portugueses com grandes saudades, e foi caminhando pera Maçuá, onde o deixaremos, porque é necessário continuarmos com Diogo de Reinoso, que o Governador Martim Affonso de Sousa mandou ao Estreito espiar as galés.
12. Diogo de Reinoso **se despedio** dos Portugueses, que ficaram muito tristes, e foi esperar os Ponentes a Sacotorá, onde fez aguada, e tomou mantimentos.
13. Êste homem **se fez** fugido pera a nossa fortaleza, agravado do seu Capitão, e se embarcou depois com Dom Jorge, e em Goa faleceo.
14. Ruy Gonçalves **se embarcou** em um catur muito ligeiro, e em breves dias foi ter a Cananor, e foi ser hóspede de Coge Cemaçadim, que o festejou muito.
15. O Doutor Pero Fernandes **se foi** à fortaleza, e achou Dom Manoel encerrado, e anojado, e sem embargo disso lhe notificou o mandado do Governador, que levava assinado por êle.
16. O Doutor Pero Fernandes **se foi** ao Governador, e lhe deo conta de tudo o que passara com Dom Manoel de Lima;
17. Pero de Faria **se foi** ao galeão, e teve com Dom Manoel de Lima, por parte do Governador, grandes satisfações, e desculpas, pedindo-lhe quizesse ir com êle a vê-lo, porque bastava para sua satisfação mostrar-se arrependido do que lhe tinha feito.

18. Pero de Faria se tornou ao Governador, e lhe deo conta do que com êle passara;
19. Henrique de Sousa se deixou estar na baía, e mandou logo visitar Pocarale, como sempre costumava, e daí a dous dias lhe mandou pedir, que se viessem na praia, porque tinha alguns negócios a tratar com ele.
20. Pocarale embebido na prática se foi deixando ir, e tendo-o já perto, liou-se com êle, e quiz levá-lo nos ares pera dar com êle nas almadias.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Em um extraordinário curso da natureza, que se neste tempo nota, se pode ver, que é o maior que pode haver no Mundo;
2. Nesta terra se faz muito açúcar cande, que vai a Cambaia, e dai pera todas as partes da India.
3. Nesta obra se gastaram oito mezes, andando de continuo nela quarenta mil trabalhadores;
4. Nesta jornada se achou um Português, chamado Cosmo Correa, casado em Chaul, com mulher, e filhos, que ainda vivem, quer por espancar um Feitor, fugio pera Cambaia, e dali se passou à Côrte do Magor;
5. A êstes homens se deve a glória deste descobrimento, posto que Marco Polo Veneto tinha dado a conhecer estas Ilhas muito primeiro, chamando-lhes Zipango, de quem escreveo, por ruins informações, estando no Cathaio, algumas cousas, que nos fizeram algum tempo duvidar, se eram estas Ilhas Zipango;
6. Disto se deo rebate a Dom Chistovão, que vendo-se perdido, quis antes morrer às mãos de inimigos que ficar cativo, e assim voltou pera aquela parte, com um furor tão grande, que lhes fez esquecer as feridas que tinha;
7. Disto se fizeram papeis, e a Rainha cumprio à risca tudo.
8. Dêstes Capítulos se fizeram autos assinados por todos, e se registáram nos livros da Feitoria daquela fortaleza com o Regimento da Alfandega.
9. Com isto se concludio, que se tornassem, com o que o Governador voltou, e tornou a dobrar o Cabo, recolhendo alguns navios de sua companhia, que foi achando por aqueles portos.
10. De tudo isto se fizeram papeis antre êles, e o Meale.

11. Sôbre isto se moveram guerras antre aqueles dous Mouros.
12. A êste Pagode se foi também oferecer ElRei Gelaldim Mamede, filho deste Hamau;
13. Com isto se despedio Belchior Fernandes, e os Castelhanos ficaram naquele lugar esperando pela galeota, que era nas Filipinas, e uns poucos deles saíram um dia em terra pera tomarem mantimentos, e deram os negros neles, e mataram alguns, ao que acudiu Francisco Marinho, Mestre do campo, com alguma gente, e também o mataram com muitos de sua companhia, e o Ruy Lopes de Villa-Lobos imaginou sempre que fora ardil do Belchior Fernandes Correa, e que deixara peitados os da terra pera darem aos Hespanhoes, se fôssem a ela.
14. Com esta determinação se saiu da serra do Judeo com sua gente, posta em muito boa ordem, dando a dianteira aos Portuguezes.
15. Com isto se puzeram então os Turcos em desbarato, e de duzentos que eram só quarenta escaparam.
16. Disto se queixou ElRei, fazendo protestos, dizendo: "Que ficava pobre, e sem cousa, com que pudesse sustentar seu Estado".
17. Com esta resposta se tornaram os soldados.
18. Com esta resposta se foi James Lobo pera Ternate, com que Dom Jorge ficou enfadado, porque não só havia de ficar receando dos Castelhanos, mas ainda da gente da terra, que como todos são amigos de novidades, receava que se cartearassem com os Castelhanos, e começou a ter daí em diante mais o olho neles, e diferente resguardo na fortaleza.
19. Dali se passou á Cidade de Amadabá, onde estava ElRei Soltão Mahamud, que o recebeo mui honradamente, e lhe deo casa conforme a sua qualidade.
20. Dali se recolheram pera dentro, onde havia grandes salas, e varandas, que tudo estava ricamente aparamentado.
21. Dali se fez á vela, e chegou a Goa no fim de Abril, e desembarcando, se foi ao Governador com Miguel de Castanhoso, que êle recebeo bem, e lhe deo as cartas do Imperador da Abasia, e dos Portugueses;
22. Disto se escusou o Villa-Lobos, o que logo soube o Rei de Geilolo, e foi visitar o Villa-Lobos a Tidore, induzindo-o a fazer guerra aos nossos, sôbre o que êle o não ouviu.

23. Com esta determinação se deixaram ficar, despedindo Dom Christovão um correio Abexim com um escrito a Affonso Caldeira, que ficou atrás com a recovagem, pera que fôsse demandar o pé da serra, e que no quarto da modorra cometesse o exército, porque êle estaria prestes pera o recolher.
24. Com isto se foi o Embaixador satisfeito, e o Idalcan o ficou também em parte.
25. Nisto se passou o Inverno sem se tomar conclusão em cousa alguma, até surgir na barra de Goa Dom João de Castro, que vinha por Governador (como no principio da sexta Decada diremos).

- **Advérbio – Verbo**

1. Logo se deo recado a ElRei de Zeilá, que Dom Christovão era recolhido, pelo que mandou com muitas pressas algumas Companhias após êle, encomendando-lhes muito o trouxessem vivo.
2. Ali se apertaram as feridas uns aos outros o melhor que puderam.
3. Ali se fortificou, e começou a combater a Cidade fortissimamente, por ver se a podia tomar primeiro, que o inimigo chegasse.
4. Ali se deram uns aos outros as novas: de tudo o que era passado.
5. Ali se deteve dous dias;
6. Ali se deixou andar entre aquela Ilha, e a terra firme, defendendo a passagem de uma a outra parte, esbombardeando, e atroando a terra de feição, que inquietou todo aquele estreito;

11. GARÇÃO, Correia. *Dissertações*

⇒ Sentenças Enclíticas

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. A Arcádia fundou-se para adiantamento das Belas Letras, e não para fazer ostentação de talentos, para divertir o público, ou para dar que fazer aos prelos.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. quem deseja a paz, prepara-se para a guerra.
2. aquela inestimável e boa harmonia que reinava não só em nossas opiniões e doutrinas, mas até em nossas almas e nossos corações, aquela sagrada aliança de uma pura e sincera amizade, estabelecida em não menos honroso fundamento do que no comércio das ciências, dos livros e das mais perfeitas composições de eloquência, desvaneceu-se.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Disto acha-se que enfermam tantas quantas são as obras que todos os dias aparecem cheias de lugares dos poetas, não imitados, mas servilmente traduzidos.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Nesta significação se entende este termo;
2. Daqui se infere incontestavelmente que o Filósofo estabelece esta regra.
3. a outro se deve a restauração da Eloquência e da Poesia.
4. Neste público e solene acto em que juramos as bandeiras, se obriga o regimento e nos obrigamos todos a servir como leais vassalos ao nosso legítimo Rei e Senhor, a guardar suas reais ordens, a obedecer cegamente aos comandantes, a defender as bandeiras, a não evitar a morte, a sustentar o terreno, a ganhá-lo, a não desertar, a arrostarmos sem susto com o mais formidável inimigo, finalmente a derramar gloriosamente o sangue pela defesa da Pátria, pela honra e glória de nosso clementíssimo Soberano.
5. De Catão se conta que, licenciando Pompílio uma legião na qual militava o filho daquele grande patricio, e querendo o generoso mancebo ficar no exército, o velho e sisudo pai, zeloso dos antigos costumes das leis militares e da severidade da disciplina, foi o primeiro que protestou pela observância, escrevendo a Pompílio,

que não consentisse seu filho na tropa sem tomar-lhe segundo juramento, pois sem esta solenidade lhe não era lícito pelejar com o inimigo.

6. Com tão esquesita doutrina se resolveram poetas dramáticos a misturar o Soco com o Coturno;
7. Em toda a parte se apresenta a mesmo perigo e o mesmo aspecto da morte:

- **Advérbio – Verbo**

1. aqui se traçou o plano de tão infame conspiração.
2. Aqui se juntaram os traidores;
3. aqui se vendeu a Pátria;
4. aqui se blasfemou de Vossa irrevogável promessa;
5. aqui se desprezaram os raios com que Vossa mão onnipotente costuma destruir os impérios.
6. aqui se afasta deles;

12. GARRETT, Almeida. *Viagens na Minha Terra*

⇒ Sentenças Enclíticas

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Não senhor : a coisa faz-se muito mais fàcilmente.
2. O resto da semana levava-se a chorar e a esperar.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. O autor dos Lusíadas viu-se entalado entre a crença do seu país e as brilhantes tradições da poesia clássica que tinha por mestra e modelo.
2. Joana adiantou-se alguns passos a beijar-lhe a manga.
3. Dom Miguel fortificava-se em Santarém, e a casa da velha era o último posto militar ocupado pelo seu exército.
4. Joaninha abraçou-se com o primo;

5. Os soldados **olharam-se** entre sie sorriram.
6. Ela **fez-se** pálida, daí corou também.
7. As sobrancelhas, quase pretas também, **desenhavam-se** numa curva de extrema pureza;
8. Os olhos sumidos, que era a feição dominante naquele rosto ascético, **sumiram-se** mais e mais;
9. um cavaleiro desconhecido, a quem dão pousada uma noite, **levanta-se** por horas mortas, rouba a descuidada e inocente donzela, foge a todo o correr de seu cavalo, e chegando a um descampado dali muito longe, pretende fazer-lhe violência...
10. A conversação **tornava-se** interessante, especialmente para mim:
11. Frei Dinis **ria-se** de Condillac, e eu parece-me que tenho vontade de fazer o mesmo.
12. a devassidão dos franciscanos **tinha-se** feito proverbial e popular.
13. O frade **foi-se** ao anoitecer, a velha ficou rezando e chorando, e rezou e chorou toda a noite.
14. seu porte gentil e decidido de homem de guerra **desenhava-se** perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar - espécie de great-coat inglês que a imitação das modas britânicas tinha tornado familiar nos nossos bivaques.
15. Carlos **retirou-se** ao seu quartel numa choupana próxima.
16. A adúltera **foi-se** em paz, e ninguém a apedrejou.
17. A vida **compõe-se** de alegrias e tristezas...
18. Carlos **esqueceu-se** de tudo, menos da sua espada que afiou com escrupuloso cuidado, e das suas boas e seguras pistolas inglesas que limpou minuciosamente, carregou e escorvou com um verdadeiro amor de artista que se compraz no último acabamento de um trabalho predilecto.
19. o tremor nervoso, que o tomava por acessos, **tornou-se-lhe** habitual;
20. Carlos **estorcia-se** debaixo de uma compressão horrível e incapaz de se descrever.
21. os professores **benzem-se**;
22. A avó e a neta **abraçaram-se** e choraram.
23. O pinhal da Azambuja **mudou-se**.
24. A misericórdia de Deus **cansou-se**;
25. O frade **levantou-se**, e sem dizer palavra, tomou o caminho de Santarém.

26. O abraço **desfez-se**, e o beijo terminou enfim, porque os reflexos do céu na terra são limitados e imperfeitos como as incompletas existências que a habitam...
27. A lúcida transparência daqueles olhos verdes **turvou-se**:
28. a estatura alta e erecta **curvou-se-lhe**;
29. os músculos da cara **descarnaram-se**, e a pele já sulcada de fundos cuidados, arrugou-se e franziu-se toda em rugas cruzadas e confusas como que se lha torrassem numa grelha.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. com os nomes crismam-se os figurões, com os palavrões **iluminam-se**...
2. com os nomes **crismam-se** os figurões, com os palavrões iluminam-se...
3. A Carlos **revolvia-se-lhe** no peito uma grande luta.
4. A estas derradeiras palavras do frade asperamente pronunciadas e em tom de indiferença e desprezo, **seguiu-se** aquele silêncio comprimido, aquela pausa de toda a conversação grave e íntima em que os pensamentos são tantos que se atropelam e não acham saída na voz.
5. No ralar da velha com o frade, **levanta-se** uma ponta do véu que cobre os mistérios da nossa história.
6. Naqueles troncos velhos e coroados de verdura, **figurou-se-me** ver, como nas selvas encantadas do Tasso, as venerandas imagens de nossos passados;
7. Daí **fez-se** juiz, pôs por aí suas coisas a direito - Deus sabe as que ele entortou também!

- **Advérbio – Verbo**

1. Depois **vai-se** às crônicas, tiram-se uns poucos de nomes e de palavrões velhos;
2. então, **caía-se** com glória, vencia-se muitas vezes morrendo...

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. alguns ditirambos se fizeram;

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Em poucas linhas se descreve a sua simplicidade clássica:

- **Advérbio – Verbo**

1. Apenas se estabeleceu a posição dos dois exércitos, Frei Dinis queria levá-las para Santarém;

2. Brevemente se viu que a avó tinha acertado.

3. Imediatamente se ouviu o som retinido das coronhas no chão, e o riso contente dos soldados que reconheciam a benquista e bem-vinda voz de Joanhina, da "menina dos rouxinóis".

4. responde o autor mui lisonjeado da pergunta: não, minha senhora, a história não acabou, quase se pode dizer que ainda ela agora começa:

5. na larga solidão e no vasto silêncio do vale distintamente se ouvia o doce murmúrio da voz de Joanhina, claramente se via o vulto da sua figura e da do companheiro que ela levava pela mão e que maquinalmente a seguia como sem vontade própria, obedecendo ao poder de um magnetismo superior e irresistível.

6. Ali a viam as vedetas de ambos os exércitos, ali se acostumaram a vê-la com o nascer e o pôr do Sol:

7. breve se escondeu para lá das oliveiras da estrada.

8. Atrás da paciente e humilhada figura daquela mulher de dores e desgraças, se erguia um vulto austero e duro, um homem armado da cabeça aos pés de ascética insensibilidade, um homem que parecia o fado mau daquela velha, de toda a sua família, o cúmplice e o verdugo de um grande crime, um ser de mistério e de terror.

13. GUSMÃO, Alexandre de. *Cartas*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Pelo que toca às futuras providências que a respeito dessas minas se hão-de tomar, **acha-se** feita consulta para que a extracção dos diamantes se ponha por companhia, limitando o número dos escravos (que poderá ser até 400), e assinalando sítios certos para minerar, os quais se não poderão exceder.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. A companhia **se propõe** por duas formas: ou recebendo El-Rei todos os anos em forma de matrícula um preço alto por cada um dos ditos escravos, ou tendo a quinta parte nos ganhos da Companhia.
2. Os soldados **se mandam** aquartelar nas estalagens da Ribeira daquela vila, sem alojarem à custa dos moradores;
3. Os ditos setenta mil cruzados **se mandaram** pagar a minha mulher, como dinheiro tomado na Índia para as necessidades do Estado, constituindo-se-lhe, como aos mais credores, que Sua Majestade mandou pagar pelos efeitos do Conselho Ultramarino, um padrão de juro a 5 por cento, que seria uma bela peça de morgado se ficasse existindo na casa;
4. O padrão **se assinou** hoje por Sua Majestade, brevemente estará corrente do mais, e entendo que não virei a lograr dele mais de um mês de juro.
5. Este pensamento **se tem** esfriado de sorte, pelo que vejo, já me parece ocioso o falar nele;

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Meu irmão **se põe** aos pés de Vossa Senhoria com obsequiosas lembranças.
2. Paulo de Carvalho e Mendonça, Prelado da Santa Igreja de Lisboa, **se queixou** de Vossa Mercê a Sua Majestade por lhe haver assaltado a sua casa, quarta-feira 10 do corrente, pelas 8 horas da manhã, estando ele de cama, sangrado e bastantemente enfermo, enchendo-lhe a casa de oficiais de Justiça e de esbirros do seu bairro e dos

da Inquisição, com o frívolo pretexto de prender um pobre clérigo, pela insignificante culpa de haver dito duas missas em um mesmo dia, desatendendo Vossa Mercê não só o seu privilégio de Prelado eclesiástico, mas o que é mais, a própria casa de seu irmão, Enviado e Ministro Plenipotenciário na corte de Viena de Áustria.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. A isto se acrescentou que se o povo conviesse também livremente em que, no caso que a capitação e maneio não chegassem a render um certo número de arrobas de ouro (regulado com aumento do ano mais rendoso que até agora houve) ficaria o dito povo obrigado a preencher pelos mesmos meios de captação e maneio o que restasse para o complemento daquela soma.
2. A este fim se encaminham as minhas diligências, mas ainda vejo um pouco remoto o fruto delas.
3. Do que Vossa Senhoria lhe tem feito e continua a fazer, se mostra Sua Majestade cada vez mais satisfeito, e a distinção das operações de Vossa Senhoria é tão visível que até à mesma inveja tem obrigado a sepultar-se;
4. Por agora se satisfaz Sua Majestade com mandar que Vossa Excelência compre as Ordenações do Reino, juntamente com as suas Leis Extravagantes, e faça ler cada dia ao seu secretário quinze ou vinte parágrafos, a que Vossa Excelência assistirá, por espaço de seis meses;
5. A Sua Majestade se queixaram proximamente alguns negociantes gentios, vassalos e moradores desse estado, que Vossa Excelência vendia e estancava os lucros do comércio, com prejuízo evidente dos sobreditos.
6. Com o dito negociante se ajustaram a que ele lhe faria nessa Corte a assistência de tudo o que lhe for necessário, assim do Colégio como de fora, para o seu trato ordinário.
7. Nesta cidade se acham presos António Fernandes Pereira e Luís José da Rosa, à ordem do Corregedor do bairro de São Paulo, pelo contrabando que lhes foi achado no iate por invocação Santo António, vindo do porto dessa cidade que é destes negociantes, e a quem pertence a sua carga.

8. Em menos de oito dias **se desvaneceu** e frustou todo o nosso trabalho de mais de seis meses;

- **Advérbio – Verbo**

1. Aí se acharam os três Cardeais, os dois Secretários, Sua Reverendíssima e eu;

14. LOBO, F. Rodrigues. *Corte na Aldeia e Noites de Inverno*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Leonardo, que a levantou, **deixou-se** ficar no covil, e eu fiquei atrás dos galgos sem dar um brado;

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. No livro fingido **contam-se** as cousas como era bem que fôssem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. O primeiro género **se divide** em cartas domésticas, civis e mercantis.

2. Os Templos **se guardam**;

3. O queixume por cartas **se deve** fazer com tôda a moderação que a urbanidade requere, e pode nestas servir para exemplo e lembrança a que Olímpias, mãe de Alexandre, respondeu a seu filho, a uma em que êle se assinava por filho de Júpiter, que dizia: "Muito me alegre com a vitória que alcançastes da cidade de Tiro e com tôdas vossas venturas e façanhas; porém tive por grande afronta minha ver que vos nomeais por filho de Júpiter na carta que desta nova me escrevestes."

4. Uma questão se oferecia agora (acudiu Píndaro) que, ainda que rasteira, é, em matéria proveitosa.
5. isso se usa na prática vulgar para se tratarem livremente as palavras próprias, pois somente algumas translações, antonomásias e ironias se acham nela e muito raramente outras figuras.
6. Esta figura se costuma usar para um de quatro efeitos: ou para evitar palavras desonestas, ou para abreviar razões compridas, ou por acudir à pobreza da linguagem, ou por afermosear e enfeitar a prática.
7. A figura da Antonomasia se usa algumas vezes na conversação, pôsto que só nas pessoas ou partes do mesmo Reino será mais aceita.
8. esta se considera em duas maneiras: a primeira, tirando a propriedade às cousas; a segunda, furtando o sentido às razões; uma é mero escárneo; a outra, dissimulada sutileza.
9. os Deuses se servem;

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. A humildade carregada de ouro se inclina mais e é mais fermosa, como foi a de Prismilau, primeiro Rei de Boémia, que, no maior poder de sua riqueza e senhorio, mandava trazer ante si as alparcas de pastor com que se criara, mandando que andassem em morgado a seus descendentes para antídoto contra a soberba da dinidade Real.
2. A caridade, subida sôbre colunas de ouro, se levanta sôbre as estrêlas;
3. Catão se matou;
4. Leonardo se ofereceu então a mandar fazer a diligência com muito cuidado;
5. os animais se rendem à sua formosura, pois não há caça mais certa que a que se toma com laço de ouro, nem melhor pescaria que a que se alcança com anzol dêle;
6. Erotos, escravo de Marco António, se matou de pesar de ver a seu senhor vencido de Augusto.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Em cartas de negócio, feitas a pessoas ocupadas, que se fazem por capítulos e apartados, ou perguntas sôbre matérias dos mesmos negócios, se deixa igual parte do papel para responder à margem em ordem a cada uma das cousas, e assim fica servindo para duas uma mesma carta;
2. Dêste próprio modo se usa o nome de carta, que alcança em género a todo o género de papel escrito e ainda pintado.
3. À Espanha se passou o uso de vestir dos soldados de Flandres per bizzarria, e razão tinham de imitar em outras cousas aos práticos que militam em uma praça tão enobrecida das nações da Europa;
4. com êle se adornam os tetos, frisos, colunas, pedestais e todos os ornamentos e vestiduras da Igreja.
5. Com o ouro se exercita e põe em prática a liberalidade, que sem êle parecera virtude sem mãos;
6. com êle se alcançam nelas as honras, dinidades, títulos e privanças, e até os louvores e as mesmas graças da natureza;
7. Nas comidas se há-de fugir falar em cousas que enojem o estômago e ofendam ao gosto, ainda que em outros lugares podem dar muito.
8. No mesmo tempo em que os amigos se juntaram para o seu acostumado exercício, se apeava o Prior no pátio de Leonardo;
9. Com isto se despediram, dando-se boas noites.
10. A isto se começaram todos a rir, e tornou Solino: - O meu moço, senhor Dom Julio, tem desculpa em ser néscio porque é meu moço;
11. Com isto se levantaram todos e se despediram, festejando e agradecendo cada um ao outro o que dissera;
12. A isto se levantou;
13. Com esta nova se mostraram os amigos mui alvoroçados e Dom Júlio, contente;

- **Advérbio – Verbo**

1. Depois se escreveu em uma casca tenra de árvores, que é o entrefôrro da cortiça.
2. Depois se escreveu em tábuas, nas quais, sôbre cêra, com um instrumento de ferro ou de latão, a que chamavam estilo, se assinavam as letras, e de ferro com que se

escreveram se veio a derivar o que agora dizemos bom ou mau, humilde ou altivo estilo de escrever, passando-se por translação a perfeição do instrumento ao concôrto e polícia das palavras.

3. Então se levantaram os mais e se despediram;

15. MELO, F. Manuel de. *Cartas Familiares*

⇒ Sentenças Enclíticas

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Os meus erros chamaram-se a sagrado.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. O hábito de sofrimento, em que eu pareço professo, rompeu-se por seu mesmo uso.

⇒ Sentenças Proclíticas

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. O papel se vai pondo bem e tem crecido em tudo.
2. Os meus trabalhos se renovam como encantamento.
3. Sábios se seguem, deva-se-lhes o acôrto.
4. A Fé se defende com o gládio do poder.
5. Exército se chama a universal hierarquia dos espíritos.
6. Novos delitos se hão de inventar para mi, que, como não custam por agora mais que uma leve diligência, emprêgo tão barato quem deixará de o provar, a trôco de ver consumido êste portento de maldades, em cuja ruina consiste o remédio de muitos?
7. Estas boas qualidades e outros seus gabos não menores se acham por toda a erudição humana como se vê em Marco Túlio no 2º das Leis, Alexandre no Digesto, Ludovico Bolognino sôbre a Autentica, o Cardeal Zarabella no 4º das Clementinas,

André Barbatia contra os Médicos, Aristóteles na Ética, e no livro De vida e morte, no da Política e no 1º De Secretis;

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Os castelhanos, namorados de Olivença, se fiaram de alguns pescadores de Guadiana, com que assentaram trato;
2. Vossa Mercê, que vê de mais alto e ouve de mais perto, se sirva de me repartir as notícias do que souber;
3. Vossa Mercê se anime a me animar, escrevendo ali uma introdução, que nos assegure o campo;
4. As naus da Índia se foram e me deixaram cá ainda por julgar;

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. A estas se junta outra pouco menos importante, qual é a moderação em aqueles que não pendem de lei de quantidade.
2. Das águias se diz levantam algum animal no alto, para o deixarem cair.
3. Na confusão de minhas palavras se lê também a de meu espírito.
4. De ordinário se cuida da gente aquilo que nos parece que lhe merecemos.
5. Quatro anos há que aqui estou; em todos eles se fez de mi confiança;
6. Dos Magos se afirma houveram leis os Persas;
7. Com um pequeno período se fará tudo isto, que eu fique não de pouco em poucas palavras.
8. a cada passo se esquece seu autor de declarar bem.
9. Das próprias mãos que nos curam, se estremecem e se esquivam as chagas.
10. A isto se referia o que disse a Vossa Mercê, que por ventura seria em tão ruím forma dito, que seja eu o cúmplice desta interpretação, assi diversa de meu propósito, como a Vossa Mercê signífico.

- **Advérbio – Verbo**

1. Utilmente se reconhece entre os professores e mestres do espírito, a Arte de Orar do Padre Diogo Monteiro e o seu livro dos Atributos divinos;

2. Cedo se verá o desengano, porque em breve terei de ser julgado.
3. Ali se verá que tal anda aquela dignidade, que me sigo eu logo após ela.

16. ORTIGÃO, Ramalho. *Cartas a Emília*

⇒ Sentenças Enclíticas

• Sujeito da passiva – Verbo

1. Uma porta de veludo encarnado abre-se.
2. As janelas fizeram-se para alumiar as casas, e arejá-las, não se fizeram para ter senhoras penduradas.
3. A cerimónia faz-se na grande sala das Colunas, onde estão postas as mesas e colocados os pobres, homens e mulheres, em bancadas especiais.
4. Os mantos vestem-se como uma sobrepeliz e são apertados nas costas com grandes alamares de seda branca e grossos cordões brancos e têm no peito a grande e linda cruz de Santiago em pano vermelho.
5. A pista das corridas sabe-se que é a mais bela do mundo.
6. A festa faz-se em cada quarto de século, de 25 em 25 anos.
7. O penúltimo celebrou-se em 1880.
8. A educação de São Fiel tão desastrosamente interrompida, inutilizou-se para os rapazes.

• Sujeito não-passivo – Verbo

1. Senhora janeleira faz-se linguareira, invejosa, maldizente e ruim.
2. Este propõe-se fazer uma maionese segundo os mais completos aperfeiçoamentos da química.
3. A Rita tem-se arranjado bem, mas esta noite diz ela que apanhou um ar e está de pescoço à banda.
4. Os membros do Conselho Municipal de Paris, que são todos republicanos socialistas e vermelhos, foram-se todos inscrever no hotel Bristol.

5. A brasileira e o brasileiro que se não educam na Europa, **americanizam-se** ao seu modo e são no nosso velho mundo pessoas intratáveis.
6. O maestro di Camara **retirou-se**, ficamos sós.
7. José **mostrou-se** um pouco saudoso da elegância do colégio de Hanover, onde a pensão custava mais que a daqui 800 marcos, 200 mil réis por ano.
8. Os hóspedes **fazem-se** conhecer e servir por estes criados perante a apresentação de uma senha que para esse efeito se lhes dá no bureau do hotel.
9. António **exaltou-se**, disse que João Franco era uma besta, e concluiu dizendo que o que ele me devia dar era uma pensão, confundindo-me assim com a viúva de mim mesmo, chorosa, cercada de órfãos e estendendo a mão à caridade.
10. A Suíça **desinteressa-se** de tal negócio.
11. Os quadros que desta vez examinarei de perto e detidamente, **estão-se** a desfazer carcomidos pelo caruncho, e ninguém pensa em os amparar gastando alguns mil réis com eles.
12. As pequenas **compõem-se** melhor para a sua estatura com o chapéu.
13. O meu coração **aquietou-se**.
14. Os outros dois erros **referem-se** a duas peças de ourivesaria religiosa, de Braga, uma cruz processional e uma custódia compradas pelo príncipe em uma venda em Londres.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Em um jornal das notícias que recebeu aqui o Goyri, **diz-se** que a duquesa de Palmela partirá para Paris na segunda-feira próxima.
2. Sobre a fatia de pão **estende-se** primeiro o mel e põe-se por cima a manteiga.
3. No princípio **estranha-se** um pouco.
4. Nesse artigo, que foi reproduzido em Paris na Revue Hebdomadaire (número 17) de 27 de abril último, **lêem-se** estas linhas fundamentais.

- **Advérbio – Verbo**

1. Antes de principiar a missa **ouviam-se** muitos pássaros cantando em gaiolas postas em diversos pontos do altar-mor.

2. juntamente com a carne cozida **serve-se** tocinho baixinho, magro, intermeado, como o do Porto, um óptimo gebo de salpicão, chouriço de sangue como não há igual, vários legumes e sempre gravanços.
3. Além disso **diz-se** que 90 por 100 dos espanhóis se chamam José, e por último o dia que em Espanha se festeja na vida de cada um não é o dia dos anos mas sim o dia do Santo como em França.
4. Depois **gosta-se**.
5. Afinal **sabe-se** por rectificação do ministro em Berne que com o governo suíço não há convenção para troca de condecorações.
6. Aqui **reúnem-se** tantos que algumas vezes não têm lugar nas garages e têm ficado debaixo das árvores na mata.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Desse livro **se depreende** que os portugueses eram então estimadíssimos na sociedade espanhola.

17. SOUSA, Luis de. *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Mártires*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Polo temporal do convento **matava-se** pouco, inda que não tinha descuido.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Esta oração se repetia todas as vezes que os Padres se ajuntavam pera celebração de algum acto público de matérias do Concílio;

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Esta luz e nobreza de antiguidade tão alta se eclipsou na entrada fatal dos mouros e perda gèral de Espanha, assolando-a a corrente das armas vitoriosas dos bárbaros, como aconteceu a todas as maiores cidades do Reino.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Desta desgraça de Burgos - que por tal a teve o Arcebispo - se pagou logo à sua vontade em outros conventos;
2. Desta aceitação se fez assento assinado por todos, de que levou Frei Henrique o treslado, o qual anda no cartório do convento e parece feito em doze de Novembro de mil e quinhentos e sessenta.
3. Nos hábitos vis e remendados das noviças se enxergava estrema pobreza, sem nenhum género de curiosidade, das que até nos ramendos sabe persuadir o inimigo pera o ser em tudo;
4. Na sepultura se vêem, em partes, abertos uns pequenos furos, por onde se sente suavíssimo cheiro.
5. Daqui se entra na província de Linguadoc.
6. Na criação dos noviços se esmerava Frei Bertolameu com particular cuidado, porque - dizia ele e assi o deixou escrito - que dela dependia todo o bem ou mal das religiões.
7. Contra opinião de todos se entregou ao trabalho e sem nenhum receo, porque receava mais errar no que era sua obrigação.
8. Com esta tão limitada família se pôs a caminho um Arcebispo de Braga, Arcebispo e senhor temporal da mesma cidade, e Primaz das Espanhas!
9. Dentro de quinze dias se achou o Arcebispo outra vez em Trento e, como tardava em se abrir o santo Concílio, voava ele com o espírito à sua Igreja, que sempre trazia impressa na alma, e ia escrevendo muitas cartas ao seu governador e a todos

os mais ministros do governo secular e eclesiástico, pera suprir por esta via o que corporalmente se lhe negava.

- **Advérbio – Verbo**

1. Aqui se mostrou bem quanto poder tem reformar um homem primeiro em si o que pretende emendar nos outros.
2. Esta casa foi antigamente da invocação de Nossa Senhora; depois se chamou Santo António;
3. Aqui se assinalou Frei Bertolameu de maneira que honrou a Província e ganhou grande nome com os estrangeiros e naturais, com grande alegria e aplauso dos padres que o criaram, do que resultou declararem-no logo por leitor de Artes do Colégio de Lisboa, instituído por el-Rei Dom Manuel, donde o mesmo leitor era colegial, sem preceder, pera o leitorado, pretensão nem diligência, nem ainda imaginação sua.
4. juntamente se aparelhava pera dizer missa, examinando sua consciência pera se confessar primeiro, e uma cousa e outra fazia todos os dias, e em celebrar não faltava nenhum, salvo havendo justa causa, como adiante se dirá mais em particular;

18. VERNEY, Luis António. *Verdadeiro Método de Estudar*

⇒ **Sentenças Enclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Os nomes em que entra dúvida se são, ou não usados, **podem-se** escrever com as letras da sua derivação, pois a dúvida mostra que não é usual.
2. Esta doutrina, que até aqui estabelecemos, **deve-se** aplicar a todos os outros casos, que ocorrerem, de quaisquer letras que se não pronunciam.
3. Os Géneros, que tanta bulha fazem nas escolas, **explicam-se** com toda a brevidade:

4. Este estudo **pode-se** fazer sem trabalho algum, e se pode continuar no mesmo tempo em que se explica o Latim, bastando meia hora cada manhã ler e explicar o Português.
5. Um secretário de um Bispo, ou Cardeal, ou Fidalgo, ou Desembargador, etc, **governa-se** por uma pura tradição, ou porque assim viu alguma carta, sem mais conhecimento da matéria.
6. As cartas **mandam-se** lacradas para que ninguém saiba de quem são, e nem suspeite o que contêm;
7. Estas coisas **devem-se** tratar nestes primeiros estudos.
8. Esta tradição **conservou-se** sempre em Itália, e, nascendo o Italiano da corrupção do Latim, conservaram sempre as mesmas letras dobradas que os latinos têm, e talvez acrescentaram mais alguma.
9. Gente **escreve-se** com g;
10. Giro **escreve-se** com g;
11. Este modo de escrever **encostava-se** mais para a pronúncia, e com ele se evitavam confusões.
12. Algumas observações de menor momento **podem-se** ver nas Ortografias Portuguesas, tendo a advertência de não se deixar enganar das regras que dão, porque comumente são mui más.
13. O ponto **costuma-se** pôr no fim do período e quando o sentido é totalmente completo.
14. A admiração **nota-se** assim !.
15. A interrogação, ou pergunta, **distingue-se** com este sinal ?
16. O medo **reconhece-se** em cada página das suas obras.
17. A Gramática **deve-se** dividir em dois volumes.
18. A terceira pessoa do verbo, **construi-se** também com um verbo inifinito, vg Scire tuum nihil est, pro scientia tua.
19. Isto que digo de Fedro, **deve-se** entender de qualquer outro autor.
20. Isto posto, deve-se ler Ovídio nas Metamorfoses e Fastos, em que explica toda a Mitologia; depois as Heróidas, que são as suas melhores obras e as mais fáceis; as outras **podem-se** reservar para outro tempo.

21. As anomalias **podem-se** deixar, e basta que com o tempo se observem, quando se vai lendo.
22. As anomalias deles **podem-se** deixar, porque se aprendem com o uso.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Tais autores **copiaram-se** fielmente uns a outros, sem examinarem a matéria.
2. Quinto Cúrcio **enganou-se** muitas vezes, por ignorância da Geografia, Plínio, e alguns outros, como admiravelmente mostra o douto José Escalígero, nos Prolegómenos de Manílio.
3. A Construção Regular **funda-se** na Concordância, ou na Regência.
4. Vossa Paternidade **ri-se** de um pobre rapaz, que não é obrigado a saber o sentido da Escritura, nem os hebraísmos que se acham na Vulgata;
5. Esta notícia **conservou-se** nas escolas dos Gramáticos, ou escolas de ler (entre os Hebreus havia escolas de Gramática, e outras de Teologia), mas não nas escolas de Teologia;
6. Os melhores livros **acham-se** escritos em Vulgar;

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Sobre o C, **acha-se** alguma diversidade entre os mesmos Portugueses em que lugares deve entrar quando tem cedilha (ç).
2. Em Dante e Petrarca **acham-se** coisas não mui finas;
3. Na primeira regra, **põem-se** todos os que pertencem ao masculino, vg São do masculino os nomes de homens etc;
4. Na Esfera Armilar, **conhece-se** a disposição do Céu, respectivamente à Terra;
5. Com o tempo, **observa-se** a sintaxe da língua e os idiotismos, ou, maneiras próprias de se explicar diferentemente das outras línguas, o que se reduz a poucos pontos e se aprende do contexto.
6. No Advérbio, **deve-se** explicar e apontar os que são de perguntar, os que significam tempo, lugar, e outras diferentes espécies deles.
7. Em Douro etc, **pode-se** conceder alguma coisa ao uso.

8. Nos nomes de Províncias Ultramarinas, **deve-se** observar o mesmo, vg Brasiliense etc, Insolense, Indiano etc.
9. No primeiro, **devem-se** tratar aquelas coisas que indispensavelmente devem estudar os principiantes;
10. Desta sorte, **conclui-se** em poucas palavras toda aquela grande arenga de Pretéritos, que não têm fim nas escolas de Portugal.
11. Com este método, **explica-se** mui brevemente a Sintaxe, e mui sólidamente;
12. Neste princípio **deve-se** buscar o mais breve.
13. Em todo o caso, **devem-se** ler estes autores com os comentários, e o Mestre deve suprir com a explicação, não traduzindo muito, mas esse pouco com tal clareza, que não fique dificuldade alguma ao rapaz.
14. Na mesma última classe **podem-se** explicar alguns extractos das orações de Cícero, principalmente das mais fáceis, que são Pro Archia Poeta, Pro lege Manilia, Pro Marcelo e as Catilnarias.
15. Em todo o caso **devem-se** procurar as melhores edições destas obras, as mais correctas, e com boas notas.
16. Com o tempo, **pode-se** aumentar o número dos versos.
17. Na primeira parte, **trata-se** da origem e diferença das vozes latinas, que podem entrar na oração, por sua ordem.
18. no nominativo **aponta-se** quando entra na oração;
19. O mesmo digo de todos os outros casos, na explicação dos quais **deve-se** muito advertir de mostrar quais são as partes que verdadeiramente os regem, e não enganar os estudantes com as doutrinas das gramáticas vulgares, vg o genitivo é caso somente regido por um substantivo expresso ou supresso, ou por uma parte que esteja em lugar de substantivo.
20. Nas escolas comuns **sabe-se** pouco quando os obrigam a compor, vg na quarta e terceira, em que começam a traduzir de Latim em Português.
21. Dos Poetas Heróicos **pode-se** passar aos Bucólicos, que são Mosco, Bion, Teócrito, para aprender o dialecto dórico, em que escrevem, servindo-se do pequeno Dicionário de Schrevelius.
22. Daqui **passa-se** às declinações dos Nomes e seus diversos estados.

23. Desta sorte, **acostuma-se** o rapaz, desde o princípio, a servir-se de termos próprios e frases naturais à língua.
24. Aos acentos, **seguem-se** as linhas, que se escrevem entre as dicções para as juntar ou dividir na pronúncia.
25. Ao Verbo **segue-se** o Particípio, que aqui se deve explicar com as suas divisões, notando quais são os verbos que os têm;

- **Advérbio – Verbo**

1. Antigamente **escrevia-se** De este, De aquela, De a mesma etc, o que fãcilmente alcança quem considera o que vale aquele d, e com que motivo se introduziu.
2. Primeiro, **explica-se** o Nome e suas espécies.
3. Depois, **explica-se** a Gramática Figurada, e se aponta o fundamento da Figura, e como se pode reduzir à construção natural.
4. Depois, **toma-se** um autor que tenha junto a versão latina;
5. Finalmente, **deve-se** advertir que há outra separação de período, a que chamam parágrafo, o qual se começa quando a matéria que se trata se acabou, e se passa a outra matéria.
6. Depois, **podem-se** explicar os nomes compostos, os anômalos de género, de número, de caso e de declinação.
7. depois, **pode-se** introduzir algum diálogo sobre a matéria que se estuda, em que, de uma parte, um rapaz pergunte alguma coisa; da outra, responda outro, sempre em Latim.
8. Depois da vírgula, **seguem-se** os dois pontos.
9. Depois do estudo da Gramática Vulgar, **segue-se** o da Latina, e desta direi a Vossa Paternidade o meu parecer na presente carta.
10. Depois, **segue-se** a Sintaxe.
11. Antes **riem-se** muito, se acaso lhe dizem que é um estudo necessário.

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. As regras, que nisto dão os homens mais advertidos, se reduzem a estas: Põe-se letra grande: I, quando se começa o discurso; II, nos nomes próprios e sobrenomes, tanto de Pessoas, como Províncias, Cidades, Ilhas, Montes, Mares, Rios, Ventos e Animais;
2. Isto se pratica hoje em algumas partes da Europa, e só os que não têm juízo para conhecerem a utilidade que daqui resulta, é que negam a necessidade deste método.
3. Isto se faz, quando o estudante, nas escolas, vai lendo a língua dita, e o Mestre lhe explica o dialecto da prosa e do verso.
4. Estes se põem quando o sentido da oração é completo quanto à substância, mas não enquanto ao facto;
5. Uma e outra coisa se deve evitar.
6. O mesmo método se pode praticar no feminino e neutro.
7. Um e outro destes métodos se pode seguir;

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Esta confusão se aumenta quando se fala de homens do mesmo nome, da mesma nação, e talvez do mesmo tempo.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. Com isto se mostra quando os pronomes unem com os verbos, não só no sentido, mas na pronúncia, e, finalmente, quando muitas dicções na pronúncia compõem uma.
2. Por França, Alemanha, Holanda, Itália, e outras partes, se dilatou este método;
3. Do sobredito se inferem várias coisas:
4. Com razão se disse que Farnábio e Minélio, affectando brevidade, deixaram mil coisas importantes.
5. Nisto se compreende o melhor da Antiguidade.
6. Por esta mesma razão, se deve escrever em todos os verbos, como Leia, Paseia etc, porque, se os pronunciassem como Ceo, Plebeo, Chapeo etc, neste caso era justo que lho tirassem;

7. Destes se pode também dizer que lhes esqueceu escrever todas as quintas e casas que possuem, em diversas Vilas e Cidades, as pessoas a quem louvam e dedicam as obras.
8. Pela mesma razão da pronúncia, se deve desterrar das palavras ou portuguesas ou aporuguesadas, o Ph em lugar de F.
9. A estas se podiam ajuntar outras muitas palavras estrangeiras, que explicam melhor o que se quer dizer, principalmente quando se trata de Artes e Ciências, cujos termos é necessário usar, mas com cautela.
10. As declinações dos Nomes e Verbos estudam pela Gramática Latina; a esta se segue um cartapácio português de Rudimentos;

- **Advérbio – Verbo**

1. Sòmente se pratica escrever de próprio punho quando é primeira carta de cerimônia a pessoa grande, ou quando respondo a quem escreve de próprio punho, ou noutros casos assim.
2. Utilmente se usa da vírgula para distinguir e fazer mais claro o discurso, o que se faz em três casos:
3. Especialmente se põe, quando se fala de coisas opostas, ou quando se faz enumeração de muitas partes e se especificam todas, vg Destruio cazas, e templos;

19. VIEIRA, António. *Cartas*

⇒ **Sentenças Proclíticas**

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Os resgates dos escravos (que é outro ponto do interêsse dos moradores dêste Estado) se fizeram nestes dois anos com pouca fortuna, porque se quiseram fazer com maior cobiça/N.

2. As desatenções de Lisboa, que Vossa Senhoria experimenta, se padecem igualmente cá, e tanto mais quanto é maior a distância e as dependências mais presentes.
3. Estas e outras impossibilidades se podem e devem considerar neste ponto, ao qual, quando as não houvera, me parece que não ajuda o exemplo dos poderes que trouxeram os plenipotenciários de Munster e Osnabrug;
4. Estas mil e quinhentas caixas se hão-de navegar para Portugal, repartindo-se pro rata por todos os navios, os quais terão obrigação de levar de graça as que lhe couberem, que não serão muitas em tanta quantidade de embarcações;
5. O seu decreto e o meu se passaram juntos.

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Este flamengo se oferece a nos fabricar de novo seis ou mais fragatas de guerra, pelas bitolas que lhe der André Henriques, e de as dar aparelhadas e acabadas, postas no pôrto de Texel para partirem com o primeiro vento, desde o dia que se celebrar o concêrto a três meses, e com condição que as seguraré até se entregarem em Lisboa, pagando-se-lhe ou o que concertarem logo, ou o que as ditas fragatas, depois de acabadas, houverem feito de custo, com a ganância que fôr razão.
2. A carta do Padre Nuno se parece muito com êle.
3. O desembargador Cristóvam Soares se sangrou ante-ontem e purgou hoje, e entendo que se partirá àmanhã ou ao outro dia.
4. As vésperas de concêrto com êstes Estados se chegam cada dia mais, segundo tive por aviso do senhor Embaixador, que também deve mandar a Vossa Excelência, mas não as poderemos cantar com a solenidade que Vossa Excelência deseja, dando-nos Vossa Excelência tão poucas esperanças de dinheiro, sem o qual se não faz festa em nenhuma parte, e muito menos entre esta gente.
5. Êle se resolveu a esperar somente aviso de Vossa Excelência, que eu tenho por certo será que Sua Excelência se não despida sem aguardar assim esta resolução como a de França, que não podem tardar muitos dias, podendo-se do contrário seguir grandes danos ao serviço de Sua Majestade, de cuja vontade, não constando, se deve sempre presumir o que mais convém.

6. o zêlo **se converte** em loucura, e chega a paixão a fazer tais efeitos na saúde que não pode durar muito a vida.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. À nova da perdição dos seis navios **se acrescenta** agora a de haver dado peste de bexigas na armada:
2. para a continuação da guerra **se podem** mandar socorros de mantimentos do Maranhão e do Pará, com grande abundância e brevidade;
3. Do mesmo mal **se padece** nesta embaixada, cujos negócios é certo estiveram muito mais avançados se houvera dinheiro com que alhanar dificuldades, e é lástima que, quando temos insensibilidade para perder tanto, não tenhamos ânimo para o gastar ou empregar com tão manifesta usura.
4. Para a conveniência do primeiro **se representa** o grande dano que receberiam as Províncias de Holanda, vendo-se seus navios juntamente atacados em todas as partes:
5. Do Pôrto **se escreve** em navio mais moderno que, depois da empreza de Olivença, intentaram os castelhanos outra sobre Badajós, em que tiveram muito maior perda.
6. Destas duas mil e quinhentas caixas **se hão-de** tirar quinhentas de mascavado e quinhentas de branco, as piores, com que se há-de fazer pagamento aos holandeses.
7. Nelas, e nas certidões que vão, **se fala** em muitas pessoas assim eclesiásticas como seculares, e faça Vossa Reverência de conta que, em tudo o que aqui vai escrito, ainda que não seja em meu nome tenho eu parte, porque o ditei ou ordenei, e quando menos o solicitei.
8. Aos índios livres das aldeias, e aos escravos dos portugueses, assim das povoações como das suas lavouras, **se acode** com grande continuação e trabalho, catequizando-os, baptizando-os, confessando-os e administrando-lhes todos os sacramentos, e suprindo pela maior parte o ofício dos curas, que não há ou não podem acudir a lugares tão distantes, nem têm a inteligência da língua, sem a qual se não pode obrar nada com esta gente.

9. Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo.
10. Nos comissários se fala variamente:
11. Em uma e outra eleição se mostra bem que o Padre Nuno é o que chega uns e desvia outros.
12. neste correio se espera a nomeação;
13. Após esta jornada se fizeram duas, uma ao Pacajá pela cobiça do ouro, e outra ao Camuci pela do âmbar, e ambas sem efeito.

- **Advérbio – Verbo**

1. Alfim se fez o nosso negócio, sendo o mais desamparado;
2. Agora se diz aqui que, por outro navio chegado de Lisboa hontem, se sabe que o Governador António Teles ficava preso por ordem de Sua Majestade na Baía, para se devassar dêle sôbre o caso de Pernambuco, e que isto continha o recado do General, acrescentando que tinha ordem para tratar de paz e acomodamento, se os holandeses de Pernambuco o quisessem fazer, a que se diz que responderam que mandasse primeiro retirar as tropas da Campanha.
3. Aqui se diz que El-rei está livre na Ilha, e que nós não estamos seguros de seus parciais em Portugal.

20. VIEIRA, António. *Sermões*

⇒ Sentenças Enclíticas

- **Sujeito da passiva – Verbo**

1. A questão do dia do Juízo, e fim do mundo, **póde-se** excitar de dois modos e em dois sentidos:
2. As outras prophecias **cumprem-se** a seu tempo, esta do dia do Juízo tem o seu cumprimento antes de tempo;

3. A terra **compõe-se** de reinos, os reinos compõem-se de cidades, as cidades compõem-se de casas e campos, e principalmente de homens, e tudo isto, que tudo é terra (e toda a terra) perpetuamente está passando.
4. os reinos **compõem-se** de cidades, as cidades compõem-se de casas e campos, e principalmente de homens, e tudo isto, que tudo é terra (e toda a terra) perpetuamente está passando.
5. as cidades **compõem-se** de casas e campos, e principalmente de homens, e tudo isto, que tudo é terra (e toda a terra) perpetuamente está passando.
6. As profecias **chamam-se** na Escripura pezo:
7. As coisas **definem-se** pela essencia:
8. Aurora **deriva-se** de aurum, que em latim é o oiro;
9. As coisas definem-se pela essencia: o Baptista **definiu-se** pelas acções;

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. Elles **conheciam-se**, como homens, Christo conhecia-os, como Deus.
2. os outros **seccavam-se** á sede, e Elias abrazava-se e mirrava-se.
3. Elias **foi-se** para o céu, e deixou a Eliseu a sua capa.
4. os muros **arrasaram-se**, o colosso desfez-se, o mausoleo sepultou-se, a torre sumiu-se, o farol apagou-se, o templo ardeu, e o simulacro como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo.
5. o colosso **desfez-se**, o mausoleo sepultou-se, a torre sumiu-se, o farol apagou-se, o templo ardeu, e o simulacro como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo.
6. o mausoleo **sepultou-se**, a torre sumiu-se, o farol apagou-se, o templo ardeu, e o simulacro como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo.
7. a torre **sumiu-se**, o farol apagou-se, o templo ardeu, e o simulacro como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo.
8. o farol **apagou-se**, o templo ardeu, e o simulacro como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo.
9. O zelo **foi-se**, e ficou a capa do zelo.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. A Judas, que tinha valor e generosidade, dá-se-lhe benção de leão;
2. a Nepthali, que tinha presteza, mas não tinha valor, dá-se-lhe benção de cervo;
3. a Dan, que tinha prudencia, mas tinha peçonha, dá-se-lhe benção de serpente;
4. a Isachar, que tinha forças, e não tinha juiso, dá-se-lhe benção de jumento;
5. a Benjamin, que tinha ousadia, mas junta com voracidade, dá-se-lhe benção de lobo.
6. No mal, que é de todos, perde-se comparação;
7. Para um Juiso perfeito requerem-se tres coisas: sciencia para examinar, justiça para julgar, poder para executar.
8. no Juiso de Deus perdoam-se os peccados como fraquezas: no juiso dos homens castigam-se as valentias como peccados.
9. No tempo da paz pôde-se soffrer, que se deem os logares ás gerações; mas no tempo da guerra, não se hão-de dar senão ás acções.
10. no Juiso de Deus perdoam-se os peccados como fraquezas: no juiso dos homens castigam-se as valentias como peccados.
11. Entre as feras tomava-se com os leões, e entre os homens com os gigantes.
12. Depois da vida segue-se a conta;
13. No ar contente-se a andorinha com ser andorinha:
14. No mar contente-se a remora com ser remora:
15. Na terra contente-se a formiga com ser formiga:

⇒ **Sentenças Proclíticas**

• **Sujeito da passiva – Verbo**

1. Este modo de dizer se tem commummente por tradição antiquissima, continuada desde o principio do mesmo mundo.
2. Os jogos seculares se chamavam assim, porque se celebravam uma só vez de século a século;
3. Os dados tão firmes se assentam com poucos pontos, como com muitos;

4. Esta se contém na parábola do outro rei, o qual fez o que muitos não fazem, que é tomar conta aos criados de sua casa:

- **Sujeito não-passivo – Verbo**

1. O mesmo se passa nos dez predicamentos.

- **Sintagma preposicional – Verbo**

1. D'este primeiro e largo discurso, e da resolução d'elle, se póde colher facilmente a do segundo, em que vos prometi mostrar quaes hão-de ser no dia do Juízo os que hão-de ficar á mão direita, e quaes á esquerda.
2. Por estes jogos, mais que pelo curso do sol, se contavam e distinguíam os annos.
3. D'esta distincção que o Evangelista faz de livro a livros, se vê claramente, que o livro era da vida, liber qui est vitae, e que os livros eram da conta, porque pelos livros foram julgados os mortos:
4. Nos jogos de descarte pelo descarte se vê claramente quão seguro tem na mão o triumpho quem ha-de vencer.
5. d'outras se lavram, semeam, e plantam os mesmos logares, sem mais vestígios de haverem sido, os que encontram os arados, quando rompem a terra.
6. No dia do Juízo se ouvirá.
7. Do que acrescenta David se verá a razão da differença:
8. D'aqui se entenderá uma grande duvida, que deixamos atraz de ponderar.
9. D'aqui se segue com evidencia, que tambem hoje, ámanhã, e cada dia, é o fim do mundo.
10. D'aqui se segue, que tanta conta ha-de pedir Deus ao rico da sua riqueza, como ao pobre da sua pobreza;

- **Advérbio – Verbo**

1. então se conhecerá qual é o trigo, e qual a zizania.

Apêndice II: Tabelas.

Índice das tabelas

1. A distribuição da ênclise versus a próclise com o clítico <i>se</i> em sentenças com o verbo em segunda posição superficial	182
2. A distribuição da ênclise versus a próclise com o clítico <i>se</i> em sentenças com o verbo em segunda posição superficial — períodos de 50 anos.	182
3. A ênclise e a próclise e o tipo de sintagma pré-verbal (sentenças com <i>se</i> passivo)	183
4. A ênclise e a próclise e o tipo de sintagma pré-verbal (sentenças com <i>se</i> passivo) — períodos de 50 anos	183
5. A ênclise e a próclise e o tipo de sintagma pré-verbal (sentenças com <i>se</i> não-passivo)	184
6. A ênclise e a próclise e o tipo de sintagma pré-verbal (sentenças com <i>se</i> não-passivo) — períodos de 50 anos	184
7. O percentual de ênclise de cada uma das ordens de palavras dentro do percentual geral da ênclise em relação à próclise no contexto <i>XV</i>	185
8. O percentual de ênclise de cada uma das ordens de palavras dentro do percentual geral da ênclise em relação à próclise no contexto <i>XV</i> — períodos de 50 anos	185

Tabela 1: a distribuição da ênclise versus a próclise com o clítico *se* em sentenças com o verbo em segunda posição superficial.

autor	Ano de nascimento	E	% E	P	% P	Total
Diogo do Couto (cou)	1542	10	0,16	53	0,84	63
Luis de Sousa (sou)	1556	1	0,06	15	0,94	16
F. Rodrigues Lobo (lob)	1579	2	0,06	31	0,94	33
Manuel da Costa (mco)	1601	14	0,36	25	0,64	39
Antonio Vieira - <i>Cartas</i> (vie-c)	1608	0	0,00	27	1,00	27
Antonio Vieira – <i>Sermões</i> (vie-s)	1608	32	0,67	16	0,33	48
F. Manuel de Melo (mel)	1608	2	0,08	24	0,92	26
Antonio das Chagas (cha)	1631	2	0,12	14	0,88	16
Manuel Bernardes (ber)	1644	10	0,29	24	0,71	34
J. Cunha Brochado (bro)	1651	1	0,04	27	0,96	28
Maria do Céu (ceu)	1658	0	0,00	19	1,00	19
André de Barros (aba)	1675	6	0,13	40	0,87	46
Alexandre de Gusmão (gus)	1695	1	0,06	16	0,94	17
Matias Aires (air)	1705	50	0,50	51	0,50	101
Antonio Verney (ver)	1713	64	0,75	21	0,25	85
Antonio da Costa (aco)	1714	9	0,56	7	0,44	16
Correia Garção (gar)	1724	4	0,24	13	0,76	17
Marquesa de Alorna (alo)	1750	11	0,58	8	0,42	19
Almeida Garrett (gtt)	1799	40	0,80	10	0,20	50
Ramalho Ortigão (ort)	1836	32	0,97	1	0,03	33

Tabela 2: a distribuição da ênclise versus a próclise com o clítico *se* em sentenças com o verbo em segunda posição superficial — períodos de 50 anos.

Período	E	% E	P	% P	Total
1500-1549	10	0,16	53	0,84	63
1550-1599	3	0,06	46	0,94	49
1600-1649	60	0,32	130	0,68	190
1650-1699	8	0,07	102	0,93	110
1700-1749	127	0,58	92	0,42	219
1750-1799	51	0,74	18	0,26	69
1800-1849	32	0,97	1	0,03	33

Tabela 3: a ênclise e a próclise e o tipo de sintagma pré-verbal (sentenças com *se* passivo)

autor	Ano de nascimento	Z-V		PP-V		Adv-V	
		E	P	E	P	E	P
Diogo do Couto (cou)	1542	0	2	0	11	0	2
Luis de Sousa (sou)	1556	0	1	1	4	0	2
F. Rodrigues Lobo (lob)	1579	0	9	1	7	0	2
Manuel da Costa (mco)	1601	10	6	2	12	0	0
Antonio Vieira - <i>Cartas</i> (vie-c)	1608	0	5	0	13	0	3
Antonio Vieira – <i>Sermões</i> (vie-s)	1608	9	4	10	8	0	1
F. Manuel de Melo (mel)	1608	1	7	0	7	0	3
Antonio das Chagas (cha)	1631	0	5	1	1	0	0
Manuel Bernardes (ber)	1644	2	3	2	10	0	1
J. Cunha Brochado (bro)	1651	1	6	0	6	0	6
Maria do Céu (ceu)	1658	0	1	0	4	0	0
André de Barros (aba)	1675	2	2	0	14	0	11
Alexandre de Gusmão (gus)	1695	0	5	1	2	0	0
Matias Aires (air)	1705	17	5	4	18	4	5
Antonio Verney (ver)	1713	22	7	22	9	7	3
Antonio da Costa (aco)	1714	5	0	0	1	0	3
Correia Garção (gar)	1724	1	0	1	5	0	5
Marquesa de Alorna (alo)	1750	0	1	2	6	2	0
Almeida Garrett (gtt)	1799	2	1	2	1	2	5
Ramalho Ortigão (ort)	1836	8	0	4	1	5	0

Tabela 4: a ênclise e a próclise e o tipo de sintagma pré-verbal (sentenças com *se* passivo) — períodos de 50 anos.

Período	Z-V		PP-V		Adv-V	
	E	P	E	P	E	P
1500-1549	0	2	0	11	0	2
1550-1599	0	10	2	11	0	4
1600-1649	22	30	15	51	0	8
1650-1699	3	14	1	26	0	17
1700-1749	45	12	27	33	11	16
1750-1799	2	2	4	7	4	5
1800-1849	8	0	4	1	5	0

Tabela 5: a ênclise e a próclise e o tipo de sintagma pré-verbal (sentenças com *se* não-passivo)

autor	Ano de nascimento	S-V		PP-V		Adv-V	
		E	P	E	P	E	P
Diogo do Couto (cou)	1542	10	20	0	14	0	4
Luis de Sousa (sou)	1556	0	1	0	5	0	2
F. Rodrigues Lobo (lob)	1579	1	6	0	6	0	1
Manuel da Costa (mco)	1601	2	4	0	3	0	0
Antonio Vieira - <i>Cartas</i> (vie-c)	1608	0	6	0	0	0	0
Antonio Vieira – <i>Sermões</i> (vie-s)	1608	8	1	5	2	0	0
F. Manuel de Melo (mel)	1608	1	4	0	3	0	0
Antonio das Chagas (cha)	1631	1	2	0	5	0	1
Manuel Bernardes (ber)	1644	4	2	1	6	1	2
J. Cunha Brochado (bro)	1651	0	6	0	2	0	1
Maria do Céu (ceu)	1658	0	4	0	8	0	2
André de Barros (aba)	1675	2	0	2	9	0	4
Alexandre de Gusmão (gus)	1695	0	2	0	6	0	1
Matias Aires (air)	1705	19	11	3	9	3	3
Antonio Verney (ver)	1713	6	1	3	1	4	0
Antonio da Costa (aco)	1714	3	3	1	0	0	0
Correia Garção (gar)	1724	2	0	0	2	0	1
Marquesa de Alorna (alo)	1750	6	1	1	0	0	0
Almeida Garrett (gtt)	1799	29	0	5	0	0	3
Ramalho Ortigão (ort)	1836	14	0	0	0	1	0

Tabela 6: a ênclise e a próclise e o tipo de sintagma pré-verbal (sentenças com *se* não-passivo) — períodos de 50 anos.

Período	S-V		PP-V		Adv-V	
	E	P	E	P	E	P
1500-1549	10	20	0	14	0	4
1550-1599	1	7	0	11	0	3
1600-1649	16	19	6	19	1	3
1650-1699	2	12	2	25	0	8
1700-1749	30	15	7	12	7	4
1750-1799	35	1	6	0	0	3
1800-1849	14	0	0	0	1	0

Tabela 7: o percentual de ênclise de cada uma das ordens de palavras dentro do percentual geral da ênclise em relação à próclise no contexto XV.

autor	Ano de nascimento	S-V		Z-V		PP-V		Adv-V	
		E	%	E	%	E	%	E	%
Diogo do Couto (cou)	1542	10	0,16	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Luis de Sousa (sou)	1556	0	0,00	0	0,00	1	0,06	0	0,00
F. Rodrigues Lobo (lob)	1579	1	0,03	0	0,00	1	0,03	0	0,00
Manuel da Costa (mco)	1601	2	0,05	10	0,26	2	0,05	0	0,00
Antonio Vieira - <i>Cartas</i> (vie-c)	1608	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Antonio Vieira – <i>Sermões</i> (vie-s)	1608	8	0,17	9	0,19	15	0,31	0	0,00
F. Manuel de Melo (mel)	1608	1	0,04	1	0,04	0	0,00	0	0,00
Antonio das Chagas (cha)	1631	1	0,06	0	0,00	1	0,06	0	0,00
Manuel Bernardes (ber)	1644	4	0,12	2	0,06	3	0,09	1	0,03
J. Cunha Brochado (bro)	1651	0	0,00	1	0,04	0	0,00	0	0,00
Maria do Céu (ceu)	1658	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
André de Barros (aba)	1675	2	0,04	2	0,04	2	0,04	0	0,00
Alexandre de Gusmão (gus)	1695	0	0,00	0	0,00	1	0,06	0	0,00
Matias Aires (air)	1705	19	0,19	17	0,17	7	0,07	7	0,07
Antonio Verney (ver)	1713	6	0,07	22	0,26	25	0,29	11	0,13
Antonio da Costa (aco)	1714	3	0,19	5	0,31	1	0,06	0	0,00
Correia Garção (gar)	1724	2	0,12	1	0,06	1	0,06	0	0,00
Marquesa de Alorna (alo)	1750	6	0,32	0	0,00	3	0,16	2	0,11
Almeida Garrett (gtt)	1799	29	0,58	2	0,04	7	0,14	2	0,04
Ramalho Ortigão (ort)	1836	14	0,42	8	0,24	4	0,12	6	0,18

Tabela 8: o percentual de ênclise de cada uma das ordens de palavras dentro do percentual geral da ênclise em relação à próclise no contexto XV — períodos de 50 anos.

Período	S-V		Z-V		PP-V		Adv-V	
	E	%	E	%	E	%	E	%
1500-1549	10	0,16	0	0,00	0	0,00	0	0,00
1550-1599	1	0,02	0	0,00	2	0,04	0	0,00
1600-1649	16	0,08	22	0,12	21	0,11	1	0,01
1650-1699	2	0,02	3	0,03	3	0,03	0	0,00
1700-1749	30	0,14	45	0,21	34	0,16	18	0,08
1750-1799	35	0,51	2	0,03	10	0,14	4	0,06
1800-1849	14	0,42	8	0,24	4	0,12	6	0,18